

Jornalismo, Educação e Memória

um diálogo possível

**Mayara Sousa Ferreira
Thamyres Sousa de Oliveira
Luana de Sousa Rodrigues Moura
Vinícius da Silva Coutinho
Orgs.**



EdUESPI

Mayara Sousa Ferreira
Thamyres Sousa de Oliveira
Luana de Sousa Rodrigues Moura
Vinícius da Silva Coutinho
(Orgs.)

Jornalismo, educação e memória
um diálogo possível



EdUESPI



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Rosineide Candeia de Araújo
Vice-Reitora

Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Gustavo Oliveira de Meira Gusmão
Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação

Ailma do Nascimento Silva
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Pedro Antônio Soares Júnior
Pró-Reitor de Administração

Geraldo Eduardo da Luz Júnior
Pró-Reitor Adj. de Administração

Raimundo Isídio de Sousa
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e
Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



José Wellington Barroso de Araújo Dias **Governador do Estado**
Maria Regina Sousa **Vice-governadora do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Rosineide Candeia de Araújo **Vice-Reitora**

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto **Presidente**
Algemira de Macedo Mendes **Universidade Estadual do Piauí**
Antonia Valtéria Melo Alvarenga **Academia de Ciências do Piauí**
Antonio Luiz Martins Maia Filho **Universidade Estadual do Piauí**
Fábio José Vieira **Universidade Estadual do Piauí**
Hermógenes Almeida de Santana Junior **Universidade Estadual do Piauí**
Joséliade Carvalho Leão **Universidade Estadual do Piauí**
Laécio Santos Cavalcante **Universidade Estadual do Piauí**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Universidade Estadual do Piauí**
Paula Guerra Tavares **Universidade do Porto - Portugal**
Pedro Vilarinho Castelo Branco **Universidade Federal do Piauí**
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro **Universidade Estadual do Piauí**
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz **Academia Piauiense de Letras**
Marcelo de Sousa Neto **Editor**
Marcos Antonio de S. Rodrigues Moura **Revisão**
Vinícius da Silva Coutinho **Capa**
Editora e Gráfica - UESPI **E-book**

J82 **Jornalismo, educação e memória [recurso eletrônico]: um diálogo possível / Organizado por Mayara Sousa Ferreira ... [et al.]. – Teresina: EdUESPI, 2021.**
E-book.

ISBN: 978-65-88108-40-6

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Educação.
I. Ferreira, Mayara Sousa (Org.). II. Título.

CDD: 302.2

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB 3ª Região/1188

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI
UESPI (*Campus Poeta Torquato Neto*)
Rua João Cabral, 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados

A todos aqueles que se interessam pelos estudos de memória, contra silenciamentos e esquecimentos.

Prefácio

No momento em que escrevo este texto, início de junho de 2021, o Brasil caminha para a inacreditável marca de meio milhão de mortos por Covid-19 e o mundo se direciona para os quatro milhões de vidas perdidas para a mesma doença.

Há mais de um ano que vivemos uma suspensão do tempo, não do tempo histórico, mas do tempo enquanto experiência antropológica. Vivenciamos a suspensão das nossas atividades presenciais, a ruptura com um modo de viver de um passado que parece não ter mais hora para voltar. Estamos experimentando novas formas de comunicabilidades, sociabilidades e afetividades.

Os rituais estão em processo de transformação, das vivências do luto às formas de luta pela sobrevivência em um país como o Brasil, em que a luta se impõe diante de nós, tanto para sobrevivermos, não só ao vírus, mas à fome e à pandemia da desinformação que empurra uma parte considerável de nossa população para os braços de Thanatos.

Nesse cenário, o Brasil segundo a edição especial da *The Economist* no início do mês de junho de 2021, está à beira do abismo, em coma. E em meio à tudo isso, o jornalismo como o conhecemos socialmente, constituído dentro do que Hartog (2015) denomina de regime de historicidade da modernidade, o presentismo; agoniza em suspeição pública, tanto pelo desvelar de práticas inconcebíveis para uma instituição que deve trabalhar pela sociedade, como e, principalmente, pelo confronto com o fenômeno e o mercado da desinformação que na última década tem crescido em tamanho e lucratividade e que procura jogar o cidadão comum contra o jornalismo, visto que o jornalismo ainda é uma barreira contra a ignorância coletiva que assola este país no presente.

Em meados de 2020, o próprio François Hartog publicou um texto em que, ao analisar as transformações nas ações sociais e comunitárias, no vocabulário e no imaginário coletivo que passou a ser intermediado pelo medo e pelo pânico, como consequências da patologia que se transformou rapidamente em epidemia, nos diz que “ a fase conquistadora e otimista do presentismo ficou para trás”.

A pandemia abalou as bases da economia e favoreceu os que estão no topo da pirâmide da riqueza em detrimento da grande base de miseráveis que se aglomera na fome, na impossibilidade de evitar o vírus, naquilo que Boaventura de Sousa Santos também em 2020 denominou de “cruel pedagogia do vírus”.

A pandemia da Covid-19 potencializou outra pandemia, a da desinformação. Segundo um estudo do Instituto Reuters em parceria com a Universidade de Oxford, nos três primeiros meses de expansão da doença houve um incremento de 900% na produção e circulação de *fake News* no Reino Unido. No Brasil, o aumento foi possível não somente pela ação mercado da desinformação, mas porque outros atores sociais entraram nas disputas pela verdade, como parte da classe médica que se opõe veemente à ciência e às evidências científicas. No meio de tudo isso, o jornalismo tenta restabelecer seu contrato de credibilidade com a sociedade, ajustando-se ao novo momento, expondo não somente seu lugar de fala e suas ideologias, mas também suas práticas e seus processos.

Jacques Le Goff (2003) denomina o jornalista de um dos profissionais da memória, visto que este atua em uma instituição que seleciona o que será visibilizado em detrimento dos fatos que serão relegados ao esquecimento em meio à um processo de centralidade midiática e de excesso de informação circulante. Nesse ponto há diversos posicionamentos; Ana Regina Rêgo (2016) considerando o último volume de *Lugares de Memória* de Pierre Nora situa o jornalismo como um possível lugar de memória a partir da disponibilidade para o confronto dialético e simbólico com o pesquisador que o procura à posteriori de seu tempo de produção. Marialva Barbosa pontua que o jornalismo é, principalmente, um lugar de história.

Considerando, portanto, que história e memória são construídas no presente da visão conforme pensado por Agostinho(2014) e que o jornalismo trabalha em contextualidades e temporalidades pontuais em seus presentes, com a força transformadora capaz de temporalizar as temporalidades, aqui numa alusão a Heidegger (2015); vale ponderar que independente do modo de como o pesquisador o toma, se lugar de memória e/ou de história, este é de grande relevância não somente para contextualização de pesquisas de caráter histórico como também e, principalmente, por possibilitar o confronto de narrativas e de versões sobre presentes do passado, que como nos diz Agostinho (2014), nos chegam pela memória.

O livro que Mayara Ferreira, Thamyres Sousa, Luana Rodrigues e Vinícius Coutinho organizam, *Jornalismo, Educação e Memória* tem duplo desafio e infinitas possibilidades de se

colocar como fonte que carrega rastros e vestígios de passados, ora acessados e desvelados. O primeiro desafio posto é o de se posicionar na sociedade como uma produção capaz de reatar laços do povo com a experiência, visto que sem isso, a ignorância enquanto prática social e cultural passa a preponderar. O segundo desafio é de se colocar como um propulsor de novas produções narrativas sobre o passado e o presente.

No primeiro capítulo as organizadoras do livro trazem um relato sobre a Liga Acadêmica de Jornalismo (Joeme), a primeira vinculada ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, em Picos. Ao apresentar a experiência do primeiro ano de atuação da liga, as autoras e atuais coordenadoras e supervisoras docentes propõem uma reflexão e autoavaliação do percurso, das metodologias e da produção científica dos integrantes.

A memória sobre o campo científico da comunicação no nordeste brasileiro é foco do texto elaborado por Maria Aparecida de Castro, Ruty Karinne Muniz de Souza, Érika Ravena da Silva Alves e Mayara Sousa Ferreira. O capítulo se propõe a questionar sobre as memórias construídas sobre o campo científico a partir de uma análise das publicações de artigos do Grupo Temático de Jornalismo do Intercom Nordeste, evento realizado anualmente.

No próximo capítulo Marx Rodrigues de Moura e Luana Rodrigues de Moura fazem um relato de experiência tendo como ponto motivador os primeiros passos da Unidade de Memória do Campus Picos com o intuito de compreender o contexto do surgimento de uma unidade de memória numa instituição pública de ensino e sua importância no contexto local.

Marielle Franco é tema do texto em que as autoras, Sheron Weide Alves Ferreira e Mayara Ferreira procuram compreender as memórias construídas sobre a vereadora do Rio de Janeiro no Portal G1.

Em seguida, as pesquisadoras Géssica Lima dos Santos, Edira Sousa Santos e Thamyres Sousa trabalham a construção da memória da família Claudino em matérias jornalísticas sobre a morte do patriarca João Claudino.

Já o próximo capítulo traz em título o par de binários opostos memória e esquecimento, que para Agostinho por exemplo, são falsos opostos, visto que para saber que esqueci é preciso lembrar que esqueci. A deusa Mnemosyne e o Rio de Lethe são acionados pelas autoras, Luana Rodrigues, Lia Barbosa, Vinicius Coutinho e Thamyres Sousa tendo como objeto de observação a catedral de Picos vista pelo olhar da mídia local.

Adailson Expedito de Carvalho, Sheron Weide Alves Ferreira e Mayara Ferreira trabalham ainda a construção de uma memória sobre São João da Canabrava no jornalismo online do Piauí.

E para finalizar a publicação, a memória e sua relação intrínseca com o jornalismo em uma comunidade centralizada é novamente abordada no capítulo, que tem como mote a construção de memórias de personagens locais que estariam em esquecimento, mas que desvelados pelo jornalismo retornam ao fluxo do tempo e se tornam parte da história.

Em toda a publicação os rios e os fluxos de memórias são abordados a partir de sua íntima interlocução com o jornalismo e a mídia, jogos narrativos e estruturas de poder silenciosos se colocam como mediadores dos processos de construção mnemônicos que necessitam ser críticos.

Vale a pena ler!

*Ana Regina Rêgo**,

São Paulo, 5 de junho de 2021

*Jornalista, professora, pesquisadora, mãe e aquela que apresentou os estudos sobre memória, história e jornalismo às professoras Mayara Ferreira e Thamyres Sousa que, hoje, também levam os temas para “fazer chover” no Sertão do Piauí. A educação é vida que continua geração após geração (Trecho acrescentado pelos organizadores do livro)

Apresentação

Idealizamos o desenvolvimento de condições para a problematização de questões relativas às práticas, teorias e pesquisas em jornalismo, ultrapassando suas fronteiras como campo científico da comunicação. Pensamos em interconexões que gerassem enriquecimento no olhar e amplidão no alcance da nossa visão, a partir de um foco sobre as relações com a educação pelo ângulo da construção das memórias. Projetamos a produção e divulgação de estudos interdisciplinares realizados no curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo (CPBA), e muito além dele. Assim, nasceu a Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). Assim, nasce esta coletânea.

Contudo, pesquisar não é uma tarefa fácil. Exige vontade, dedicação, coragem e muito entusiasmo. Mas como reunir essa série de qualidades em plena pandemia?! A nossa Liga conseguiu! Depois de um semestre de leituras que finalizou com as ideias para as futuras pesquisas, fizemos uma pausa para um café (talvez mais de um) e retornamos. Não poderíamos parar apenas nas leituras e discussões.

Se, como dizia Freire (2001, p. 32), em *Pedagogia da Autonomia*, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, a etapa da pesquisa deveria ser continuada. Apesar da crise sanitária ocasionada pela Covid-19, do medo e das perdas que, infelizmente, tivemos, a Liga Joeme foi fortalecida. Usamos as dores do momento para entender a importância da pesquisa, do acolhimento e do olhar atento ao jornalismo, à educação e à memória.

A esperança de que pudéssemos aprender pesquisando, partilhando e colaborando nos moveu a essa produção. A escolha dos temas foi livre. Rapidamente, agrupamos-nos segundo os interesses e afinidades de estudo. Todos os membros apresentaram problemas de investigação, lapidados em grupo. E partimos para a produção. Coube às professoras orientar os membros na caminhada da investigação científica, em busca de respostas e de mais perguntas. Não pense que foi fácil.

Teve choro... era site sem memória para facilitar a coleta de dados, textos que não pudemos ler pela impossibilidade de irmos às bibliotecas e arquivos públicos (tudo parou, tudo fechou), dificuldade na compreensão dos conceitos, malabarismo com os horários, textos que iam e voltavam bem marcados, pedidos de novos prazos e rolou até uns “a pesquisa não é pra mim”, frase que foi desconstruída à medida que os textos tomavam forma.

Dividimos a coletânea em duas partes. Na primeira, agrupamos trabalhos que versam sobre educação, sempre conectados à memória. Na segunda parte, o foco é o jornalismo como lugar de memória.

Pegue seu café e nos acompanhe nesta leitura!

*Thamyres Sousa de Oliveira
e Mayara Sousa Ferreira,
Teresina, Picos, fevereiro de 2021*

Sumário

PARTE 1 - Educação e memória

Jornalismo, educação e memória: experiência da liga acadêmica Joeme 12

Mayara Sousa Ferreira

Thamyres Sousa de Oliveira

A construção da memória sobre o campo científico do jornalismo no Nordeste 36

Erika Ravena da Silva Alves

Maria Aparecida de Castro

Rutty Karinne Muniz de Souza

Mayara Sousa Ferreira

Unidade de Memória do Campus Picos: um relato de experiência de implantação de um lugar de memória no IFPI 66

Marx Rodrigues de Moura

Luana de Sousa Rodrigues de Moura

PARTE 2 - Jornalismo e memória

Memórias de Marielle: o que os títulos evocam? 89

Sheron Weide Alves Ferreira

Mayara Sousa Ferreira

Em memória, João: o jornalismo e a construção de memórias da família Claudino 111

Géssica Lima Feitosa dos Santos

Ediara Sousa dos Santos

Thamyres Sousa de Oliveira

Entre a Memória e o Esquecimento: a cobertura jornalística da troca do piso da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios em Picos-PI 129

Luana de Sousa Rodrigues Moura
Vinícius da Silva Coutinho
Lia Rachel Silva Marinho Barbosa
Thamyres Sousa de Oliveira

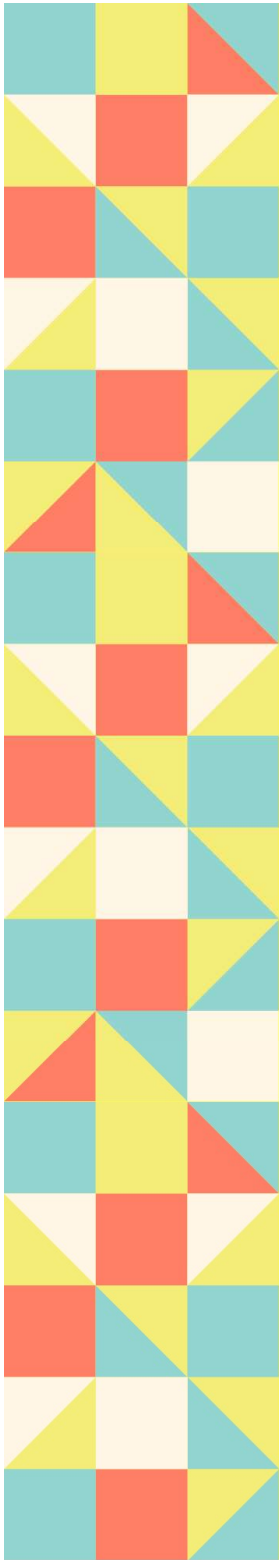
**Jornalismo e Memória: vestígios de São João da Canabrava - PI no
jornalismo on-line piauiense** **149**

Adailson Expedito de Carvalho
Sheron Weide Alves Ferreira
Mayara Sousa Ferreira

**A atuação jornalística na construção de memórias sobre personagens
locais** **165**

Yelle Soares de Sousa
Vinícius da Silva Coutinho
Luana de Sousa Rodrigues Moura
Thamyres Sousa de Oliveira

Autores **185**



Educação e Memória

parte 1

Jornalismo, educação e memória: experiência da liga acadêmica Joeme

NOMES

Mayara Sousa Ferreira
Thamyres Sousa de Oliveira

AFILIAÇÃO

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Para início de conversa

Relatar a experiência de fazer parte de uma liga acadêmica exige, inicialmente, que saibamos o conceito de liga. Entre os vários conceitos que se atribui ao termo liga, buscaremos entendê-la como ato ou efeito de ligar ou ainda como sociedade ou associação que tenha algum objetivo comum (INFOPÉDIA, c2020.). Compreender liga como um ato ou efeito de ligar é dar-se conta de que é necessário juntar o que, porventura, pode ainda estar disperso, silenciado, imerso. Afirmar que se trata de “sociedade ou associação com qualquer objetivo” é assegurar que pode haver uma união em prol de interesses comuns.

É assim que compreendemos a Liga Acadêmica de Jornalismo Educação e Memória (Joeme): uma reunião de pessoas que têm como interesse comum discutir jornalismo, educação e memória. Os encontros da liga, em situações normais, costumam ocorrer em sua maioria, às sextas-feiras, em salas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo (CPBA), em Picos-PI, ou até mesmo em seus corredores, em qualquer lugar onde se possa dialogar.

Embora o entendimento de ligas acadêmicas, muitas vezes, seja associado apenas à saúde, qualquer área do conhecimento pode dispor de uma liga, uma vez que elas são uma opção para que o acadêmico e a comunidade em geral aprofundem, complementem o estudo de temas e tenham garantidos ensino, pesquisa e extensão.

A primeira liga acadêmica da qual temos conhecimento foi criada, em 1920, a Liga de Combate à Sífilis (QUEIROZ *et al.*, 2014), mas para os autores o fortalecimento das ligas se deu durante a ditadura militar. Estreitando laços entre a comunidade e a academia e complementando o ensino, as ligas acadêmicas têm sido cada vez mais necessárias, em nome de um estímulo ao fazer pensar, problematizar e levar conhecimento para fora dos muros da universidade.

No campo do jornalismo, esse processo de surgimento de ligas acadêmicas é bem recente, se considerarmos o fato de que a expansão dos cursos de nível superior na área se deu nos governos militares com a obrigatoriedade do diploma. Até então, existiam poucos cursos no país. No caso do curso de Jornalismo da UESPI/CPBA, a primeira liga surgiu em 2019, embora a criação do curso tenha ocorrido em 2001 (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ, 2001), e a primeira turma tenha adentrado a universidade em agosto do ano seguinte.

A Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória foi idealizada pela professora Mayara Sousa Ferreira, uma das autoras deste artigo, que também é coordenadora da liga. A liga Joeme é a primeira liga vinculada ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, em Picos-PI, e tem como objetivo geral promover a extensão e a produção científica, por meio de atitudes problematizadoras referentes às interconexões entre diferentes áreas do saber, especificamente, jornalismo, educação e memória.

Após o convite feito à comunidade acadêmica e demais interessados, a liga iniciou suas atividades em 7 de junho de 2019, dispondo tanto de alunos e de professores do curso de Jornalismo da UESPI como de um representante da comunidade em geral, que, outrora, já foi membro da UESPI. Vivemos o desafio de nos tornarmos interdisciplinares, trazendo para o curso de Jornalismo saberes de outras áreas. Além disso, buscamos trazer a comunidade para a universidade e, igualmente, levar um pedacinho da universidade para a comunidade, por meio do compartilhamento de saberes e dos eventos propostos pela liga.

Depois de quase um ano de atuação da liga, sentimos a necessidade de relatar nossas experiências, apresentar acertos e refletir sobre fragilidades, ou seja, nos avaliar. Desse modo, o objetivo geral deste trabalho trata-se de apresentar um relato de experiência sobre o primeiro ano de atuação da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). Para Daltro e Faria (2019), o relato de experiência trata-se de um estudo de natureza qualitativa que valoriza a explicação descritiva e interpretativa dos fenômenos circunscrita em um tempo histórico.

Para isso, inicialmente, apresentaremos a metodologia da liga, a maneira como acontecem os encontros, a frequência e em quais espaços. Posteriormente, falaremos sobre as atividades de caráter extensionista, já desempenhadas no último ano. E, por fim, falaremos sobre as pesquisas, que foram atividades desenvolvidas para o fechamento do primeiro ciclo da liga.

Café com reflexão: metodologia da Joeme

Desde que foi criada, em junho de 2019, a primeira liga acadêmica do curso de Jornalismo da UESPI/CPBA tem se caracterizado como espaço para diálogo e reflexão acerca das inter-relações entre as temáticas que a nomeiam e que lhe dão direção e foco. Partimos da busca por compreender o conceito de memória, especificamente em seu caráter social, e procuramos o entendimento sobre as conexões com o jornalismo, especialmente, e a educação.

Nesses encontros, algo é quase “obrigatório” e comum: café com reflexão. A presença intencional de café, chá e aperitivos partilhados em cada reunião conduz os encontros a um nível de leveza e descontração positivos. Ao passo que quebra a dureza do estudo e da reflexão sobre textos científicos, muitas vezes, densos, pela descontração e informalidade, gera uma ambiência aproximativa.

Culturalmente, quando as pessoas se sentam em roda para papear e tomar um café, abrem um espaço propício para o desenvolvimento de relações afetivas com o local, com o acontecimento em si e com os envolvidos. E é assim que a Joeme tem se caracterizado, desde a primeira reunião, como é possível ver na Imagem 1.

Imagem 1 — Primeira reunião da liga Joeme, junho/2019



Fonte: arquivos da Liga Joeme

Às 18 horas da primeira sexta-feira de junho de 2019, após apresentação do Estatuto da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (2019), eleição da diretoria e organização do cronograma semestral, os participantes se apresentaram, cada um com uma música que lhes trazia memórias afetivas no que tange a si próprio e à sua relação com a universidade e, a partir de então, com a liga. Foi montada a primeira *playlist* do grupo recém-formado, num encontro regado a choro e emoções.

E, desde então, tem sido assim: um grupo de estudo e afetos. Por esses estímulos, a liga Joeme tem se organizado como mais que um grupo de estudo, extensão e produção científica –

seus objetivos. Ela tem sido também um coletivo que conduz docentes e discentes ao alargamento do espaço universitário de relação com o saber para abraçar a afetividade e as relações humanas. Isso torna os encontros mais prazerosos e leves, como a educação tem que ser: esperançosa e criativa.

Na compreensão de um dos mais destacados pensadores da educação mundial, Paulo Freire (2019, p. 139), as práticas educativas exigem o querer bem, a “[...] atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza”. Portanto, convivência, amizade e familiaridade construídas no ambiente educacional são mais que naturais, pois fazem parte da essência humana, elas são necessárias como experiências que favorecem o desenvolvimento intelectual.

Vinculada à Coordenação do Curso de Jornalismo e à Pró-reitoria de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários (PREX) da UESPI, a liga está organizada da seguinte forma, segundo seu estatuto (LIGA ACADÊMICA DE JORNALISMO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA, 2019): I) coordenação geral e supervisão docente; II) supervisão e orientação docente; III) diretoria discente; IV) demais membros, discentes do curso de Jornalismo (do 3º ao 8º período) e de outros cursos da mesma instituição e/ou da comunidade em geral.

As reuniões são quinzenais, com duração de duas horas, podendo também ter a periodicidade semanal, desde que não ultrapasse a carga horária de 4 horas semanais, em horário extra ao das aulas. Dessa forma, os encontros para estudo ou para organização de atividades são planejados antecipadamente pela coordenação, direção e membros.

Por essas e outras razões, observamos boa frequência, qualidade e empolgação dos participantes no envolvimento das atividades, mesmo que os encontros sejam realizados sempre nas noites de sextas-feiras, que chegam carregadas de cansaço para todos, após uma semana de muitos compromissos acadêmicos e profissionais. A consequência, notamos, é o êxito como resultado do processo educativo, desde o planejamento à execução das ações.

Cabe à coordenação a indicação de leituras, mas sempre com abordagem dialógica e democrática com os membros para seleção dos conteúdos a serem estudados ao longo do semestre. Ao colaborarem com o processo de escolha, os membros da liga desenvolvem interesse pelos textos a serem trabalhados e, conseqüentemente, colaboram com mais afinco.

Esse processo é considerado positivo, na visão de Freire (2013). Para o autor, a co-participação dos estudantes na escolha dos conteúdos gera relevância para eles no processo de

aprendizagem. Por outro lado, quando tais conteúdos são impostos, correm o risco de ficar fora da realidade dos educandos, tornando-se pouco atrativos.

A educação tem que ser dialógica, diz o mesmo pensador. “Desta maneira, os conteúdos problemáticos que irão constituir o programa em torno do qual os sujeitos exercerão sua ação gnosiológica não podem ser escolhidos por um ou por outro dos polos dialógicos isoladamente” (FREIRE, 2013, p. 77).

Assim, por diálogo e com a mesma antecedência da escolha dos autores e textos, o grupo define os responsáveis por conduzir cada discussão, sendo obrigatória a leitura e participação de todos. Com dinamicidade, cada encontro é guiado por uma dupla de participantes. Cabe a ela destacar aspectos relevantes e que lhes chamaram a atenção no estudo em pauta e, ao mesmo tempo, estimular a cooperação dos presentes.

Então, os debates e reflexões acontecem no formato de rodas de conversa, sempre estimulados por café, chá, petiscos e pela partilha coletiva de inferências para elaboração de saberes a partir de compreensões colaborativas. Sentar no formato de roda para a discussão de temas favorece o desenvolvimento das reflexões dialógicas, com olhos nos olhos, com proximidade, com relacionamento.

Muitas vezes, as rodas de conversa são utilizadas como instrumento de pesquisa a fim de que o pesquisador consiga analisar as narrativas provenientes do diálogo entre os partícipes em ambiente propício. Nesse formato, a comunicação do grupo se torna mais interativa, com falas, muitas vezes, provenientes da escuta, o que Warschauer (2004) chama de aprendizado de convivência.

No entendimento da autora citada no parágrafo acima, as rodas de conversa podem propiciar a construção de conhecimento de forma colaborativa e a formação, uma vez que os sujeitos envolvidos no processo se tornam protagonistas na troca de ideias e de argumentos a partir da reflexão.

Nossas rodas acontecem, geralmente, nas salas de aula do campus Professor Barros Araújo, em Picos, mas não se limitam às quatro paredes. O ato de sair da sala de aula para tomar os corredores da universidade, com rodas descontraídas entre o piso, os bancos e as cadeiras também é comum, afinal, a educação para acontecer, independe de estar em um ambiente culturalmente entendido como preparado para tal, como é a sala de aula. Na Imagem 2 registramos um desses momentos em que as reuniões extrapolaram o espaço da sala de aula.

Imagem 2 — Reunião da liga Joeme no corredor da UESPI, outubro/2019



Fonte: arquivos Liga Joeme

Além de abrir espaço para leveza, a Joeme estimula a participação ativa dos membros que a integram. Para tanto, o grupo faz uso de metodologias ativas de aprendizagem. Segundo Moran (2017), elas se baseiam na compreensão de que a aprendizagem é ativa, portanto, o aprendizado também tem que ser. As metodologias ativas apontam para a transformação da aprendizagem do modelo tradicional, em que o professor está no centro, para experiências com mais sentidos para os estudantes.

Assim, embora coordenada e supervisionada pelas professoras autoras deste trabalho, a liga tem como foco garantir que os acadêmicos participantes estejam sempre em proeminência no desenvolvimento das atividades: desde a condução das discussões durante as reuniões de estudo à direção e organização funcional, movimentação da rede social Instagram e organização de atividades extensionistas envolvendo o curso de Jornalismo, a comunidade acadêmica uespiana e a sociedade de forma mais geral.

Nesse caso, os estudantes têm papel proeminente no processo de aprendizagem, mas sempre guiados pelas docentes que assinam este trabalho. Entendemos que nosso papel é amplo e de extrema relevância, como ressalta Moran (2017, p. 4), "o professor como orientador ou mentor

ganha relevância. O seu papel é ajudar os alunos a irem além de onde conseguiram ir sozinhos, motivando, questionando, orientando".

Como espaço que contribui para a formação universitária de futuros jornalistas, a liga acadêmica Joeme oportuniza a corresponsabilidade de professores e estudantes no processo educativo, exigindo a participação de todos e estimulando, intencionalmente, a problematização da realidade social e a sustentação teórica dos debates.

Nesse aspecto, os fundamentos estão nas concepções freireanas sobre a importância da co-participação de professores e alunos. “Defendendo a educação como uma situação eminentemente gnosiológica, dialógica por consequência, em que educador-educando e educando-educador se solidarizam, problematizados em torno do objeto cognoscível [...]” (FREIRE, 2013, p. 77).

Se não há compreensão dos envolvidos no processo de educação acerca dessa responsabilidade partilhada e da necessidade de participação ativa dos sujeitos, a educação não se concretiza. Só assim podemos estimular o desenvolvimento de competências e ter resultados favoráveis à autonomia, pelo compartilhamento de tarefas para a resolução de problemas.

Todos os encontros são documentados pela diretoria discente. Cabe a eles as funções de produzir registro fotográfico, ata de frequência, assim como ata com o relato de cada atividade, ratificado por cada participante. Dessa forma, a liga que trabalha com memória, termina por construir documentos memorialísticos sobre si mesma, fazendo com que a história dessa entidade acadêmica de caráter autônomo se preserve ao longo do tempo, facilitando estudos sobre si.

Essa preocupação em arquivar memórias no tempo presente é comum nas sociedades contemporâneas, segundo Le Goff (2013), um dos autores estudados na liga Joeme. De acordo com ele, há um interesse em discutir história e memória, porque há também um entendimento de que as construções sociais podem provocar flutuações, além de manipulações conscientes ou não.

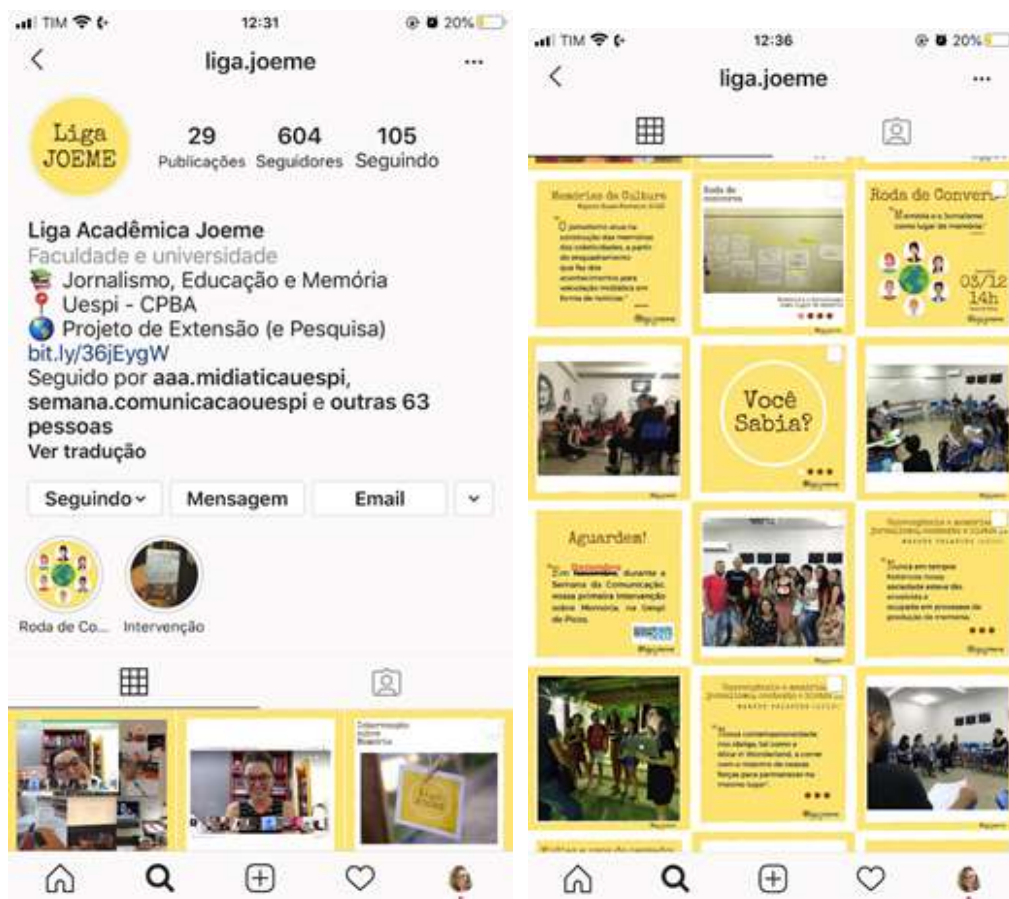
Além do mais, compreendemos que há uma valorização de memórias documentadas por meio da comunicação escrita na sociedade ocidental. Como afirma Halbwachs (2006, p. 101), o “único meio de preservar essas lembranças é fixá-los [os fatos] por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem”.

As memórias da liga Joeme também estão registradas no mundo digital. Assemelham-se, talvez, ao que Le Goff (2013) chama de memória eletrônica, uma vez que têm a característica da

estabilidade, que a memória humana não tem, e da facilitação da evocação, ainda que esse tipo de memória só tenha sentido pela ação de seres humanos.

Na rede social Instagram (Imagens 3 e 4), os participantes criaram um perfil para o grupo – *@liga.joeme*. Os estudantes de Jornalismo usam o Instagram como mídia convergente, onde eles praticam os conhecimentos de design e produção de conteúdo midiático digital aprendidos nas muitas e diversas disciplinas do curso.

Imagens 3 e 4 — Perfil da Joeme no Instagram



Fonte: Instagram da liga Joeme

Além disso, eles reforçam os autores estudados na liga, muitas vezes, levantando questionamentos a fim de que haja participação por meio dessa rede social. Esse espaço público serve para que o grupo leve à comunidade alguns elementos de discussão e de produção de

conhecimento dos encontros quinzenais, além de estimular a participação nas atividades extensionistas abertas à comunidade.

Nas considerações sobre comunicação/educação, Bacega (2010) acredita que os meios de comunicação, junto com a escola e a família, têm atuado como educadores na nossa sociedade, influenciando na formação da cidadania, uma vez que têm presença na vida cotidiana, com possibilidade de influência sobre a sociedade. “Trata-se, agora, de constatar que eles [os meios de comunicação] são também educadores, uma outra agência de socialização, e por eles passa também a construção da cidadania” (BACEGA, 2010, p. 20).

Daí a importância da leitura crítica sobre eles, um desafio e tanto para a educação hoje. “Por isso, comunicação/educação inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc.” (BACEGA, 2010, p. 20).

Os ambientes institucionalizados de educação precisam ressignificar as mídias e ousar utilizá-las a favor da produção de conhecimento no processo educativo. Ao se inserir na rede social, onde muitos dos nossos universitários estão, muitas vezes, envolvendo-se com assuntos supérfluos, a Joeme pode contribuir com a democratização do conhecimento e com a construção dele nesse ambiente.

Esse uso de veículos midiáticos em plataformas digitais de domínio público, como o Instagram, pode favorecer a interação com quem não participa diretamente da liga, por meio da indicação de leituras e da divulgação de atividades extensionistas, favorecendo a ponte universidade-sociedade. Pode funcionar como um convite para as nossas atividades.

Convite à comunidade: atividades extensionistas

As atividades extensionistas também fazem parte da liga Joeme, segundo o Estatuto da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (2019). No primeiro ano, realizamos dois eventos voltados à comunidade acadêmica uespiana. O primeiro deles foi a roda de conversa sobre memória e jornalismo como lugar de memória, como parte do pré-evento da II Semana de Comunicação da UESPI, que estava marcada para acontecer nos dias 5 e 6 de dezembro de 2019.

Como iniciativa dos estudantes de Jornalismo da instituição, foi proposta uma programação com atividades que preenchessem a semana do evento do curso. Assim, além da

mesa redonda, palestra, oficinas e apresentações artísticas e de trabalhos, pensados para os dois dias de evento do curso, os discentes organizaram o que eles chamaram de "Esquentá", com rodas de conversa durante os outros três dias da semana útil – da segunda-feira à sexta-feira.

A Liga Joeme se propôs a organizar e conduzir a roda de conversa “Memória e jornalismo como lugar de memória”, no segundo dia (3 de dezembro de 2019) de atividades com discentes do curso, além de profissionais do jornalismo atuantes na região semiárida do Piauí. De forma dinâmica, os membros da liga ministraram a tarde de atividades junto aos participantes da Semana de Comunicação.

Essa iniciativa evidenciou o protagonismo dos membros da liga, especialmente dos estudantes. Enquanto professoras, orientamos o grupo organizador, decidimos com eles os instrumentos utilizados naquela tarde, e optamos por usar de técnicas que dizem respeito às metodologias ativas. Participamos do encontro com entusiasmo, de modo que a roda foi conduzida de forma semelhante ao que fazemos nos encontros de estudo.

Inicialmente, dividimos os participantes em pequenos grupos com a tarefa de organizar em um cartaz suas compreensões sobre memória até aquele momento. Usamos o *brainstorming* (tempestade de ideias) em cada um dos pequenos grupos. Essa técnica, na orientação de Masetto (2015), ajuda a destravar o grupo, aquecê-lo e prepará-lo para a participação ativa na construção do aprendizado.

Os participantes da roda foram encarregados de organizar as principais ideias apresentadas na tempestade, de forma dinâmica e visualmente compreensível, utilizando cartazes, com figuras, poucas palavras e muita criatividade. Esse momento foi intenso, eles demonstraram empolgação para fazer uso das ferramentas de design de forma artesanal. Na Imagem 5 capturamos esse momento.

Em seguida, os joemitas apresentaram os conceitos de memória e lugar de memória, levantando reflexões sobre o jornalismo, com participações dos presentes. Os membros da liga fundamentaram suas falas a partir dos principais autores estudados até então, como Halbwachs (2006) sobre memória individual e coletiva, Nora (1993) sobre lugares de memória, Palacios (2010) e Barbosa (2004; 2006) sobre a relação entre memória e jornalismo, dentre outros.

Imagem 5 — Produção dos participantes da roda de conversa, dezembro/2019



Fonte: Ábia Lorrany N. Ramos (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

Após a problematização, os pequenos grupos se reuniram novamente, realizaram novo *brainstorming* e reorganizaram seus entendimentos sobre o tema em outros cartazes. A proposta era fazer com que eles percebessem as principais mudanças de percepção sobre a temática em questão antes e após a reflexão instigada pela liga.

Com os cartazes prontos, fizemos um mural do "antes e depois" e partimos para a socialização de cada equipe sobre o que pensava a respeito da memória quando a roda se iniciou e sobre como o conhecimento foi sendo construído até ao final da roda - Imagem 6. As comparações foram no sentido de expandir a compreensão de memória como mais que um fenômeno fisiológico, como algo construído socialmente, conforme contribuições de autores como Halbwachs (2006).

Imagem 6 — Socialização após *brainstorming* e produção de cartazes, dezembro/2019



Fonte: Ábia Lorrany N. Ramos (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

Ter atitudes de problematização é essencial para que as nossas práticas educativas sejam consideradas metodologias ativas. A partir do uso de instrumentos, o propósito é refletir sobre conceitos e, assim, levar o grupo à produção de conhecimentos, daí a importância da presença do educador, mais experiente, para auxiliar nesse processo, como menciona Moran (2017). Dessa maneira, a roda de conversa se fez produtiva.

O segundo evento realizado pela Joeme se tratou de uma intervenção no campus Professor Barros Araújo, em Picos, onde estudamos e trabalhamos. A Intervenção Memória levou a temática discutida nas reuniões da liga para o público com muita dinamicidade, criatividade e leveza.

A liga disponibilizou, no pátio da universidade, jogos de memória para promover a interação entre a comunidade acadêmica em geral. Entre eles, o conhecido jogo dos sete erros. Conforme vemos na Imagem 7, os joemitas dispuseram duas imagens de um conhecido prédio arquitetônico da cidade, cuja memória está associada à história e à cultura de Picos, a Catedral Nossa Senhora dos Remédios. Aqueles que passavam pelo ponto da intervenção eram convidados a identificar os sete erros em uma das imagens, de forma descontraída e interativa.

Imagem 7 — Jogos interativos na intervenção sobre memória, dezembro/2019



Fonte: Ana Caroline Oliveira Morais (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

A intervenção contou com exposição fotojornalística de acontecimentos que marcaram a memória coletiva no Brasil e no mundo, pela contribuição do jornalismo, que muito veiculou notícias ajudando a construir memórias coletivas sobre tais episódios. Essa proposta se relacionou às discussões sobre jornalismo enquanto lugar de memória, com base nas pesquisas de Rêgo (2012; 2014) e Ferreira (2016), ambas debatidas na liga.

Ao adentrar o espaço, o visitante era instigado pelos joemitas a rememorar aqueles acontecimentos. A nós cabia a missão de relacioná-los aos conceitos de memória e jornalismo, a partir dos estudos realizados. Entre os acontecimentos, expusemos o 11 de Setembro de 2011, conhecido mundialmente; o acidente da boate Kiss, que ganhou proporção nacional; o episódio do óleo nas praias nordestinas; além dos movimentos "SOS UESPI" e "Luto pela UESPI", os quais fazem parte da memória de luta da universidade campus de Picos. A estrutura da exposição pode ser vista na Imagem 8.

Além das fotografias dos acontecimentos conhecidos das pessoas através do jornalismo, foram expostas fotografias de fenômenos comuns e rotineiros do nosso campus a fim de instigar nos visitantes interatividade, por meio de estratégias de aproximação. Com as memórias contemporâneas à comunidade acadêmica que transitava pelo local, pudemos refletir sobre como o passado é construído no tempo presente, e entender que parte dos acontecimentos rotineiros podem permanecer nas memórias individuais e/ou coletivas.

Imagem 8 — Exposição fotográfica na Intervenção sobre memória, dezembro/2019



Fonte: Ana Caroline de Oliveira Morais (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

Com isso, a liga conseguiu a atenção e participação de estudantes e professores de outros cursos do campus, além de técnicos administrativos e visitantes que participavam da abertura da Semana de Comunicação da UESPI/CPBA, em 5 de dezembro de 2019. Por esse motivo, estendeu a intervenção, que inicialmente foi pensada para um dia, também para o segundo e último dia de evento, com boa participação e integração.

Por essas atividades lúdicas, a liga Joeme saiu das salas (e corredores) onde são realizados os estudos para ganhar uma dimensão maior no campus local da nossa universidade, tornando-se conhecida pela comunidade acadêmica. Ao mesmo tempo, o grupo instigou nos visitantes a percepção sobre o caráter social da memória e sobre o caráter mnemônico das informações noticiosas que nos chegam dia a dia pelo jornalismo, conhecimentos sobre memória e jornalismo no ambiente educacional.

Problematizando: a liga Joeme e a iniciação científica

A universidade é um espaço de produção e valorização de saberes, no qual a pesquisa faz parte da formação universitária e deve estimular o olhar crítico e desafiador sobre problemas do dia a dia, que podem se tornar problemas de pesquisa. Na liga acadêmica Joeme, a iniciação científica também é um de seus tripés. As pesquisas desenvolvidas pela liga visam estimular o estudo e a reflexão sobre jornalismo, educação e memória.

Mas o que é a pesquisa? Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa é um procedimento formal, no qual se procura obter verdades parciais, uma vez que, ao se desenvolver qualquer pesquisa devemos acreditar que a mesma é passível de refutação, de novo olhares, novas perspectivas para se analisar o objeto de pesquisa.

O grupo é norteado pela pedagogia da pergunta, metodologia defendida por Freire (1985), pois é incentivado a vivenciar uma relação dialógica, perguntar, criticar e construir o saber de modo coletivo, articulando o saber popular e crítico. Podemos dizer que a própria escolha das temáticas de pesquisa feitas pelos joemitas, nome que carinhosamente atribuímos aos participantes da liga, foi baseada na pedagogia da pergunta.

Praticar a pedagogia da pergunta faz com que os participantes enxerguem em suas vivências problemas que os intrigam em relação à memória e, com isso, analisem, critiquem e construam um saber considerando outros saberes já existentes. Este foi o caso do trio composto por Vinícius Coutinho, Luana Moura e Lia Barbosa, que escolheu, diante da problemática de troca do piso de uma igreja da cidade de Picos, questionar se a imprensa considerava a mesma um lugar de memória.

Algumas escolhas de perguntas de pesquisa foram também afetivas. Devido à proximidade com a família, as alunas Géssica Santos e Ediara Sousa, optaram por analisar a

memória pela ótica da família e observar como a memória de um empresário local foi construída pela mídia em torno de questões familiares.

Nosso interesse não é fazer com que as professoras, que também são membros da liga, sejam vistas como detentoras do saber, repetindo o que Freire (1996) chamou de educação bancária, em que o saber torna-se uma doação dos que se julgam sábios aos que supostamente nada sabem.

A liga estimula a capacidade do aluno de questionar e buscar por meio da pesquisa respostas para seus próprios questionamentos. Desse modo, acordamos que após as atividades de extensão e leitura de textos base, fecharíamos a primeira etapa da liga com uma atividade de iniciação científica e destinamos alguns momentos para este processo.

Inicialmente, foi realizado um encontro presencial em que o grupo foi estimulado a pensar sobre qual seria seu objeto de pesquisa e apresentar uma breve sistematização dos tópicos que seriam trabalhados. O grande grupo foi segmentado em duplas ou trios para que o trabalho fosse desempenhado. Nesse encontro, tivemos algumas ausências e até mesmo uma desistência, que nos estimulou a uma autorreflexão do que poderia ter ocasionado esses distanciamentos.

Considerando o formato educacional brasileiro, o processo de ensino, muitas vezes, é dissociado da pesquisa. Ainda há quem questione se as ciências humanas e ciências sociais aplicadas também são produtoras de pesquisa, visto que o caráter de cientificidade durante muito tempo foi destinado às áreas de ciências exatas e biológicas. Desse modo, o aluno é pouco estimulado a pesquisar e acaba se sentindo até mesmo receoso ou acuado quando se torna um protagonista na construção do saber.

Embora toda a metodologia da liga - acreditamos - estimule a habilidade de questionar e, conseqüentemente, de ir atrás de suas próprias respostas, ou seja, pesquisar, consideramos que a responsabilidade de formular, mesmo que em parceria com os colegas, o seu próprio problema de pesquisa é intrigante e pode deixar alguns participantes com medo.

Após essa primeira reunião, foi dada uma pausa na liga devido às festividades de final de ano e até mesmo a finalização do período letivo. Mas, em meio à pandemia causada pelo novo coronavírus, em abril de 2020, resolvemos retomar as atividades da liga como uma maneira de reforçar as afetividades e de nos tornarmos mais produtivos durante o período de isolamento social. Este foi um pedido de todos.

Dessa forma, o bate-papo passou a ser *on-line*, mediado por tecnologias - como vemos na Imagem 9. Mas, ainda assim, foi regado pelo café, risadas e as fotografias, uma maneira encontrada pelo grupo para não só se entreter, mas também para criar uma memória da própria liga. A reunião foi marcada para as 15 horas e se estendeu até próximo das 18 horas.

Problematizamos, discutimos nossas pesquisas e inquietações, escolhemos e desistimos de metodologias de pesquisa, ouvimos o olhar do outro sobre a nossa fala, falamos da crise na saúde que nos assusta, afinal, estamos ajudando a construir uma memória sobre a pandemia que nós mesmos estamos vivenciando, e nos abraçamos virtualmente, selando um acordo de que nos ajudaríamos para que o viver a pandemia fosse leve, guardadas às devidas proporções, e ao mesmo tempo fecundo com nossas pesquisas.

Imagem 9 — Reunião *on-line* da Liga Joeme



Fonte: Instagram da Liga Joeme

Em *Pedagogia da autonomia*, Freire (1996) coloca que o ato de ensinar exige alegria e esperança. Na liga, essa é nossa intenção. Manter o grupo ativo¹ mesmo em uma situação de calamidade pública é unir ensino (que deve estar associado à pesquisa) à esperança de dias melhores. Separados por telas, os integrantes da liga Joeme tem se reunido para, por meio da pesquisa, resistir aos obstáculos que afetam nossa alegria.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justapõe. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição, se inacabado e consciente do inacabamento, primeiro o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento de constante busca (FREIRE, 1996, p. 29).

Um aspecto também interessante da liga é a solidariedade entre os membros. Na reunião em que decidimos ajustes finais para iniciarmos a produção científica, dois membros ainda não haviam construído seus problemas de pesquisa nem participaram do encontro, mas o próprio grupo foi favorável a ser dada uma nova oportunidade aos colegas e sugeriram até possíveis temas que poderiam se encaixar no perfil de interesse.

A etapa foi considerada pelos participantes como difícil, mas mesmo assim prazerosa. Tivemos que reformular nossos prazos, mas percebemos em alguns integrantes até mesmo o desejo de conhecer novas metodologias de pesquisa para aplicar ao seu objeto de pesquisa. Esse foi o caso de Sheron Weide que, embora não tivesse contato com a análise de discurso, optou por tentar conhecer um pouco e aplicá-la em seu trabalho.

Ao final da pesquisa, alguns relataram que tiveram medo de não conseguir concluir, mas que gostaram de investigar um tema sobre o qual tinham curiosidade. A pesquisa deve ser fomentada, uma vez que é por meio dela que conseguimos ter uma leitura mais crítica da sociedade. A aprendizagem se torna muito mais instigante quando temos condições de participar de todas as etapas do processo, a pesquisa é uma delas.

¹ Devemos ressaltar que, conforme estatuto da liga, em seu artigo 11, as atividades obrigatórias da liga só devem ocorrer durante o período de calendário acadêmico da instituição vinculada. Devido à pandemia, o calendário da UESPI foi modificado, contudo, o grupo todo acordou que desempenharia as atividades mesmo antes do período letivo iniciar.

Fim de conversa (ou recomeço)

A liga Joeme se tornou um lugar de ensino, pesquisa, extensão e afetividades. As reuniões envolvidas pelo café, intervenções de memória, produção de artigos, atualizações do Instagram, os encontros *on-line* durante a pandemia do coronavírus, no primeiro semestre de 2020, e outros ajudaram a construir uma agenda em que se pretende tornar os estudos de jornalismo, educação e memória mais evidentes e mais leves, pois a aprendizagem deve ser guiada pela alegria.

Romper o formato de educação tradicional descrita por Freire (1996) como educação bancária não é uma medida fácil. Conscientizar os participantes de seu protagonismo tem sido uma tarefa constante da liga acadêmica em questão. Percebemos que essa autonomia tem deixado as atividades mais leves e os participantes mais seguros.

Oferecer ao integrante a possibilidade de escolher o texto, decidir a dinâmica que será utilizada em uma roda de conversa, incentivar que o registro das atas e a atualização da página do Instagram seja feito pelos próprios discentes faz parte desse processo em que os acadêmicos ganham autonomia e liberdade.

Acreditamos que a liga contribui até para o fortalecimento da cidadania dos seus membros, uma vez que ela instiga que os participantes possuam um olhar mais crítico e reivindicador para as questões que envolvem jornalismo, educação e memória, a partir do próprio contexto onde estamos inseridos. Percebemos isso na escolha dos objetos de pesquisa dos integrantes, sempre resultados de alguma inquietação dos mesmos em relação a questões que vivenciavam, sejam em seus cotidianos ou na própria mídia.

Como professoras e também participantes da liga, destacamos um ganho na nossa formação como docentes. A liga Joeme nos motivou ao exercício diário da escuta. Colocar para os alunos que eles possuíam liberdade para exercer as atividades da liga e até mesmo nos desvincularmos da tentativa de ter o controle total das ações foi importante. Saímos da condição de “aquelas que sabem e transferem o saber” para “aquelas que aprendem com o outro e partilham suas experiências”.

Consideramos que tentar manter alunos motivados para o ensino, a pesquisa e a extensão fora do currículo obrigatório foi um desafio. As ligas necessitam de investimento, bolsas de pesquisa para que os participantes tenham melhores condições de acesso às informações.

Quando falamos de acesso, nos referimos a condições básicas como acesso à internet, recurso para investir na compra de livros, financiamento de viagens para acervos de pesquisa, congressos. Enfim, tudo que demanda investimento financeiro.

O fato de termos um membro da comunidade no grupo foi essencial para a construção do saber e pretendemos ampliar vagas para que mais pessoas da comunidade externa à UESPI possam participar, visto que trazem vivências importantes. Afinal, cremos que quanto mais as informações sobre jornalismo, educação e memória forem compartilhadas, melhor será a organização de nossa sociedade.

Reconhecemos que o eixo educação necessita ser mais trabalhado e será um dos focos na próxima etapa. O que consideramos falha na avaliação do primeiro ano, oportuniza-nos um novo começo. Na etapa que se segue (o projeto tem intenção de se tornar programa, com novas submissões e disposições de vagas ano a ano), conseguiremos fazer as conexões com o campo da educação de forma mais direta a partir de autores que trabalham pelo âmbito interdisciplinar.

Assim sendo, entendemos que trabalhar sob o pilar da interdisciplinaridade e, quiçá, transdisciplinaridade traz ganhos. Aliado ao protagonismo dos estudantes pela postura de problematização da realidade social, isso contribui com uma formação humanizada, com emoções, carinho e afeto demonstrados da primeira (presencial) à última reunião (*on-line*) desse primeiro ano. E vem muito mais por aí, a conversa não termina aqui.

REFERÊNCIAS

BACEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação e educação**, ano XIV, n. 3, set./out. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579/47201>. Acesso em: 6 mar. 2020.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, "senhores da memória"? *In*: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 4; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais[...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004. p. 1-13. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/BARBOSA%20Marialva.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez., 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1458>. Acesso em: 29 maio 2020.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 1, v.19, 2019. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013. Acesso em: 12 mar. 2021.

FERREIRA, Mayara. **Memórias da cultura: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses**. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em:
<https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=1107864&key=4f52dc12f479282d0a8d360c5a30603c>. Acesso em: 6 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

INFOPÉDIA. Dicionários Porto Editora, *c2020*. Disponível em:
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Liga>. Acesso em: 20 mai.2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIGA ACADÊMICA DE JORNALISMO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA . **Estatuto da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória**. Universidade Estadual do Piauí, jun. 2019.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2015.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In*: BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 1-25.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do**

Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 31, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 12 mar. 2021.

QUEIROZ; José Sílvio *et al.* A importância das ligas acadêmicas na formação profissional e promoção da saúde. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 24, especial, p. 73-78, dez. 2014. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/3635/2125>. Acesso em: 12 mar. 2021 .

RÊGO, Ana Regina. Jornalismo e memória: entre o tempo e a ética. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10, 2012, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p. 1-20 2012. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/1784/118>. Acesso em: 12 mar. 2021.

RÊGO, Ana Regina. A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.unicentro.br/rbhm/ed06/dossie/02.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Resolução 38/2001, 29 de outubro de 2001. **Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí – CONSUN**, Teresina-PI, 2001.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas e narrativa: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. *In*: SCOZ, Beatriz; *et al.* (org). **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna** . Petrópolis: Vozes, p. 13-23, 2004.

A construção da memória sobre o campo científico do jornalismo no Nordeste

NOMES

Maria Aparecida de Castro
Erika Ravena da Silva Alves
Rutty Karinne Muniz de Souza
Mayara Sousa Ferreira

AFILIAÇÃO

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Introdução

O tempo é algo arbitrário quando se refere à memória e à sua constante construção por conjuntos de lembranças. Sendo assim, o presente contribui no sentido de nos conduzir a uma vontade de guardar o hoje em recordações, por diversas maneiras, em diferentes lugares, de modo que muito do que rapidamente se torna passado não se perca no tempo pelos caminhos do esquecimento.

Ao construirmos e nos atentarmos para esses aspectos, percebemos a importância da memória em muitas áreas no âmbito social, como é o caso do jornalismo. Ele se inclui como prática social que retrata o tempo presente (não fidedignamente, claro), mas relacionando-o ao que já passou (nas chamadas suítes, por exemplo), com o objetivo de dar sentido e fundamentação ao que acontece hoje.

O campo jornalístico se desenvolve tanto no âmbito da prática quanto da teoria, com a finalidade de estimular o saber, gerando benefícios à sociedade pela informação e relacionando o exercício do trabalho no dia a dia profissional desse campo com atividades analíticas. Portanto, é uma área que se formou essencialmente pela prática e se fortaleceu bastante à medida que foram desenvolvidas e incorporadas as ideias, os conceitos e as posições que ajudaram a aprimorar seu campo teórico e científico.

Durante muito tempo, o jornalismo se enquadrou dentro do campo da comunicação social apenas como disciplina. Com as mudanças de conjuntura, foi ganhando espaço e crescendo como campo científico associado. Por meio de pesquisas aplicadas à área, a fim de explorar fenômenos jornalísticos metódica e sistematicamente, foi possível alcançar certo fortalecimento como campo teórico.

Sem o resguardo de uma fundamentação teórica, que se encontra no universo dos cursos de ensino superior, sendo um de seus pilares a pesquisa, fica impossibilitado o crescimento e aprimoramento das produções, publicações e assistência à sociedade por meio desse importante recurso.

Nesse contexto, a comunidade em geral é a beneficiária, quando se trata das memórias sobre o jornalismo, que se fortalecem a partir da publicação de pesquisas em periódicos e eventos disponíveis para esses estudos, uma vez que os materiais publicados cientificamente visam a refletir, analisar e avaliar as práticas jornalísticas que se dão no âmbito social, contribuindo com a melhoria de tais práticas.

Dessa forma, o presente trabalho tem como intuito refletir sobre o campo científico do jornalismo no que tange às suas memórias. Interligamos a discussão de forma interdisciplinar, à pesquisa, ciência, educação, jornalismo e memória como forma de somar ao campo em questão. E para delimitar o estudo, tomamos como espaço geográfico, a pesquisa científica em Jornalismo no Nordeste. Levantamos o seguinte problema de pesquisa: como a memória do campo científico do jornalismo vem se caracterizando, especificamente, na região Nordeste?

Para tanto, o Congresso de Ciências da Comunicação do Nordeste (doravante, Intercom Nordeste), realizado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, foi o objeto de estudo escolhido para ser analisado. A pesquisa foi realizada a partir da Divisão Temática (DT) de Jornalismo do referido evento. Trata-se de uma análise do estado da arte buscando compreender a memória da ciência do jornalismo, a partir das pesquisas publicadas neste evento, da região Nordeste.

Partimos, assim, do objetivo de caracterizar a memória sobre o campo científico do jornalismo no Nordeste, a partir dos artigos apresentados e publicados no Intercom Nordeste, no período de 2015 a 2019. Ademais, destacamos os seguintes objetivos específicos: a) identificar os temas mais abordados nos trabalhos científicos do campo, b) categorizar os artigos científicos conforme os meios de comunicação e c) analisar como essas pesquisas contribuem com o fortalecimento da memória do campo da pesquisa em jornalismo no Nordeste.

A importância deste estudo decorre da necessidade de compreendermos e conhecermos a memória do campo científico no Nordeste, e assim fortalecer e justificar, respectivamente, a importância do jornalismo como ciência e as carências da área. Vale ressaltar que, entre os motivos da pesquisa em questão, está a ligação entre as autoras e o tema.

A produção é feita por estudantes de jornalismo e uma mestre em comunicação, todas nordestinas, que atribuem valor à região com o propósito de colocá-la em discussão por sua produção em ciência, quiçá incentivando outras investigações dentro dessa perspectiva. O olhar sob o ângulo da memória é atribuído à Liga Joeme² da qual fazemos parte.

Sendo assim, esta pesquisa está organizada em três etapas. A primeira se trata de uma discussão bibliográfica, a partir de autores e obras que colaboram para a compreensão da memória, além da produção científica para o campo do jornalismo. Nessa etapa, autores como

² A Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória se compõe como grupo de estudo, produção de atividades extensionistas e científicas, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Professor Barros Araújo, em Picos, no Piauí.

Halbwachs (2006), Nora (1993), Bourdieu (1983), Marques de Melo (2008) e Silva (2008) são alguns dos mencionados para dar fundamentação teórica à pesquisa.

A segunda fase parte para uma análise de conteúdo quantitativa, segundo Bardin (1977). Sendo assim, o presente estudo faz um mapeamento dos artigos publicados no Intercom Nordeste entre os anos de 2015 e 2019, especificamente da área de jornalismo, disponibilizados nos anais, no site oficial do congresso³, no específico Grupo Temático (GT). E para finalizar a pesquisa, fizemos uma análise de conteúdo qualitativa, do tipo categorial, também segundo Bardin (1997).

Memória do campo científico de jornalismo

Conforme Bourdieu (1983), o campo científico seria um universo social como qualquer outro, assim, dotado de relações sociais, posições hierárquicas e inter-relacionado a capitais/recursos. Conta com aspectos comuns a todo campo social, mas que assumem os moldes específicos do contexto científico. De acordo com o autor, as práticas do campo científico, em geral, estão orientadas para o alcance do reconhecimento científico.

Pelo fato de que todas as práticas estão orientadas para a aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade etc.), o que chamamos comumente de "interesse" por uma atividade científica (uma disciplina, um setor dessa disciplina, um método etc.) tem sempre uma dupla face. O mesmo acontece com as estratégias que tendem a assegurar a satisfação desse interesse (BOURDIEU, 1983, p.124).

Segundo essa concepção, além de alcançar os objetivos científicos inerentes ao produto desenvolvido, o pesquisador também tem a pretensão de produzir algo que represente lucro ao capital científico acumulado, um produto diferenciado e socialmente importante, e, com isso, alcançar reconhecimento pelos pares.

Ainda de acordo com Bourdieu (1983), a estrutura do campo científico acaba ajudando a desenvolver um julgamento social acerca da capacidade científica, associado não somente à capacidade técnica do profissional da área, mas também à posição hierárquica que ocupa e pelo acúmulo de capital, que pode estar relacionada à conquista de distinção científica, títulos escolares e de graduação, mestrado ou doutorado.

E o julgamento social a respeito da capacidade científica verdadeiramente acontece. Quem nunca optou por escolher a pesquisa de determinado doutor à pesquisa de um graduando

³ www.portalintercom.org.br

do quarto semestre, por exemplo? Essa situação é compreensiva, pois partimos de pressupostos que pesquisadores experientes apresentam pesquisas mais críticas, inovadoras e credíveis em sua área de estudo, devido mesmo ao tempo em que constroem e se constroem enquanto tais.

A aquisição de capital científico pode favorecer a aquisição de outros capitais, como o capital econômico e o capital simbólico, por exemplo, na mesma perspectiva do autor supracitado. Ademais, prestígio e êxito na área seriam a representação de uma jornada de acúmulo de capital científico (BOURDIEU, 1983).

Desse modo, a percepção social acerca dos agentes do campo científico e, conseqüentemente, sobre êxito e reconhecimento, estaria interligada à produção e à publicação científica significativa e contínua. A grande produção de pesquisas acadêmicas em uma área tem valor positivo cientificamente e socialmente.

Podemos dizer, com isso, que a força do campo científico se estabelece ao longo do tempo, em um processo contínuo de investigações, de publicações, de busca de reconhecimento entre os pares para constituição do “crédito científico” de que fala o autor supramencionado.

A memória também é um elemento que se constrói no tempo, constituída de lembranças individuais e coletivas (HALBWACHS, 2006). Automaticamente, aparece como um fenômeno abrangente, podendo ser mencionada com o intuito de reverberar sentidos, momentos, histórias, elementos tangíveis ou não, entre outras situações. Portanto, o fortalecimento de um campo como ciência estaria relacionado no tempo ao que chamamos de memória.

Segundo Halbwachs (2006), a memória é um fenômeno que se constrói na ambiência do coletivo, do social, devido às experiências compartilhadas entre os indivíduos, seres sociais, e isso é mutável, conforme o espaço geográfico e o período. “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

A pesquisa pode ser um local onde a memória pode se constituir, pois ela fala de determinado objeto, delimitado em espaço tempo. Pelo seu papel e sua atuação na sociedade, a pesquisa em ciência pode trazer contribuições evidentes para posicionarmos nossas lembranças coletivas acerca de dado fenômeno.

Sendo assim, é no tempo presente que o campo científico se constitui, mas o passado ajuda no seu fortalecimento. Também tendo em vista que a percepção e reconhecimento sociais

são fundamentais para o êxito científico, acreditamos que a construção da memória coletiva sobre o campo científico pode ajudar neste processo. E, aqui, nosso interesse é refletir sobre o campo científico do jornalismo, especificamente.

De acordo com Marques de Melo (2008), por muito tempo, o campo da comunicação brasileira se desenvolveu de forma dispersa e fragmentada, formatando-se efetivamente apenas na década de 1970. No âmbito universitário também estava refletido esse *modus operandi*, embora nele fosse visível um pouco mais de agilidade. Por volta dos anos 1960, o setor acadêmico relativo à comunicação passou a buscar maior integração entre as disciplinas da área, como ressalta o mesmo autor.

Em um primeiro momento, todas as vertentes da comunicação nacional se organizaram a partir da prática, incluindo o jornalismo. Setores como publicidade, rádio e televisão foram se estabelecendo cotidianamente por meio das vivências, sem grandes análises de como esses processos deveriam se estruturar.

Contudo, na década de 1970, a reflexão mais ampla sobre essas práticas se mostrou cada vez mais necessária e significativa. Conforme o pesquisador Marques de Melo (2008), o marco histórico e referencial de estabelecimento do campo da comunicação foi o Congresso Nacional de Comunicação, realizado em 1971.

O Congresso Nacional de Comunicação teve e ainda tem um papel relevante no processo de integralização do campo da comunicação no Brasil, sendo o primeiro evento nacional a reunir os diversos nichos da área em espaços particularmente organizados para interação, reflexão e discussões referentes à comunicação.

Foi também nesse período e em meio a esse contexto social, que as faculdades de comunicação e instituições que abriram espaço para cursos na área de comunicação passaram a acumular e sistematizar produções científicas relacionadas às carreiras em comunicação (MARQUES DE MELO, 2008). Dessa forma, pesquisas científicas nacionais especialmente dedicadas ao jornalismo também começaram a se desenvolver sistematicamente.

De acordo com Silva (2008), já na década de 1940, foram instaurados os primeiros cursos superiores promovendo, então, a elaboração de trabalhos relacionados às demandas da prática jornalística. Mas o autor ressalta que, apenas na década de 1970, com a implantação dos primeiros cursos de pós-graduação em comunicação, foi que as pesquisas passaram a se constituir em estrutura sistemática.

À vista disso, estabeleceram-se melhores condições para o desenvolvimento de pesquisas em comunicação e em jornalismo, conseqüentemente, ampliando o número de produções científicas e publicações na área, promovendo a legitimação e fortalecimento do campo científico de jornalismo.

Desse modo, a consolidação desse campo se deu a partir dos anos 1990, por meio de quatro fatores identificados por Silva (2008) como essenciais para esse processo. Primeiro, **a expansão de programas de pós-graduação e do número de jornalistas titulados**, visto que são espaços sociais específicos para o compartilhamento e produção de conhecimentos de jornalismo.

Inicialmente, a atividade profissional jornalística no Brasil era aprendida e balizada pela prática. A implantação e expansão de cursos específicos de formação e o surgimento de cursos de pós-graduação em jornalismo representa a efetivação de ordenações sistemáticas direcionadas às demandas de formação e capacitação singulares da área.

Em um curso de graduação em Jornalismo, os alunos são enredados por uma matriz curricular de disciplinas consideradas fundamentais para a construção do profissional de jornalismo e são introduzidos nas práticas e produções científicas. Para mais, a estrutura e funcionamento de programas de pós-graduação, como mestrado e doutorado, estimula a melhor capacitação profissional, e promove estudos, produções e publicações científicas referentes a temas especializados do segmento.

Silva (2008) na sequência identifica **a criação de grupos de trabalhos como outros desses aspectos essenciais**, apresentado-a como segundo fator. Para a discussão acerca da criação de grupos de trabalho de comunicação em sociedades e associações, podemos partir da perspectiva dos grupos de trabalho articulados pelo Intercom Nordeste, objeto de nosso estudo.

A Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - a Intercom, por exemplo, incentiva a produção e publicação científica, e o compartilhamento de conhecimentos interdisciplinares no campo da comunicação. Promove diálogo entre os diversos segmentos da comunicação, além de, por meio dos grupos de trabalho destinados propriamente às discussões e às produções em jornalismo, fomentar especialmente a pesquisa nesse segmento.

Para Silva (2008), o terceiro fator desse conjunto seria **o desenvolvimento de revistas científicas especializadas**. A criação desse tipo de produto especializado em jornalismo abriu novos espaços e oportunidades para as publicações no segmento. Publicação em revistas de alto impacto científico e critérios de aceitação exigentes, provavelmente, representou um incremento

mais que positivo na consolidação do reconhecimento técnico e social de pesquisadores e do campo.

A constituição e implementação de Associações e Sociedades científicas próprias do jornalismo, como a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), também é fundamental para o processo de consolidação do campo científico de jornalismo, uma vez que dão primazia às demandas científicas e práticas do setor. **Desse modo, Silva (2008) destaca essa ação como quarto aspecto essencial.**

Para a realização de pesquisas é fundamental a existência de meios e ferramentas adequadas, além de tempo e dedicação do pesquisador, isto é, a articulação de condições necessárias é primordial. Nesse ponto, os quatro fatores apresentados por Silva (2008) representam melhores oportunidades e condições para o desenvolvimento de pesquisas na área do jornalismo, configurando estruturas que estimulam a ampliação do índice de produções científicas do campo e, a partir do aumento no número de pesquisas produzidas e publicadas, o êxito e reconhecimento social do campo.

Quanto maior o número de publicações, melhor será a imagem do campo perante a percepção acadêmica, científica e social, segundo a concepção de Bourdieu (1983) sobre acúmulo de capital científico. Assim, conforme as contribuições de Marques de Melo (2008), Silva (2008) e Bourdieu (1983), tais aspectos ajudam a ampliar a produção de conhecimento e a definir melhor o objeto de estudo da área, além de representar significativa importância para construção da autoridade científica e para a solidificação do campo do jornalismo.

A memória se dá por uma construção contínua, assim como a consolidação e fortalecimento científico do jornalismo se estabeleceram e ainda se estabelecem no decorrer do tempo. Então, podemos conceber que as memórias coletivas e individuais do campo científico do jornalismo também se configuram continuamente, isto é, no decorrer do tempo a partir das sequentes e constantes publicações registradas em eventos, periódicos especializados, e-books e livros, formando sua memória.

Alicerçadas nas discussões específicas de Bourdieu (1983) sobre campo e de Halbwachs (2006) sobre memória, é possível considerar que tanto a memória quanto a consolidação do campo científico estão interligadas ao aspecto social e ao fator temporal. Halbwachs (2006, p. 47) ao afirmar que “[...] nós não percebemos que não somos senão um eco”, defende que o indivíduo é alguém que replica situações passadas de forma automática, isso graças a uma memória

entrelaçada por muito tempo em nossa vivência. . As discussões sobre acúmulo de capital científico (BOURDIEU, 1983) complementam a ideia sobre gerar uma nova unidade partindo de situações antes realizadas e encaixam nessa característica social em amontoar experiências.

Halbwachs (2006) tem a visão de que temos um domínio comum dessas noções e fatos mnemônicos em consequência da veiculação por alguns meios. “Essas lembranças estão para ‘todo o mundo’ dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos autores que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, lembrá-los” (HALBWACHS, 2006, p.49).

Essa citação diz respeito ao campo da pesquisa em decorrência do desempenho de pesquisadores que, conforme o tempo, solidificam o material que fica à disposição para ser consultado. Assim, gera, a partir de uma experiência individualizada pelo escritor, a coletividade de informações para os interessados nessas pesquisas.

Podemos seguir essa discussão falando sobre a consolidação do campo elencado por Silva (2008), interligando com o que Nora (1993) acredita sobre a formalização da memória, onde ele diz que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, [...], notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13). Nisso, relacionamos o terceiro fator abordado por Silva (2008) com a criação das revistas especializadas para somar ao campo, e conseqüentemente dar consistência à memória de forma oficializada, segundo o pensamento de Nora (1993).

Esse não espontaneísmo da memória se reflete no campo científico, seja estruturalmente, fisicamente ou nos processos de publicação que caracterizam algumas funções do campo jornalístico de pesquisa.

É perceptível que protocolar o que é passado no campo científico do jornalismo, encontra-se relacionado estruturalmente a seus resquícios que fortalecem a área, por meio de publicações em anais de eventos acadêmicos, em revistas científicas, em trabalhos de conclusão de cursos de graduação, em dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. À medida em que nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse prova em não se sabe que tribunal da história (NORA, 1993, p. 15).

O campo do jornalismo está envolvido com o crescimento de lugares de memória. Como descrito pelo autor na citação destacada, existe uma participação voluntária com o intuito de promover a conservação dessas lembranças para gerar histórias baseada nesses vestígios.

As publicações científicas contínuas podem ser entendidas como traços e resquícios da memória do campo científico de jornalismo, que projetam e tornam públicas determinadas produções de conhecimento e por meio das quais é possível reconstituir, de certa forma, o funcionamento e articulação do segmento social em análise.

Assim, acredita-se na importância das produções científicas de jornalismo possibilitarem a criação de um espaço de revisitação com o intuito de fortalecer a memória dessas pesquisas. Pesquisar se torna ato de reverberação condicionado a questionar fatos passados e presentes.

Adequando a essas características, é oportuno classificarmos as áreas da pesquisa e as publicações da área do jornalismo como um local de memória? Surge disso uma variação entrelaçada por buscar lugares de memória? O benefício de consultar essas produções é a materialização da lembrança que por esses pesquisadores são resguardadas e divulgadas para ampliação desses locais de memória.

Sendo assim, a memória está em tudo, se a memória é social (HALBWACHS, 2006). Nós também estamos construindo a memória do campo científico do jornalismo. E produzir conteúdo no ramo jornalístico é se basear em teorias, relacionando fontes, versões, fatos, entre outros elementos da área.

A reflexão que podemos fazer sobre o campo da pesquisa no jornalismo é que embora recente em nosso país, demonstra consistência e compromisso com o desenvolvimento do campo. Com isso, temos o dever de continuar somando esses conhecimentos e investindo em publicações físicas e virtuais para solidificar o campo científico. Participando e contribuindo, assim, com a construção da memória do campo, baseada em contínuo movimento e registro.

O que os números nos dizem

A importância de pesquisar o jornalismo advém do desejo de conhecer o campo de pesquisa, mas também da veemência de colaborar para construção da memória científica dessa área de estudo. Assim, buscamos neste trabalho apresentar e analisar os dados encontrados a

partir de uma análise categorial, quantitativa e qualitativa, da divisão temática de Jornalismo do Intercom Nordeste dos anos de 2015 a 2019.

E porque o Intercom Nordeste? O Congresso de Ciências da Comunicação da região Nordeste uniu cerca de dois mil participantes em sua última edição, no ano de 2019 (COM..., 2019). São graduandos, pós-graduandos, pesquisadores e estudiosos de todo o Nordeste discutindo comunicação.

O Intercom Nordeste acontece desde 1988. Inicialmente, o evento tinha o nome de simpósio e, segundo a seção sobre a memória do evento em sua página oficial, apenas em 2007, passou a ser chamado de congresso regional. A partir de 2007, a temática do congresso regional começou a integrar o tema do Intercom Nacional (PORTAL INTERCOM, 2020?).

Considerando o tempo de existência e o histórico do Intercom Nordeste, já são mais de 30 anos, com isso o evento vem ganhando legitimidade entre os pesquisadores da comunicação. À vista disso, verificamos que o congresso pode ser considerado um bom objeto de estudo para compreendermos como o campo científico do jornalismo está se fortalecendo na região Nordeste, já que é um dos principais eventos do Brasil no nosso campo.

O congresso regional para comunicadores do Nordeste abrange diversas nuances da comunicação como relações públicas, publicidade e propaganda, rádio, tv, impresso, jornalismo, ensino da comunicação, entre muitos outros temas que estão entrelaçados ao cotidiano do fazer jornalístico e às ações comunicacionais nos inúmeros espaços físicos ou de discussão.

O Intercom como um todo é um evento que nós, enquanto pesquisadoras em construção, já consideramos como viável para apresentação e publicação de nossos estudos, além de percebê-lo como importante para conhecermos os estudos de outros pesquisadores e fortalecermos nossos trabalhos no campo do jornalismo.

Desse modo, a escolha da Divisão Temática (DT) específica de Jornalismo se deu porque esse é um campo que agrega muitas publicações dentro das diversas áreas, além de ser o foco deste trabalho. Assim, escolhemos o Intercom Nordeste pela força que o evento tem para os pesquisadores de comunicação e do jornalismo.

A partir disso, foi realizado um levantamento dos artigos científicos publicados nas edições 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 do Intercom Nordeste. O levantamento das pesquisas aconteceu através de buscas no site oficial do evento, que disponibiliza os trabalhos apresentados em anais, especificamente a DT Jornalismo.

O DT de jornalismo reuniu, ao longo das cinco edições analisadas, 112 artigos científicos. São pesquisas realizadas por comunicadores dos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. O Quadro 1 traz a quantidade anual de trabalhos apresentados no evento.

Quadro 1 — Quantitativo de trabalhos por ano no DT Jornalismo

TRABALHOS APRESENTADOS POR ANO	
ANO	QUANTIDADE DE TRABALHOS
2015	23
2016	34
2017	28
2018	16
2019	11
TOTAL	112

Fonte: Elaboração das autoras

Essa análise quantitativa se baseou em Bardin (1977, p. 114), a autora define que “a abordagem quantitativa se funda na frequência de aparição de certos elementos da mensagem”. A abordagem quantitativa colaborou nesta pesquisa na construção de grupos e na interpretação dos números.

Bourdieu (1983) afirma que nós, pesquisadores, estamos sempre em busca de reconhecimento, denominando isso de lucro simbólico. Nessa busca, compreensiva quando observamos a falta de reconhecimento e de investimento no cenário científico brasileiro, são deixadas para trás muitas temáticas relevantes para a construção do jornalismo no Brasil e no mundo.

“O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 4). O que o autor coloca pode ser observado no contexto do Intercom Nordeste quando se verifica que a maior parte de trabalhos científicos são voltados para a análise de veículos de comunicação a nível nacional e global.

Para chegarmos a dados que certifiquem essa afirmação, foi realizada também uma análise de conteúdo categorial, que, segundo Bardin (1977), é uma operação de classificação de elementos de um conjunto, reagrupando de acordo com elementos que devem ser definidos previamente.

Dessa forma, os artigos científicos dos anos de 2015 a 2019 apresentados na Divisão Temática de Jornalismo do Intercom Nordeste foram agrupados em nove categorias, de acordo com a temática evidenciada por meio do título e das palavras-chave. Cada artigo analisado integrou, então, apenas uma categoria.

Após a identificação das categorias, analisamos quantitativa e qualitativamente cada uma, apresentadas por ordem alfabética: **assessoria, ensino, impresso, jornalismo, radiojornalismo, redes sociais, revista, telejornalismo e webjornalismo**. A chegada a essas categorias se deu pela observação dos temas mais estudados e publicados no evento em análise. Como forma de melhor ilustrar para os leitores deste artigo os dados aqui presentes o Quadro 2 apresenta as categorias identificadas e uma breve descrição a seu respeito.

Quadro 2 — Categorias identificadas na DT Jornalismo - Intercom Nordeste

CATEGORIAS	APRESENTAÇÃO
Assessoria	Estudos sobre a área da assessoria de imprensa, relação do jornalismo e assessoria. Todos trazem a palavra “assessoria” nas palavras-chave.
Ensino	Estudos ligados ao ensino do jornalismo, a experimentos de pesquisa dentro da universidade. Apresentam as palavras ensino, pesquisa ou extensão no conjunto de palavras-chave.
Impresso	Estudos que dizem respeito ao jornalismo impresso ou a figuras importantes para disseminação do jornalismo impresso. Nas palavras-chave trazem a palavra impresso ou jornalismo impresso.
Jornalismo	Conjunto de estudos que envolvem temas diversos do jornalismo, como midiatização, feminismo, estudos de caso, entre tantas outras temáticas. Essa categoria não conta com palavras-chave específicas, mas não contém palavras que se refiram às demais categorias do estudo.

Radiojornalismo	Estudos sobre radiojornalismo e sua importância. Todas as pesquisas fazem referência em suas palavras-chave ao rádio.
Redes sociais	Estudos desenvolvidos sobre como o jornalismo atua nas redes sociais, a importância e os enfrentamentos na atualidade. As palavras-chave ou título devem fazer referência ao termo rede social ou a termos que façam ligação a ferramentas das redes sociotécnicas.
Revista	Estudos sobre objetos de pesquisas que são uma revista. Apresentam em suas palavras-chave e/ou no título do trabalho o nome da revista ou o termo revista.
Telejornalismo	Essa categoria apresenta estudos sobre telejornalismo, estudos de casos noticiados por telejornais, memória e novas formas de fazer telejornalismo. O título e as palavras-chave indicam pesquisas sobre telejornalismo.
Webjornalismo	Os estudos nessa categoria apontam pesquisas sobre webjornalismo e estudos de casos em sites, blogs ou portais. Entre as palavras-chave estão webjornalismo, site e blog.

Fonte: Elaboração das autoras

Assim, os agrupamentos foram feitos de acordo com os principais formatos jornalísticos e a escolha da organização das categorias ocorreu a partir da observação. Nesse percurso de categorização passamos pela organização em temas, mas logo, foi identificado um grande número de categorias e muitas com um único artigo. Assim seguimos a orientação de organizarmos de acordo com os meios de comunicação.

Desse modo, observando o título e as palavras-chave, foi possível direcionar os artigos científicos para as categorias. Com isso, os 112 artigos foram organizados em 9 categorias. O Quadro 3 apresenta a quantidade de artigos científicos que estão presentes em cada grupo.

Quadro 3 — Número de trabalhos por categoria - Intercom Nordeste

CATEGORIA	QUANTIDADE
Assessoria	03
Ensino	13
Impresso	10
Jornalismo	49
Radiojornalismo	02
Redes sociais	08
Revista	05
Telejornalismo	17
Webjornalismo	05

Fonte: Elaboração das autoras

Os números apresentados nessa análise já nos inquietam a pesquisar e descobrir mais sobre eles, sobre suas discrepâncias, sobre as memórias que guardam. E evidenciam uma queda na apresentação de trabalhos na DT de Jornalismo nos últimos dois anos do evento, 2018 e 2019.

Os dados também nos mostram que a memória é construída para além dos números. Ela é constituída a partir de discussões e de uma observação detalhada de cenários e de realidades. Assim propomos uma análise qualitativa de cada categoria para discutirmos de maneira particular cada temática e seus enfrentamentos.

Mais que números, vestígios de memória

A Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação - Compós (PROGRAMAS..., 2017) conta com 51 Programas de Pós-graduação (doravante, PPGs) cadastrados no Brasil, mas apenas oito estão no Nordeste. Se comparado às regiões Sul e Sudeste, esse número é quase cinco vezes maior em filiações e, evidentemente, em pesquisadores atuantes. Logo, podemos supor que a quantidade de pesquisas apresentadas no mesmo evento da Intercom, mas nas regiões Sul e Sudeste, seja maior, uma vez que as pós-graduações são os principais ambientes de estímulo à pesquisa no país.

Os dados da análise de cada categoria dos trabalhos da DT de Jornalismo podem ser reflexo da quantidade de programas afiliados à Compós no Nordeste. O número de oito PPGs afiliados no Nordeste ecoa como importante ponto de análise que ajuda a compreender os apenas 112 trabalhos apresentados na divisão temática de Jornalismo do Intercom Nordeste nos últimos 5 anos de evento.

Foram escolhidos cinco anos de evento, porque buscamos um número expressivo de pesquisas que pudessem mostrar quais os vestígios de memória do campo de jornalismo dos anos de 2015 a 2019 no Nordeste brasileiro e pelo fato de que a memória é construída com o tempo e não seria coerente analisar apenas um ano para expressar os vestígios de memória do congresso.

Para a análise qualitativa desse trabalho escolhemos avaliar cada categoria individualmente, destrinchando a quantidade de trabalhos, citando pesquisas, observando o cenário e o período em que o estudo foi publicado, e assim buscando compreender quais os vestígios de memórias encontrados.

Assessoria

Cada categoria tem suas particularidades, e para selecionar trabalhos que se referem a esta foram observadas as palavras-chaves. Os trabalhos que apresentaram, em seu quadro de palavras-chave, o termo assessoria ou assessoria de imprensa foram enquadrados nesta categoria. Mas, não foram muitos. Nos últimos cinco anos, apenas três trabalhos apresentaram essa característica.

Os trabalhos foram: “**A ética jornalística e os conflitos entre assessores de imprensa e repórteres no filme ‘tudo pelo poder’**” (NUNES; AMORIM, 2015), de Juliana Gouveia de Amorim Nunes, publicado no ano de 2015, “**Notas à imprensa do instituto lula: entre a**

informação e a opinião” (GOMES; KNEIPP, 2016), de Tainne de Lima Gomes e Valquiria Aparecida Passos Kneipp (2016), e a pesquisa **“Clipping: um estudo de caso sobre a relevância dessa ferramenta na assessoria de imprensa da prefeitura de Juazeiro do Norte”** (SILVA; VIEIRA, 2019), de Joelton Barboza da Silva e Pedro Paulo Santos de Souza Vieira, apresentado no ano de 2019.

Apenas um dos trabalhos desta categoria tem uma discussão voltada para sua região, o interior do Ceará. Os outros dois artigos trazem discussões de nível nacional. Esse dado nos traz a realidade da assessoria de imprensa, que é um campo em expansão para os profissionais de jornalismo na região Nordeste. Mas o reconhecimento e a valorização da atuação de profissionais com formação em jornalismo na área da comunicação institucional são recentes (DUARTE, 2003), e podemos acrescentar que é ainda mais recente na região Nordeste pelo fato de o desenvolvimento da comunicação organizacional partir historicamente da região Sudeste e ecoar no restante do país.

Esse desenvolvimento irregular da assessoria de imprensa e de comunicação no Brasil reflete entre os vestígios que compõem o campo científico do jornalismo. A pequena produção científica sobre o tema no Nordeste pode estar associada ao período de crescimento das práticas e também pode ser explicada pelo fato de ser esse um campo de pesquisa jovem, que também está em expansão.

Ensino

Nesta categoria o número de trabalhos quadruplica comparado ao grupo anterior. Aqui, encontramos o total de 13 artigos científicos apresentados e publicados no Intercom Nordeste (2015-2019). Esses trabalhos discutem temas ligados ao ensino da comunicação, trazem projetos experimentais de ensino e construção de texto.

Os anos de 2016 e 2017 apresentam um número considerável de trabalhos com o tema ensino, sendo que cada ano tem quatro trabalhos ligados a essa temática. O ano de 2015 contém apenas um trabalho que reflete sobre o campo científico segundo a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu, que se intitula **“O campo jornalístico: espaço de lutas e afirmação do poder simbólico”** (SANTOS, 2015), da pesquisadora Maria Stella Galvão Santos.

Neste grupo é possível identificar a presença do regionalismo, os trabalhos tratam sobre temáticas de seus estados, cidades e comunidades. A partir da análise da categoria ensino é possível perceber a universidade em um lugar de proximidade com a sociedade, destinando-se a ela colaborar com discussões sociais.

Os vestígios de memória evidenciam e fortalecem a importância da educação superior no Nordeste brasileiro que, apesar do reduzido número de PPGs afiliados à Compós, conta com inúmeros cursos de graduação. O número pequeno de PPGs afiliados, por sua vez, indica o caminho em relação à demanda a ser resolvida e à luta a ser travada para produzir trabalhos que ajudem a desenvolver a área de comunicação.

Impresso

Um total de 10 trabalhos científicos têm como objeto de pesquisa o jornalismo impresso. Eles analisaram o jornalismo impresso ou trouxeram uma discussão sobre a memória e a história da vida de um jornalista do impresso. Esses são os temas mais frequentes ligados ao grupo.

O tema esteve presente duas vezes em 2015 e duas vezes em 2016 na Divisão Temática de Jornalismo, quatro vezes no ano de 2017 e apenas uma vez no ano de 2018 e no ano de 2019. A diminuição do número de trabalhos nos últimos dois anos do evento pode apontar para uma diminuição dos veículos de jornalismo impresso na região.

No ano de 2018, o artigo apresentado na DT Jornalismo se referia ao caso do impeachment de Dilma Roussef e como o Jornal Folha de São Paulo fez a cobertura. O trabalho tem o título “**A política como jogo: o enquadramento de imagens no impeachment de Dilma Rousseff no jornal Folha de São Paulo**” (SANTANA, 2018), com autoria de Cássio Santos Santana.

Diferente de 2018, o trabalho de 2019 contempla o jornalismo regional. O trabalho intitulado “**Do release à notícia: análise dos critérios utilizados pelo jornal o dia na publicação de releases da prefeitura municipal de Teresina**” (ALENCAR; DOURADO; TEIXEIRA, 2019), pesquisa a relação da prefeitura da capital do Piauí e com jornal impresso O Dia, que é um dos maiores da cidade.

Assim, pela análise dessa categoria, os indícios mnemônicos de um campo em construção demonstram o peso que o jornalismo impresso da região Sudeste tem sobre as pesquisas

nordestinas e como refletem no Sertão. Os anos de 2018 e 2019 trazem análises envoltas ao tema política e jornalismo impresso, período em que o país passou por um turbilhão de situações nesse quesito.

Jornalismo

Esta categoria é de longe a mais abrangente. Ela uniu todas as temáticas que não se enquadram nas categorias de assessoria, ensino, impresso, rádio, redes sociais, revista, telejornalismo e webjornalismo. Aqui, estão trabalhos com discussões diversas e que nos levam a refletir sobre a vasta área de pesquisa que o jornalismo pode explorar.

Os trabalhos deste grupo trazem assuntos como feminismo, midiaticização, regionalização, teorias da comunicação, democracia, jornalismo esportivo, saúde, educação, meio ambiente, entre vários outros temas presentes no jornalismo. Esta categoria conta com 49 trabalhos, que se caracterizam pela flexibilidade do jornalismo em pesquisar inúmeros assuntos.

Os estudos jornalísticos tratam de temas diversos. Esta categoria reúne toda essa diversidade jornalística. Um exemplo é o trabalho “**Liberdade fuzilada: representações do fundamentalismo islâmico na cobertura do caso Charlie Hebdo**” (NOBREGA; MESQUITA, 2015), de Adilson Rodrigues da Nobrega e Antonia Morgana Medeiros Mesquita, que está no mesmo grupo do artigo científico “**Torcedor versus jornalista: a cobertura jornalística do futebol paraibano na era das tribos modernas**” (CARVALHO, 2015), de Phelipe Caldas Pontes Carvalho, ambos apresentados no ano de 2015.

Nessa área podemos comprovar o quanto o jornalismo é uma ciência interdisciplinar, que permite pesquisas que antes pareciam tão distantes e sobre assuntos que por diversas vezes foram silenciados. O jornalismo como ciência dá voz à pluralidade, assim, os vestígios de memória do jornalismo revelam um jornalismo plural.

Radiojornalismo

Este grupo está composto apenas por dois trabalhos científicos que correspondem ao ano de 2018. Ao que os dados indicam, o rádio foi um veículo pouco pesquisado, apesar de em

muitas regiões e comunidades do Nordeste brasileiro, este ser o único meio de comunicação, como aponta o pesquisador Orlando Berti (2014).

O fato desse número não expressar a realidade do radiojornalismo no sertão, tem como consequência para a memória do campo do jornalismo a abertura para o esquecimento. É como um texto repleto de lacunas, impedindo a compreensão e deixando questionamentos por todos os lados. Devemos lembrar aqui, que apenas a DT de Jornalismo foi analisada nesta pesquisa, assim, estudos sobre rádio podem estar presentes em outras divisões temáticas ou no Intercom Jr.

Apenas 1,8%, essa é a porcentagem referente à quantidade de trabalhos apresentados sobre esse tema em 112 artigos científicos da DT. Como efeito, o jornalismo, enquanto profissão, também perde com esse dado, pois, como Halbwachs (2006) discute, existe na sociedade ocidental a tendência à valorização do escrito.

E se podemos alcançar tantas rádios espalhadas pelo sertão, porque não escrever, narrar, quantificá-las e colaborar para construção da memória científica e do jornalismo? É coerente com o nosso papel de pesquisador e de comunicador esse ato de observar, analisar e comunicar.

Os artigos listados nessa categoria têm como título “**Comunicação e cidadania em um projeto pernambucano: o jornalismo cívico do rádio do povo**” (MOREIRA; ROCHA, 2018), de Sheyla de Lima Torres Moreira e Heitor Costa Lima da Rocha, e “**Rádio e midiaticização: o processo de interação em quatro matutinos diários em Teresina-PI**” (SILVA; LOPES, 2018), de Antonio Francisco Fontes Silva e Paulo Fernando de Carvalho Lopes.

Redes Sociais

Oito trabalhos compõem este grupo. Para agrupá-los, foi realizada a observação das palavras-chave, do título e de qual a temática que prevalecia no artigo, pois alguns dos artigos que estudam redes sociais fazem ligação com temas que também se referiam a outras categorias identificadas neste trabalho.

É o caso do artigo “**A utilização do WhatsApp como ferramenta colaborativa nos processos produtivos dos principais portais noticiosos do sertão central do Piauí**” (OLIVEIRA, 2018), cujo autor é Jailson Dias de Oliveira. Nesse caso, o título direciona o estudo para a temática rede social, mas as palavras-chave fazem referência ao webjornalismo, que é uma

categoria desse trabalho. Nessa circunstância, foi necessário ler o resumo do estudo para identificar em qual categoria ele melhor se enquadra.

Foi observado nesta categoria que 50% dos artigos desenvolvem uma discussão sobre a utilização de redes sociais de forma colaborativa ao jornalismo, e 100% deles falam sobre novas tecnologias e jornalismo. Raquel Recuero (2011) aponta que com a chegada das novas tecnologias de informação e de comunicação, desenharia-se um novo cenário comunicacional, onde os meios de comunicação de massa não dominariam inteiramente o espaço informativo, mas dividiriam espaço com as tecnologias.

Mas a propagação dessas novas fontes de informação, gerou também o excesso de informação e, como consequência, a desinformação. Foi nesse advento das tecnologias e das novas redes sociais que conhecemos o termo *fake news*⁴. Com isso, a sociedade voltou-se para o jornalismo, reafirmando-o como um espaço credível.

Dessa forma, os vestígios de memória encontrados a partir da análise desse grupo comprovam que o Jornalismo e os estudos neste campo continuam a ser um lugar de credibilidade e legitimação na sociedade visto que, “[...] as redes sociais na Internet, apesar de todo o potencial colaborativo de produção de informação continuam dando ao Jornalismo a credibilidade e construindo uma função de legitimação das notícia” (RECUERO, 2011, p. 3).

Revista

Esta categoria conta com cinco trabalhos: dois de 2015, um de 2016, um de 2017 e um de 2018. O ano de 2019 não tem nenhum trabalho que discuta sobre o assunto revista. Esse número pode ser reflexo da diminuição de revista no país, já que é uma vertente do jornalismo que tem um valor de produção mais elevado.

Neste grupo, é possível identificar estudos sobre duas revistas jornalísticas de distribuição nacional, a “Isto É” e a revista “Extra”. São respectivamente: “**A Isto É e as ‘explosões nervosas da presidente’**: quando a misoginia contamina o jornalismo brasileiro”, autoria de Ana Maria da Conceição Veloso; ainda sobre a Isto É, “**Escândalos político-midiáticos: um estudo sobre os enquadramentos da revista Isto É na cobertura da operação lava jato**” (BATISTA; MARQUES, 2017), de Giulianne Bezerra Batista. E um artigo sobre a revista Extra, “**Da**

⁴ Tradução: notícia falsa

benevolência à eficiência: empresa-modelo no guia Exame de sustentabilidade” (BARROS; PRADO, 2015), de Camila Bezerra Furtado Barros e José Luiz Aidar Prado.

Diante desse cenário, podemos verificar o quanto os veículos de comunicação em massa das regiões Sul e Sudeste do nosso país têm força sobre a comunicação e a pesquisa da região Nordeste, e o que podemos observar é que essa influência tem um impacto ainda maior no campo científico.

Esta análise se detém a um recorte de cinco anos de estudos, mas se os dados levantados aqui foram propositalmente convergente com todos os anos do Intercom Nordeste, 60% dos estudos destinados ao jornalismo de revista são voltados não para nossa região, mas para veículos de comunicação de massa de abrangência nacional.

Consequentemente, os indícios mnemônicos do campo científico do jornalismo no Nordeste dizem respeito a pesquisas que podem até ter sido produzidas aqui, mas que não correspondem exatamente a essa região. Isso demonstra que a memória da comunicação no Nordeste está sendo construída de maneira desproporcional em comparação à produção jornalística nordestina.

Telejornalismo

Este é o segundo maior grupo desta análise categorial. São 17 trabalhos, três em 2019, três em 2018, quatro em 2017, seis em 2016 e um artigo em 2015. São estudos sobre a memória do telejornalismo, análise de caso, telejornalismo regional, audiência e metodologia da TV.

Aqui, nós podemos fazer um questionamento: porque o telejornalismo tem um maior número de pesquisas se comparado ao rádio, mesmo sendo um produto mais caro e que tem produção consistente de programas e conteúdos apenas em cidades desenvolvidas? Quem sabe tenha a ver com o que Bourdieu (1976) chama de lucro simbólico, que é a busca pessoal e particular por reconhecimento na área de estudo.

O consumo, dessa forma, fica vinculado à produção jornalística sudestina, com veiculação nacional. Portanto, os vestígios de memória do campo do jornalismo indicam que o telejornalismo é privilegiado nas pesquisas, talvez, pelo fato de ser também o meio de comunicação com maior prestígio no Brasil.

De acordo com uma pesquisa realizada em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a televisão está presente em 67,373 milhões de domicílios no Brasil (GANDRA, 2018). E são quase dois televisores para cada residência brasileira. Esse número demonstra a importância e o poder comunicacional que o telejornalismo tem sobre os telespectadores do nosso país.

Na memória do campo científico sobre o telejornalismo no Nordeste existe uma presença bem mais forte de um sentimento de pertença, de proximidade do objeto estudado. Nesta categoria os trabalhos dialogam sobre vertentes diversas do telejornalismo, mas sempre trazendo para a realidade das TVs nordestinas. Essa é uma característica forte desse grupo e que chamou atenção.

Um dos estudos analisados nessa categoria e que expressa bem essa observação é o artigo “**Tv Borborema e a convergência digital: avanços, desafios e a (possível) presença de novos leitores no ciberespaço**” (ANTERO; CHAGAS, 2016), de Nadjaria Kalyenne de Lima Antero e Emanuelle Pereira das Chagas, apresentado no ano de 2016. Nele, as autoras desenvolveram uma discussão sobre os desafios e avanços na plataforma Facebook pela TV Borborema, afiliada do SBT, em Campina Grande.

Webjornalismo

Estão presentes nesta categoria cinco artigos científicos, o que pode ser considerado um número pequeno, entendendo que o jornalismo digital tem alcançado crescimento exponencial desde a expansão da internet, no início dos anos 2000, no Brasil. Para agrupá-los, foi observado se o título e as palavras-chave faziam referência aos termos webjornalismo, blogs, portais ou internet.

O ano de 2016 foi o que teve mais trabalhos sobre webjornalismo apresentados na DT de Jornalismo do Intercom Nordeste, com o total de três trabalhos: “**Jornalismo e acessibilidade: TV Ines - primeira webtv acessível do Brasil**” (SIQUEIRA; SOUZA, 2016), cujas autoras são Jonara Medeiros Siqueira e Joana Belarmino de Souza; “**O estigma em torno da síndrome de Down e a cobertura jornalística sobre o tema em notícias de sites do Brasil**” (GOMES, 2016), de Mayara Emmily Chaves Gomes; e “**O webjornalismo e suas potencialidades**” (CAVALCANTI, 2016), do pesquisador Ivo Henrique França de Andrade Dantas Cavalcanti.

O mapeamento realizado na terceira edição do Atlas de Notícia apontou que a região Nordeste conta com 1.722 veículos jornalísticos e que 395 são veículos *on-line* (CORREIA, 2019). O mapeamento ainda não conseguiu alcançar todos os veículos, mas traz essa estimativa. A pesquisa colabora para nos nortear a um número aproximado do real.

O número de veículos *on-line* no Nordeste, segundo a pesquisa de Correia (2019), parece ser pequeno quando pensamos em todos os portais, páginas e blogs de notícias que são alimentados diariamente ou semanalmente por jornalistas e não jornalistas, realidade corriqueira da profissão e que se manifesta rotineiramente na *timeline*⁵ das nossas redes sociais. Porém, é um número alto quando se considera que possivelmente os 395 veículos presentes no levantamento são regularizados.

A realidade que pode ser observada é que o jornalismo *on-line* cresce nas pequenas cidades, não estando mais limitado aos grandes centros urbanos, e o campo científico não tem acompanhado esse crescimento exponencial. Segundo os vestígios de memória verificados nesta divisão temática, é possível compreender que enquanto uma parcela do webjornalismo é estudado, outra parte, não é.

Esse fato abre espaços de esquecimentos da memória, onde podemos perder parte significativa da memória jornalística ligada à comunicação *on-line*. Nessa circunstância, o campo do jornalismo perde, pois a pesquisa científica colabora para o conhecimento maior das plataformas e realidades, e o campo científico também.

Considerações

Mediante o propósito de construir a memória do campo científico do jornalismo na região Nordeste, foi mapeada e analisada a configuração do cenário para aumentar o fortalecimento do campo, partindo do questionamento: como a memória do campo científico do jornalismo vem se caracterizando, especificamente, na região Nordeste?

Inicialmente é válido analisarmos os conteúdos dos artigos, que tratam bastante sobre temáticas voltadas para outros estados e regiões do país, como as regiões Sudeste e Sul, que concentram grandes polos da imprensa nacional. Nesse sentido é que indagamos: nordestinos se

⁵ Tradução: linha do tempo.

voltando a pesquisas sulistas nos possibilita um crescimento da memória local e do campo científico regional?

Jornalistas e pesquisadores regionais teriam, provavelmente, maior propriedade e conhecimento sobre as demandas referentes ao contexto regional. Quanto maior o índice de jornalistas nordestinos dedicados ao desenvolvimento de pesquisas e à expansão do conhecimento referente à realidade da comunicação do Nordeste, maior seria a possibilidade de aprimorar a percepção sobre o fluxo comunicacional e sobre as práticas profissionais em jornalismo do contexto regional no qual estão inseridos.

Assim, esse possível aumento dos registros e publicações de produtos científicos, levantando mais temas pertinentes ao cenário regional, seria fundamental para o fortalecimento do campo científico do jornalismo no Nordeste e permitiria uma assimilação social e científica mais completa a respeito da conjuntura e funcionamento do jornalismo regional.

Em relação aos aspectos mnemônicos das pesquisas analisadas, entendemos que cresce e satura no que se refere a veículos maiores e reconhecidos nacionalmente, enquanto as pesquisas que podem contribuir para o desenvolvimento do jornalismo no Nordeste do Brasil são deixadas em esquecimento.

O esquecimento pode atrofiar o expansionismo do jornalismo nordestino, caindo mais ainda em desvantagem em relação a veículos nacionais já saturados de uma memória desapropriada, sem raízes e somente fíncada em admiração. O que indica que, provavelmente, em busca de reconhecimento social, muitas vezes, os pesquisadores tendem a focar suas pesquisas em grandes veículos de comunicação, orientando-se por temas que atinjam a conjuntura nacional.

No decurso desta análise, ao analisarmos a quantificação dos artigos científicos conforme veículos de publicação da prática jornalística, notamos a seguinte divisão: Assessoria-3; Ensino-13; Impresso-10; Jornalismo-49; Rádio-2; Redes Sociais-8; Revista-5; Telejornalismo-17 e Webjornalismo-5. Foram identificados os temas mais abordados nos trabalhos científicos do campo e percebemos as categorias de Jornalismo e Telejornalismo tomando a frente nas produções.

A categoria Jornalismo revela como a construção do campo científico é caracterizada por liberdade na hora das produções, sendo que a memória a ser construída reforça a aproximação do

autor a assuntos sociais que se tornam pertinentes ao campo da pesquisa. Outras duas categorias que despertaram nossa atenção foram Telejornalismo e Radiojornalismo.

A categoria de Telejornalismo teve o segundo maior número de pesquisas. Percebemos uma relevante memória quando se trata desse tema, supondo que durante esses anos de pesquisa, a televisão era um veículo ainda evidente na memória dos autores, resultando nas publicações que aconteceram no Congresso.

A categoria Radiojornalismo, por sua vez, ocupou o último lugar no número de produções científicas. Percebemos que ela acaba por não construir memórias como as outras categorias, devido ao número menor de produções científicas relacionadas a essa temática. O veículo tem sido, há um tempo, questionado em relação à falta de adaptação aos novos tempos, cabendo a lembrança de um público anterior a esses anos que foram pesquisados. A avaliação é pertinentemente ao melhoramento e aumento do enfoque de trabalhos com vistas à construção da memória dessa categoria.

A formatação e fortalecimento da memória do campo da pesquisa em jornalismo no Nordeste, contribui como uma oportunidade de refletir sobre quais assuntos ficam em evidência durante todas as formas de graduação, resultando em trabalhos científicos. A análise é importante para entendermos a relação das lembranças desses autores, quando resolvem colocá-las em seus artigos.

Por meio deste trabalho, temos também o intuito de abrir caminho para novas pesquisas relacionadas à área e ampliar as discussões e conhecimentos sobre o funcionamento da pesquisa no Nordeste. Compreender o contexto de produção científica regional é fundamental para estudantes e pesquisadores regionais e até mesmo de grande relevância para a população nordestina em geral.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Marta Thaís; DOURADO, Jacqueline Lima; TEIXEIRA, Juliana Fernandes. *Do release à notícia: análise dos critérios utilizados pelo Jornal O Dia na publicação de releases da Prefeitura Municipal de Teresina*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 21°. ed. São Luís, Maranhão, 2019. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1392-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

ANTERO, Nadjaria Kalyenne de Lima; CHAGAS, Emanuelle Pereira das. *TV Borborema e a convergência digital: Avanços, desafios e a (possível) presença de novos leitores no ciberespaço*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18°. ed. Caruaru, Pernambuco, 2016. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0648-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, "senhores da memória"? In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 4; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais[...]** Disponível em: <https://cutt.ly/op6UgKw>. Acesso em: 05 abr. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Camila Bezerra Furtado. *Da benevolência à eficiência: empresa-modelo no guia Exame de sustentabilidade*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 17°. ed. Natal, Rio Grande do Norte, 2015. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2171-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

BATISTA, Giulianne Bezerra; MARQUES, Francisco Jamil Almeida. *Escândalos político-midiáticos: um estudo sobre os enquadramentos da revista Isto É na cobertura da operação Lava Jato*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 19°. ed. Fortaleza, Ceará, 2017. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1790-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Processos comunicacionais nas rádios comunitárias do Sertão do Nordeste brasileiro na Internet**. Dissertação (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

BOURDIEU, Pierre. O Campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. *Torcedor versus jornalista: a cobertura jornalística do futebol paraibano na era das tribos modernas*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 17°. ed. Natal, Rio Grande do Norte, 2015. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2733-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

COM cerca de 2 mil inscritos, Intercom Nordeste 2019 reuniu comunidade acadêmica de toda região. **Jornal Intercom**, São Paulo, jun. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/IyXQiDV>. Acesso em: 01 jun. 2020.

CORREIA, Mariana. Projetos independentes, plataformas digitais e ações em rede redefinem o jornalismo no Nordeste. **Observatório da Imprensa**, 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/Gp6UfTN>. Acesso em: 14 jul. 2020.

DANTAS, Ivo Henrique. *O webjornalismo e suas potencialidades*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18°. ed. Caruaru, Pernambuco, 2016. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1781-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

DUARTE, Jorge. Assessoria de imprensa no Brasil. In: Duarte, Jorge (org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 81-102

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=1107864&key=4f52dc12f479282d0a8d360c5a30603c>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FONTES, Antônio; LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. *Rádio e midiaticização: o processo de interação em quatro matutinos diários em Teresina-PI*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 20°. ed. Juazeiro, Bahia, 2018. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-1015-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

GANDRA, Alana. Pesquisa diz que, de 69 milhões de casas, só 2,8% não têm TV no Brasil. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/Kp6Yv89>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2008.

GOMES, Mayara Emmily Chaves; RABAY, Gloria. O estigma em torno da síndrome de Down e a cobertura jornalística sobre o tema em notícias de sites do Brasil. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18°. ed. Caruaru, Pernambuco, 2016. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0689-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

GOMES, Taianne L.; KNEIPP, Valquiria A. P. *Notas à imprensa do Instituto Lula: entre a informação e a opinião*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18°. ed. Caruaru, Pernambuco, 2016. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1188-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Paula Cunha. “*As expressões nervosas da presidente*”: estereótipos de gênero na *Revista Istoé e a repercussão com a hashtag #IstoÉMachismo*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18°. ed. Caruaru, Pernambuco, 2016. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0893-1.pdf> Acesso em: 14 de junho de 2021.

MARQUES DE MELO, José. O Campo da Comunicação no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **O Campo da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 7- 104.

MOREIRA, Sheyla de Lima Torres; ROCHA, Heitor Costa Lima da. *Comunicação e Cidadania Em Um Projeto Pernambucano: O Jornalismo Cívico Do Rádio Do Povo*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 20°. ed. Juazeiro, Bahia, 2018. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0727-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

NÓBREGA, Adilson Rodrigues da; MESQUITA, Antônia Morgana Medeiros. “*Liberdade fuzilada*”: representações do fundamentalismo islâmico na cobertura do caso *Charlie Hebdo*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 17°. ed. Natal, Rio Grande do Norte, 2015. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1160-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

NUNES, Pedro; AMORIM, Juliana Gouveia de. *A ética jornalística e os conflitos entre assessores de imprensa e repórteres no filme “Tudo pelo Poder”*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 17°. ed. Natal, Rio Grande do Norte, 2015. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2519-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Jailson Dias de. *A utilização do WhatsApp como ferramenta colaborativa nos processos produtivos dos principais portais noticiosos do Sertão Central do Piauí*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 20°. ed. Juazeiro, Bahia, 2018. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0907-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

PORTAL INTERCOM. Memória Intercom: linha do tempo. 2020?. Disponível em: <https://cutt.ly/zyXQod7>. Acesso em: 18 maio 2020.

PROGRAMAS filiados. **Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.compos.org.br/programas.php>. Acesso em: 29 jul. 2020.

RECUERO, Raquel. “Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais”. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9, 2011. **Anais[...]**. Rio de Janeiro: ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. p. 1-19.. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sbpjorrecuero.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SANTANA, Cássio Santos. *A política como jogo: o enquadramento de imagens no impeachment de Dilma Rousseff no jornal Folha de São Paulo*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 20°. ed. Juazeiro, Bahia, 2018. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0482-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

SANTOS, Maria Stella Galvão. *O campo jornalístico: espaço de lutas e afirmação do poder simbólico*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 17°. ed. Natal, Rio Grande do Norte, 2015. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0927-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

SILVA, Elias Machado. Jornalismo. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.91-104.

SILVA, Joelton Barboza da; VIEIRA, Pedro Paulo Santos de Souza; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. *Clipping: Um Estudo De Caso Sobre A Relevância Dessa Ferramenta Na Assessoria De Imprensa Da Prefeitura De Juazeiro Do Norte*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 21°. ed. São Luís, Maranhão, 2019. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1104-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

SIQUEIRA, Jonara Medeiros; SOUZA, Joana Belarmino de. *Jornalismo e Acessibilidade: TV INES - Primeira webTV Acessível do Brasil*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 18°. ed. Caruaru, Pernambuco, 2016. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1460-1.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

Unidade de Memória do Campus Picos: um relato de experiência de implantação de um lugar de memória no IFPI

NOMES

Marx Rodrigues de Moura
Luana de Sousa Rodrigues de Moura

AFILIAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Brasil
Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Introdução

Nesse início é importante destacar que a Liga de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme) abre uma nova perspectiva de pesquisa numa universidade pública, oportunizando a participação de estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, em Picos-PI, e, também, abrindo suas portas para a comunidade, onde nessa integração, um professor da área de Ciências Contábeis, que enveredou pelas pós-graduações do mestrado e doutorado em Serviço Social, percebeu como oportunidade o espaço dessa interconectividade e logo se lançou no fazer pesquisa, principalmente pelas categorias que se apresentam neste texto acadêmico.

Nesta interconectividade vieram de encontro categorias que fizeram sentido em pesquisar uma temática que tivesse relação com uma experiência de trabalho e de estudo, tanto para um professor que já atua na área da docência e desenvolve um trabalho sobre memória numa instituição pública de ensino (primeiro autor deste trabalho), assim como para uma acadêmica que avança nos estudos na graduação em jornalismo e quer vivenciar novas experiências de conhecer e fazer pesquisa sobre memória (segunda autora).

A motivação para pesquisar sobre lugar de memória numa instituição pública de ensino chegou com o movimento da criação do Memorial do IFPI, quando o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) se preparava para comemorar 110 anos de existência.

Pretendemos nesta pesquisa captar uma linha do tempo a partir do aspecto histórico do surgimento de uma instituição pública de ensino secular que atravessou os anos se reinventando à luz das demandas da oferta de um ensino público adaptado às necessidades da população. O IFPI tornou-se referência não apenas na capital do Piauí, mas também em 20 cidades polos que reverberam suas práticas educacionais em suas regiões, como mostra o Plano de Integridades (2019-2020), onde consta a missão do IFPI de: “promover uma educação de excelência, direcionada às demandas sociais” (BRASIL, 2014, p.49).

Como delineamento metodológico, o presente trabalho revela-se como um Relato de Experiência, de caráter descritivo e transversal (GIL, 2008), que visa apresentar a vivência da construção do Memorial do IFPI. A experiência de construção do memorial se deu no contexto

das intenções de construir um lugar de memória, das ideias centrais desenvolvidas para o alcance dos objetivos e do esforço coletivo despendido na valorização da memória de um local.

Como procedimentos, valemo-nos para a construção deste trabalho dos pressupostos da Pesquisa Documental (GIL, 2008), na medida em que tratamos de portarias, resoluções, regimentos, relatórios e banners caracterizados como documentos oficiais do IFPI, que serviram de base para nossa análise.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral compreender o contexto do surgimento de uma unidade de memória numa instituição pública de ensino como “lugar de memória” e sua importância ao analisar os documentos oficiais gerados no decorrer do período, tendo como aporte teórico os autores e as categorias estudadas.

Percebe-se, neste Relato de Experiência, a cadência da percepção da categoria memória, inicialmente, no senso comum, e, após o estudo teórico, a partir da participação em reuniões de um projeto de extensão, o que trouxe um novo olhar para a categoria, como referência à perspectiva teórica, no caminhar e na conexão entre duas instituições de ensino públicas: A Liga de Jornalismo, Educação e Memória, na Universidade Estadual do Piauí e a Unidade de Memória do Campus Picos, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí.

Justifica-se este estudo pela valorização da memória de uma instituição pública de ensino, suas repercussões, dentro do contexto de surgimento do Memorial do IFPI e da Unidade de Memória do Campus Picos, a partir das discussões teóricas de Pierre Nora sobre “Lugar de Memória”. Há de se destacar o relato de experiência em captar os movimentos de implantação da Unidade de Memória do Campus Picos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), nos seus 13 anos de existência e da importância da existência desse espaço como construção da história do Campus Picos.

A Liga Joeme, ao desenvolver estudos pertinentes à memória, captou e acolheu pessoas interessadas na valorização da memória de um lugar. Dessa forma, de modo particular, fomentou o estudo e a pesquisa de categorias ligadas à memória e educação, observando-se as discussões em torno das temáticas contidas no cronograma de reuniões durante o ano de 2019 (FERREIRA, 2020), dos conceitos teóricos que deram liga à construção deste artigo e de conhecer e agregar categorias importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Foi a partir deste movimento físico e teórico que se delimitou uma problematização em torno de pesquisar como surgiu a Unidade de Memória do Campus Picos e o que esse movimento

possibilitou definir nesse espaço como um lugar de memória, escolhendo o relato de experiências como um caminho de pesquisa para descobrir como ocorreu esse processo de valorização da memória do Campus Picos e o que esteve envolvido nesse entorno, tendo como suporte teórico a partir das discussões sobre memória e esquecimento com Michael Pollak e memória coletiva com Maurice Halbwachs.

De acordo com Nora (1993, p. 7), “o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Dessa forma, lugares de memória são necessários para podermos evocar essas memórias que segundo Nora (1993) já não existem mais. A partir disso, o Memorial do Campus Picos pode ser visto e representado como um lugar de memória no cuidado com que a instituição guarda suas memórias ao longo de sua existência como instituição.

Nora (1993, p.8) também diz que “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história”, o fato de não podermos mais habitar nossa memória, como o autor diz, traz a necessidade desses lugares de memória para, justamente, ser um lugar de preservação do que foi construído nesses anos de existência do IFPI, tanto para que as gerações presentes entendam e conheçam toda a trajetória da instituição, antes e até os seus 13 anos, quanto que para as gerações futuras possam entender e conhecer o contexto que estão inseridas através da memória que foi guardada nesses lugares.

Assim, este Relato de Experiência do processo de construção da Unidade de Memória do Campus Picos a partir do contexto de criação do Memorial do IFPI é justificado por: a) Analisar os documentos institucionais gerados no decorrer do processo; b) Interligar o conceito de lugar de memória para a Unidade de Memória do Campus Picos, conforme Pierre Nora; c) compreender a importância da Memória para uma instituição pública que tem uma continuidade, a partir do surgimento do IFPI, desde 1909, passando por várias transformações no ensino e chegando até o IFPI; e, d) perceber o contexto de criação do Memorial do Campus Picos que passará a adotar a sistemática da Resolução de Criação do Memorial do IFPI para institucionalizar esse espaço de memória nessa instituição pública de ensino.

Um pouco da história do IFPI: chegando ao Campus Picos

No ano de 1909 surgiram as Escolas de Aprendizes Artífices, como eram chamadas as instituições de ensino na época. Esse foi um marco inicial que passou por várias transformações até a definição atual de Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, como conhecemos como IFPI, tornando-se uma importante instituição pública de educação no Estado do Piauí, durante sua existência, há mais de um século. Nesse contexto, com o avançar dos anos, chegando ao ano de 2019, especificamente em 23 de setembro, comemorou-se 110 anos de sua existência. Na Imagem 1 é possível ver a linha do tempo referente às transformações ocorridas desde as Escolas de Aprendizes Artífices até chegar ao IFPI.

Imagem 1 — Linha do tempo do IFPI ao longo de 109 anos



Fonte: Adaptado do acervo da Unidade de Memorial do Campus Picos (Brasil, 2020b).

O Campus Picos foi inaugurado no ano de 2007 (MUNIZ, 2007; BRASIL, 2020a) - Imagem 2 -, teve seu início em abril de 2007, quando entrou em funcionamento a Unidade de Ensino Descentralizada de Picos (UNED/Picos) do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI), assim,

na primeira semana de março de 2007 os servidores iniciaram seus trabalhos na UNED Picos. O funcionamento ocorria internamente, direcionado para preparar a instituição em receber os primeiros alunos e a ambientar os servidores com as tarefas rotineiras da instituição. A equipe de servidores foi aprovada em concurso público no segundo

semestre de 2006. Sua nomeação ocorreu no início de janeiro de 2007. A posse ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2007. A oferta de cursos ocorreu inicialmente em número de 06 (seis) cursos, sendo 03 (três) na modalidade de Ensino Médio Integrado (Administração, Eletrotécnica e Desenvolvimento de Software) e 03 (três) cursos de Ensino Técnico na Modalidades Concomitante/Subsequente (Administração, Eletrotécnica e Informática). Inaugurado oficialmente na gestão do então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 28 de maio de 2007, contou com a presença do Ministro da Educação Fernando Haddad e do Governador do Estado do Piauí José Wellington Barroso de Araújo Dias (Brasil, 2020a, p. 1).

Imagem 2 — Foto da Placa de Inauguração do Campus Picos, em 2007



Fonte: Arquivo pessoal do professor Marx Rodrigues de Moura.

Os relatos descritos no Banner da Unidade de Memória do Campus Picos MEMÓRIAS DO CAMPUS PICOS – CAPIC (ANO 2007) (Imagem 3) são do servidor Rui Dglan dos Santos Carvalho, assistente em administração, integrante da primeira equipe de técnicos administrativos, do ano de 2007, e, atualmente participa como membro da Unidade de Memória do Campus Picos

e contribuiu na pesquisa e elaboração dos banners alusivos aos 13 anos do campus, comemorados recentemente, em maio de 2020 (BRASIL, 2020a).

Imagem 3 — Banner Memórias do Campus Picos - CAPIC (2007)



MEMORIAL IFPI
INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ

MEMÓRIAS DO CAMPUS PICOS – CAPIC (ANO 2007)

- O Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) na cidade de Picos tem seu início em abril de 2007, quando entra em funcionamento a Unidade de Ensino Descentralizada de Picos (UNED Picos) do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI)
- Na primeira semana de março de 2007 os servidores iniciaram seus trabalhos na UNED Picos. O funcionamento ocorria internamente, direcionado para preparar a instituição em receber os primeiros alunos e a ambientar os servidores com as tarefas rotineiras da instituição.
- A equipe de servidores foi aprovada em concurso público no segundo semestre de 2006. Sua nomeação ocorreu no início de janeiro de 2007. A posse ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2007.
- A oferta de cursos ocorreu inicialmente em número de 06 (seis) cursos, sendo 03 (três) na modalidade de Ensino Médio Integrado (Administração, Eletrotécnica e Desenvolvimento de Software) e 03 (três) cursos de Ensino Técnico na Modalidades Concomitante/Subsequente (Administração, Eletrotécnica e Informática).
- Inaugurado oficialmente na gestão do então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 28 de maio de 2007, contou com a presença do Ministro da Educação Fernando Haddad e do Governador do Estado do Piauí José Wellington Barroso de Araújo Dias.
- A implantação da UNED Picos faz parte do projeto de expansão da Rede Federal Tecnológica, desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC).
- Contou com 240 alunos distribuídos em 06 (seis) cursos, no início do seu funcionamento.
- A UNED Picos possui uma área total do terreno de 50.117,63 m², sendo utilizada uma área de 5.000 m², com construção inicial de 3.554,82 m².
- Contando com 09 (nove) laboratórios, 10 (dez) salas de aula, 01 (uma) biblioteca e 01 (um) auditório.
- Relatos do servidor Rui Djalma dos Santos Carvalho, Assistente em Administração, da primeira equipe de Técnicos Administrativos, em 2007 e atualmente participa como membro da Unidade de Memória do Campus Picos.

Em citações, utilizar a referência: BRASIL. Banner da Unidade de Memória do Campus Picos (CAPIC): Memórias do Campus Picos. Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Picos: CAPIC/IFPI, Jan. 2020.

INSTITUTO FEDERAL
Piauí
Campus Picos

Fonte: BRASIL (2020a)

Na linha do tempo, o IFPI possui 110 anos e o Campus de Picos, 13 anos. Dessa forma, o destaque no banner é percebido como um resultado das atividades da subcomissão, revelando a possibilidade de conhecer a história do campus, tendo como ponto de partida a memória desse local, onde cita que “no ano de 2007 nascia o Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí

(CEFET-PI)” (Brasil, 2020a, p. 1). O CEFET de Picos posteriormente se tornou o IFPI de Picos, embora seja comum ainda hoje na cidade e na macrorregião escutarmos o termo CEFET, quando se trata da instituição, o que cremos que aconteça devido à mudança recente de nome.

Percebe-se que no cotidiano, através das falas, algumas pessoas não sabem o real significado da sigla do IFPI, ao chamarem de CEFET e, conseqüentemente, possuem dificuldade de entender o trabalho que é desenvolvido nesse lugar. O fato desse olhar ainda ser ofuscado, abre margem para que a memória seja esquecida e perdida no tempo, caso não haja um lugar ou lugares destinados a guardar e disseminar essas informações de forma mais detalhada. A partir desse debate, é possível ver a importância da criação desse lugar de memória, que começou a ser construído a partir do ano de 2018, no intuito de preservar a memória da instituição, como um todo, e a memória específica em cada campus, de forma individual.

Michael Pollak (1989) fala do silêncio e, conseqüentemente, do silenciamento. Quando não existe um lugar de memória onde as memórias possam ser guardadas para uma futura evocação, o que foi vivido, e toda construção do lugar, no caso do IFPI, perde-se, ficando à margem do esquecimento. Antes da construção do memorial no campus, ao que se percebe, em relação ao IFPI de Picos, a história era registrada internamente nos documentos arquivados e externamente, ao que se tem registro, em forma de notícias veiculadas na mídia (o que muitas vezes se limita a marcos considerados importantes do ponto de vista de quem está fazendo a reportagem) ou o que ficou da memória individual das pessoas que fazem parte da instituição.

Porém, essas memórias, principalmente os documentos oficiais e arquivos, ficam restritas a lugares limitados, fazendo com que a população de forma geral ou até mesmo os alunos que ingressam no IFPI, ano após ano, não conheçam a história e a trajetória do lugar em que estão inseridos - no caso dos alunos - ou do lugar que tem disponível na cidade - como o caso da população em geral. Dessa forma,

[...] o silêncio, além da acomodação ao meio social, poderia representar também uma recusa em deixar que a experiência do campo, uma situação limite da experiência humana, fosse integrada em uma forma qualquer de "memória enquadrada" que, por princípio, não escapa ao trabalho de definição de fronteiras sociais (POLLAK. 1989, p.14).

A não criação do memorial ou tratá-lo de maneira irrelevante levaria ao silenciamento, e conseqüentemente, ao esquecimento da trajetória de criação da instituição, um silenciamento de

toda história e memória da instituição. Por isso, mais uma vez, destacamos aqui a importância do processo de surgimento do memorial e sua efetivação, a partir da normatização, que sustenta sua criação, sua relevância e a importância de tratar esse lugar como um lugar de memória para a instituição.

Quando da inauguração, como cita o banner MEMÓRIAS DO CAMPUS PICOS – CAPIC (ANO 2007) (BRASIL, 2020a), o campus contava com a seguinte apresentação:

a oferta de cursos ocorreu inicialmente em número de 06 (seis) cursos, sendo 03 (três) na modalidade de Ensino Médio Integrado (Administração, Eletrotécnica e Desenvolvimento de Software) e 03 (três) cursos de Ensino Técnico na Modalidades Concomitante/Subsequente (Administração, Eletrotécnica e Informática). Contou com 240 alunos distribuídos em 06 (seis) cursos, no início do seu funcionamento. A UNED Picos possui uma área total do terreno de 50.117,63 m², sendo utilizada uma área de 5.000 m², com construção inicial de 3.554,82 m². Contando com 09 (nove) laboratórios, 10 (dez) salas de aula, 01 (uma) biblioteca e 01 (um) auditório (BRASIL, 2020a, p. 1).

Recentemente, após 10 anos da sua inauguração, consta em documento interno (BRASIL, 2018a), no relatório apresentado pelo Diretor Geral, Elisberto Francisco Luz, em conformidade com a solicitação feita na Convocação para a 7ª Reunião Ordinária do Colégio de Dirigentes do IFPI, realizada em 15/11/2018, na sala de reuniões do Campus Teresina Central, que o Campus Picos passou a contar com:

um número de 890 (oitocentos e noventa alunos) distribuídos em 28 turmas sendo 02 (dois) cursos de Formação Inicial e Continuada (Curso de Vendas e de Eletricista Instalador Predial de Baixa Tensão); 03 (três) cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Técnico e na modalidade concomitante/subsequente (Administração, Eletrotécnica e Informática), 01 (um) curso do PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Comércio); 03 (três) cursos superiores (Licenciatura em Química, Licenciatura em Física, Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; 03 (três) Especializações (MBA em Gestão Estratégica de Mercado; Engenharia de Software, com ênfase em Desenvolvimento para Web; Especialização em de Física. Temos um número de 72 (setenta e dois) professores efetivos. Deste total temos 08 (oito) doutores; 36 (trinta e seis) mestres; 27 (vinte e sete) especialistas e 01 (um) graduado. Os Técnicos Administrativos somam no presente 51 Técnicos. Sendo 04 (quatro) com o Ensino Médio; 31 (trinta e um) especialistas: 10 (dez) graduados; 02 (dois) mestres e 01(uma) doutora. Quanto aos serviços terceirizados somam-se no presente 41 (quarenta e um) colaboradores (BRASIL, 2018a, p. 1).

Relato do surgimento da Unidade de Memória do Campus Picos e a importância dos documentos institucionais para o registro e o lugar de memória

No ano de 2018 foi criada a Comissão Central de Memória do IFPI, na Reitoria do IFPI, em Teresina e mais 20 Subcomissões nos demais campi espalhados de norte a sul e leste a oeste do Estado do Piauí, pelas Diretorias Gerais. No Campus Picos, a Subcomissão do Memorial do Campus Picos foi criada através de portaria e composta, inicialmente, por dois membros, servidores professores da instituição.

A essa subcomissão foi atribuída a responsabilidade de “pesquisar e organizar a memória específica do IFPI - Campus Picos e trabalhar de forma colaborativa fornecendo informações para Comissão Central na construção do Memorial do IFPI” (Brasil, 2018a, p. 1).

Percebeu-se nessa iniciativa o objetivo de fazer com que os 20 campi organizassem seus espaços e apresentassem relatos históricos, tendo em vista a importância da preservação da memória desses lugares. Nora (1993) fala da valorização do novo e o esquecimento do que foi construído anteriormente, o que faz perceber que muitas vezes a conservação da memória é vista como algo não tão importante por justamente não se valorizar ou não entender a importância de conhecer e preservar o que já se passou.

O surgimento da Unidade de Memória do Campus Picos aconteceu pelo conjunto das ações materializadas na Subcomissão de Memória do Campus Picos através das ações administrativas da Direção Geral do Campus Picos, pela da portaria nº. 09/2018 de 27 de março que criou a subcomissão de memória no Campus Picos. A portaria da Reitoria do IFPI nº 1.107/2018, de 23 de abril de 2018 criou a Comissão Central tornando viável o surgimento desse lugar de memória, a partir do contexto normativo de resoluções, regimento e portarias, assim como dos esforços do trabalho de equipe dos membros da subcomissão, que de início foi formado apenas por dois servidores e chegou à composição atual, com sete servidores do Campus, devido à compreensão de que, pelo volume de trabalho existente, mais integrantes seriam necessários.

Destaca-se que o local da pesquisa, o Campus Picos, possui menos de um décimo da idade do IFPI no Piauí, sendo este fundado em 1909, enquanto Escola de Aprendizes Artífices, de acordo com o site do IFPI na matéria “**IFPI comemora 109 anos de educação profissional no Piauí**” (IFPI..., 2018), passando por várias modificações até chegar no seu modelo atual.

A Unidade de Memória do Campus Picos se torna um lugar de memória, pelo aspecto legal do Regimento do Memorial do IFPI, contudo, para além da normatização, observa-se um planejamento de ações de valorização da memória a partir da continuidade da preservação documental, dos sentimentos que rondam em torno do Campus Picos, no alcance da sua missão

educacional, e de atividades que podem ser realizadas futuramente na valorização desse esforço coletivo de manter um espaço que valorize, que guarde as suas memórias e possibilite a quem se interessar, sorver das informações ao longo da sua existência.

Tudo faz parte de uma construção e o que vemos e temos hoje em dia, levando para a perspectiva do IFPI, só existe por causa da construção, desde a sua idealização até o que conhecemos e vemos hoje em dia, do lugar de memória. Dessa forma, a não construção ou não preservação desses lugares destinados para guardar a memória pode levar ao esquecimento.

Os documentos e sua temporalidade: as diversas fases até a consolidação do Memorial do IFPI e da Unidade de Memória do Campus Picos

A Comissão Central de Memória do IFPI, situada na Reitoria iniciou a condução dos trabalhos, produzindo documentos, promovendo com as demais subcomissões a execução do planejamento de desenvolver o Memorial do IFPI e memoriais nos campi que fariam a composição total de um lugar de memória que representasse esse conjunto.

A Reitoria criou a Portaria nº 1.107/2018, de 23 de abril de 2018, com a composição dos membros e objetivos. As Direções Gerais dos campi criaram as subcomissões, através de suas portarias, e, em seguida, observou-se o movimento e o esforço de alcançar os resultados propostos através de reuniões, expedição de novos documentos de comunicação, tais como memorandos e ofícios, reuniões virtuais de webconferências e na realização de reuniões setoriais inseridas na programação do II Integra, evento que congregou servidores e estudantes dos diversos campi da instituição, tornando-se um espaço para a consolidação de práticas, ocorrido em novembro de 2018.

Dentro do II Integra aconteceu reunião com os membros das comissões e subcomissões que potencializaram o desenvolvimento da minuta de regimento e o planejamento das demais atividades do Memorial do IFPI como um todo até, com o passar do tempo, chegar na oficialização da Resolução nº 39/2019 que criou o Memorial do IFPI, as Unidades de Memória nos campi e o regimento que passou a nortear toda ação futura desses espaços, em junho de 2019.

Através dessa resolução do Conselho Superior do IFPI, surge definitivamente a Unidade de Memória do campus Picos com a missão “promover, narrar, preservar e divulgar a história e memórias da Instituição”, caracterizando, segundo seu artigo 3º, as Unidades de Memória como

“espaços nos campi destinados à preservação da memória levando em consideração o tempo de fundação e funcionamento dos campi, contemplando, desta forma, indícios memoriais recuperados de forma local.” (BRASIL, 2019a, p. 1).

Relatos da história da Subcomissão de Memória do Campus Picos

Como já foi mencionado, mas é importante reiterar pela importância documental oficial, a *Subcomissão de Memória do Campus Picos* surgiu a partir do movimento de intenção de criação do Memorial do IFPI, na Reitoria e de forma descentralizada nos demais campi na capital e do interior do Estado do Piauí. Em destaque a importância da gestão dos arquivos e documentação, por parte da Direção Geral, através das Portarias: 9/2018, de 27/03/2018; 48/2018, de 05/10/2018; 1.360, de 22/04/2019 e 3.444, de 16/10/2019.

Importante destacar que essa subcomissão passou por diversas mudanças desde a sua criação, em 2018. Servidores professores e técnicos administrativos em educação (TAE) se alternavam ao entrarem e saírem, alterando a evolução e continuidade dos trabalhos desenvolvidos.

A constante mudança de membros da subcomissão, num curto período de tempo, foi uma dificuldade encontrada pelos membros que permaneceram. Essa situação interrompia o planejamento da Unidade de Memória do Campus Picos e o alcance de resultados. Tal fator fomentou questionamentos sobre a dificuldade de participação nesses espaços de preservação da memória coletiva, possivelmente pela falta de conhecimento na área ou outros fatores externos.

Para Halbwachs (1990), ao mesmo tempo que existe uma memória individual, existe também uma memória coletiva que é formada pela construção de pequenos fragmentos de memórias de um grupo onde alguns elementos como objetos, cores, cheiros e todo o contexto do acontecimento, inclusive, as próprias pessoas presentes, ajudam a construir a memória. Com isso, é possível perceber a importância de uma comissão central e, no caso do Campus de Picos, de uma subcomissão, para a construção do memorial.

Certamente, se a nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Com a participação de mais de uma pessoa na criação desses lugares de memória, tornaria-se mais viável a sua consolidação, pois como Halbwachs (1990) destaca, a confiança na exatidão da evocação será maior. Também é importante ressaltar o sentimento de pertencimento das pessoas que fazem parte da subcomissão, que ao mesmo tempo que a integram, compõe também o quadro de trabalhadores do IFPI, o que gera um duplo pertencimento.

Na expressão documental, inicialmente, a portaria nº 9/2018, de 27 de março de 2018, dispõe sobre designação de servidores para a Subcomissão do Memorial do IFPI no Campus Picos. A subcomissão tinha como integrantes os servidores professores Juciê Xavier da Silva, designado para presidir a referida subcomissão, e o professor Jefferson Ronald Quaresma Negreiros. A portaria foi assinada pelo Diretor Geral em Exercício, José Ferreira Júnior. A função da subcomissão foi pesquisar e organizar a memória específica do IFPI, no Campus Picos, e trabalhar de forma colaborativa fornecendo informações para a Comissão Central, junto à Reitoria, com o objetivo de construir o Memorial do IFPI (BRASIL, 2018b).

Em outubro de 2018 surgiu um novo documento, a portaria nº 48/2018, de 05 de outubro de 2018, que dispõe sobre a exclusão e designação de servidores para a Subcomissão do Memorial do IFPI. Essa portaria foi marcada pelo movimento de saída da subcomissão do servidor professor Juciê Xavier da Silva, por iniciativa própria e por alegar motivos pessoais, e pela entrada de dois novos servidores, o professor Marx Rodrigues de Moura, que assumiu a presidência da subcomissão, e a professora Tâmara Lyz Milhomem de Oliveira, ambos tinham recentemente retornado do afastamento para doutorado e demonstraram interesse na temática e nas atividades propostas. O convite partiu da iniciativa do Diretor Geral Elisberto Francisco Luz, que assinou o documento (BRASIL, 2018c).

O novo documento foi expedido através da portaria nº 1.360/2019, de 22 de abril de 2019, para designar servidores, lotados no Campus Picos, para fazerem parte da Subcomissão do Memorial do IFPI. A partir desse novo movimento, entraram mais quatro novos membros: os servidores professores Cícero Rodrigues dos Santos, o bibliotecário e documentalista Silvio de Carvalho Gomes Coutinho, o assistente em administração Rui Dglan dos Santos Carvalho e o técnico em audiovisual Luís Cleber Cabral Pereira. O documento foi assinado pelo então Diretor Geral em Exercício José Ferreira Júnior (BRASIL, 2019c).

A obrigação de preservar a memória surge de forma institucional com a criação do Memorial do IFPI, através da designação da composição e objetivos da subcomissão, assim como

da publicação oficial da resolução e regimento. Mesmo assim, o trabalho para desenvolvimento da Unidade de Memória no Campus Picos foi árduo, tendo como dificuldade a articulação de conhecimento e a prática da preservação da memória, aliadas ao planejamento de ações que requisitaram habilidades e persistência por parte dos membros que permaneceram na subcomissão em busca do alcance dos objetivos propostos nas portarias expedidas pela Direção Geral do campus.

O caminhar do processo de construção desse lugar de memória no IFPI ocorreu por meio das intenções e da geração dos documentos oficiais, da realização de reuniões das subcomissões, registrados nos documentos e fotografias, enfim, do planejamento das ações que seriam realizadas para alcançar seus objetivos. Os documentos gerados durante esse processo, partem de um esforço coletivo de criação desse lugar de memória, que tem como proposta e se materializa através da Resolução do Conselho Superior nº. 39/2019 e do Regimento Interno do Memorial do IFPI, ambos de junho de 2019. Dessa forma, identifica-se que a missão do Memorial do IFPI, conforme resolução 39/2019, no seu artigo 3º é de “promover, narrar, preservar e divulgar a história e memórias da Instituição” (BRASIL, 2019a, p. 1). Porém, os seus objetivos estão descritos no Art. 4º:

I - Valorizar a história e a memória da Instituição; II - Pesquisar acervo fotográfico e documentação da Instituição; III - Reunir objetos, materiais fotográficos, depoimentos de pessoas vinculadas à Instituição para composição do acervo do Memorial; IV - Disponibilizar ao público documentos inerentes à história da Instituição; V - Estimular a promoção de estudos e pesquisas sobre a história da Instituição; VI - Organizar espaço físico para uso como acervo técnico; VII - Organizar espaço físico e virtual, para exposição de objetos, materiais, documentos e registros que representem o patrimônio histórico-cultural da instituição; VIII – Registrar experiências e histórias de vida de dirigentes, educadores, alunos e pais, para a formação de um acervo de memorial oral; IX – Buscar intercâmbio com outros memoriais, centros de pesquisa e documentação e instituições educativas e culturais em gerais; X – Produzir materiais, como resenhas, resumos, livros, dentre outros, a partir da pesquisa de documentação histórica, com vistas à divulgação da memória do Instituto Federal do Piauí; XI – Desenvolver parcerias com instituições públicas e privadas para atividades na área de ensino, pesquisa e extensão, sobre história da educação profissional e a memória escolar; XII – Estimular a realização de eventos de cunho histórico-cultural, em parceria com as diretorias/coordenadorias de extensão e pesquisa para divulgação da história do Instituto Federal do Piauí (BRASIL, 2019a, p. 1)

Quanto à estrutura organizacional da resolução em estudo, em destaque no Artigo 5º, as unidades orgânicas que constituem a estrutura básica do Memorial do IFPI são “I – Conselho

Deliberativo; II – Coordenação Executiva; III – Unidades de Memória Unidades de Memória (BRASIL, 2019a). No artigo 14 há um detalhamento das unidades de memória, sendo que

em cada campus, será composta uma equipe multidisciplinar com, no mínimo, três membros, com carga horária de 4 horas/semanais para desenvolver as atividades, sendo um Coordenador Local de Unidade de Memória e dois membros indicados pelo Diretor-Geral. § 1º - As Unidades de Memória são espaços nos campi destinados à preservação da memória levando em consideração o tempo de fundação e funcionamento dos campi, contemplando, desta forma, indícios memoriais recuperados de forma local. § 2º - As unidades estarão vinculadas diretamente ao gabinete do diretor, com apoio das diretorias/coordenações de extensão e das bibliotecas, e à coordenação geral do Memorial do IFPI. As coordenações locais terão mandatos coincidentes com o Diretor-Geral do campus e enviarão seus planos de trabalho para a coordenação do Memorial (BRASIL, 2020c, p. 1).

Esse conjunto de ações materializadas na normatização legal e no esforço intelectual dos membros da subcomissão são registros do esforço da construção de um espaço que cumpra os objetivos do Memorial do IFPI, como foi registrado no seu regimento, mas acima de tudo, em querer preservar os documentos e ser um local onde a história do IFPI e dos seus respectivos campi possa ser contada.

Após a normatização legal do Memorial do IFPI e da Unidade de Memória do Campus Picos no regimento, um novo documento foi expedido no Campus Picos com o objetivo de dispensa de um servidor. Dessa vez a portaria nº. 3.444/2019, de 16 de outubro de 2019, marcou a saída do bibliotecário e documentalista Silvio de Carvalho Gomes Coutinho, por iniciativa própria e motivos pessoais. A mesma portaria designou a servidora professora Dieyme de Souza Silva para fazer parte da Subcomissão do Memorial do IFPI - Campus Picos (BRASIL, 2019d).

Atualmente, a Unidade de Memória do Campus Picos é composta hoje por sete servidores, ligados à Direção Geral através da Subcomissão de Memória do Campus Picos com atividades de pesquisa e memória, conforme o Quadro 1 mostra:

Quadro 1 — Composição atual da Subcomissão do Memorial Campus Picos

Nome	Função
Marx Rodrigues de Moura	Presidente - professor
Cícero Rodrigues dos Santos	Membro - professor
Dieyme de Souza Silva	Membro - professora
Jefferson Ronald Quaresma Negreiros	Membro - professor
Luís Cleber Cabral Pereira	Membro - técnico em audiovisual
Rui Dglan dos Santos Carvalho	Membro - assistente em administração
Tâmara Lyz Milhomem de Oliveira	Membro - professora

Fonte: Adaptada a partir das portarias da Direção Geral do Campus Picos.

Interligando “lugar de memória” com a Unidade de Memória do Campus Picos e suas potencialidades através das ações realizadas pela subcomissão da Unidade de Memória do Campus Picos

A Unidade de Memória do Campus Picos (Imagens 4 e 5), como já mencionada, foi materializada por dispositivo legal na Resolução do Conselho Superior nº. 39/2019, e, consequente aprovação do Regimento do Memorial do IFPI, na seção III, no artigo 14, em junho de 2019, subsidiado pela missão do Memorial do IFPI, no mesmo regimento, no artigo 3º, e nos seus objetivos, no artigo 4º (BRASIL, 2019a).

A Unidade de Memória do Campus Picos consolidou-se a partir do trabalho da Subcomissão de Memória do Campus Picos, com equipe multidisciplinar existente formada por servidores professores e técnicos administrativos em educação, com objetivo de desenvolver atividades de promover, narrar, preservar e divulgar a história e memórias históricas da instituição. Recentemente, em 28/05/2020, data comemorativa dos 13 anos do Campus Picos, ocorreu o lançamento virtual, de três banners com a história inicial do campus (BRASIL, 2020a), com a missão da Unidade de Memória do Campus Picos e com a Composição Atual da Subcomissão da Unidade de Memória do Campus Picos (BRASIL, 2020b; BRASIL 2020c).

Imagem 4 — Banner da Unidade de Memória do Campus Picos (CAPIC): Institucional com Art. 3º e Art. 4º da Resolução nº. 39/2019



MEMORIAL IFPI

INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ

UNIDADE DE MEMÓRIA DO CAMPUS PICOS

Estrutura Organizacional (Art. 3º)

- As unidades orgânicas que constituem a estrutura básica do Memorial do IFPI são: I – Conselho Deliberativo; II – Coordenação Executiva; III – Unidades de Memória

Unidades de Memória (Art. 34)

- Em cada campus, será composta uma equipe multidisciplinar com, no mínimo, três membros, com carga horária de 4 horas/semanais para desenvolver as atividades, sendo um Coordenador Local de Unidade de Memória e dois membros indicados pelo Diretor-Geral.

§ 1º - As Unidades de Memória são espaços nos campi destinados à preservação da memória levando em consideração o tempo de fundação e funcionamento dos campi, contemplando, desta forma, indícios memoriais recuperados de forma local.

§ 2º - As unidades estarão vinculadas diretamente ao gabinete do diretor, com apoio das diretorias/coordenações de extensão e das bibliotecas, e à coordenação geral do Memorial do IFPI. As coordenações locais terão mandatos coincidentes com o Diretor-Geral do campus e enviarão seus planos de trabalho para a coordenação do Memorial.




(2007) Unidade de Memória do Campus Picos (2018)

Reitor do IFPI

- Paulo Henrique Gomes de Lima

Comissão Memorial do IFPI na Bateria

- Jenaina Maria de Silva Soares (coordenadora)

Direção Geral do Campus Picos

- Edilberto Francisco Lez

Direção de Ensino do Campus Picos

- José Ferreira Júnior

Chefe do Departamento Administrativo e Patrimônio

- Guilherme Siqueira Gomes

Subcomissão - Unidade de Memória do Campus Picos

- Maria Rodrigues de Sáezia (coordenadora local)
- Clara Rodrigues dos Santos
- Daymar de Sousa Silva
- Jefferson Ronald Guaraná Soares
- Luiz Cláudio Cabral Pereira
- Rui Eglen dos Santos Carneiro
- Tâmara Lyli Milhomem de Oliveira



INSTITUTO FEDERAL
Piauí
Campus Picos

Fonte: (Brasil, 2020b)

Imagem 5 — Banner da Unidade de Memória do Campus Picos (CAPIC): Institucional com Art. 3º da Resolução nº. 39/2019

MEMORIAL IFPI
INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ

Resolução nº. 039/2019 - Missão (Art. 3º)
Promover, narrar, preservar e divulgar a história e memórias da Instituição.

EAAP LIP EIT ETP IFPI IFPA IFMA IFPI

OBJETIVOS (art. 4º):

- I - Valorizar a história e a memória da Instituição;
- II - Pesquisar acervo fotográfico e documentação da Instituição;
- III - Reunir objetos, materiais fotográficos, depoimentos de pessoas vinculadas à Instituição para composição do acervo do Memorial;
- IV - Disponibilizar ao público documentos inerentes à história da Instituição;
- V - Estimular a promoção de estudos e pesquisas sobre a história da Instituição;
- VI - Organizar espaço físico para uso como acervo técnico;
- VII - Organizar espaço físico e virtual, para exposição de objetos, materiais, documentos e registros que representem o patrimônio histórico-cultural da Instituição;
- VIII - Registrar experiências e histórias de vida de dirigentes, educadores, alunos e pais, para a formação de um acervo de memorial oral;
- IX - Buscar intercâmbio com outros memoriais, centros de pesquisa e documentação e instituições educativas e culturais em geral;
- X - Produzir materiais, como resenhas, resumos, livros, dentre outros, a partir da pesquisa de documentação histórica, com vistas à divulgação da memória do Instituto Federal do Piauí;
- XI - Desenvolver parcerias com instituições públicas e privadas para atividades na área de ensino, pesquisa e extensão, sobre história da educação profissional e a memória escolar;
- XII - Estimular a realização de eventos de cunho histórico-cultural, em parceria com as diretorias/coordenadorias de extensão e pesquisa para divulgação da história do Instituto Federal do Piauí;

(Resolução Conselho Superior nº. 039/2019, de 29 de junho de 2019)

Fonte: (Brasil, 2020b)

É importante destacar que esse material produzido internamente pela subcomissão, em meados de dezembro de 2019, com o objetivo de ser apresentado à comunidade acadêmica, em

forma de banners, torna-se a primeira ação concreta em apresentar os resultados de uma pesquisa com dados iniciais do Campus Picos.

A criação da Sala Virtual da Subcomissão da Unidade de Memória do Campus Picos, em 27 de maio de 2020, em tempos de pandemia da Covid-19 e das medidas normativas de isolamento social no afastamento das atividades presenciais no Campus Picos, marcou uma nova forma de sistematização de reuniões e atividades virtuais da Unidade de Memória no campus. Consta em mensagem no e-mail institucional do campus o envio de banners, como resultados das ações da subcomissão. Foram enviados para todos os servidores do campus com o assunto: “Felicitação pelos 13 anos do Campus Picos”, em 28 de maio de 2020. Nesse sentido, há uma efetivação da proposta do memorial no momento em que se pesquisa, coleta informações, organiza em forma de banner e divulga junto à comunidade interna.

É importante destacar que mesmo se tratando de algo tão importante para a instituição, os recursos e espaços foram muito limitados, dificultando a execução de atividades da comissão que tornassem o memorial conhecido para as demais pessoas que fazem parte Campus do IFPI em Picos e para quem mais tivesse curiosidade de conhecer ou entender sobre a trajetória da instituição.

Considerações sobre o caminhar do Memorial do Campus Picos como lugar de memória nessa instituição pública de ensino

A jornada tem referência de começo, mas torna-se um desafio no continuar do tempo, pelos dificuldades de catalogar os diversos registros e acontecimentos que ocorrem no campus, expressão fiel dos acontecimentos, dessa forma, este Relato de Experiência é apenas um fragmento dessa história, que aliado aos documentos proporciona um recorte da história e a materialização do lugar de memória.

Uma ação que seria considerada a primeira da subcomissão de memória e consequente exposição do Memorial do Campus Picos, foi o planejamento, entre os membros da Subcomissão, articulado e comunicado através de ofício à Diretoria Geral do Campus Picos, para a realização de um evento (palestra) em parceria com a Liga Joeme que iria acontecer no IFPI, em dezembro de 2019. Na palestra, a professora Mayara Sousa Ferreira, coordenadora da Liga

Joeme, faria uma exposição teórica sobre a importância da memória numa instituição pública de ensino, que ocorreria no auditório do IFPI para servidores e estudantes. Contudo, por duas vezes foi adiada pelas diversas dificuldades orçamentárias no IFPI, no ano de 2019.

As ações da subcomissão foram materializadas, portanto, a partir da construção de oito banners com informações históricas do campus, advindas da mobilização de seus membros em um processo de pesquisa, coleta de informações sobre a inauguração do campus e seus primeiros movimentos, organização de tudo isso em forma de arquivos, negociação com a Direção Geral do campus para garantir os recursos orçamentários para confeccionar e produzir graficamente os banners, e planejamento das atividades voltadas para o aniversário de 13 anos do IFPI campus Picos, que aconteceria em 28 de maio de 2020. Tudo isso se deu numa composição de ações realizadas pela subcomissão em favor da Unidade de Memória do Campus Picos, tornando os documentos novas peças de consulta sobre a história do campus.

Com a chegada da pandemia da Covid-19 e toda a normatização legal que instituiu o isolamento social, o trabalho em home office, o esvaziamento dos espaços públicos e o impedimento de aglomerações, dentre elas a apresentação presencial dos banners, optou-se, enquanto ação dos membros do memorial, por enviar apenas três banners pelo e-mail institucional para os demais servidores, numa ação de divulgação das peças que são resultado do memorial, como culminância de um trabalho. Desse modo, os demais banners podem ser utilizados em outro momento presencialmente, em um evento ou espaço (que ainda não existe no campus Picos para o memorial) ou na nova possibilidade remota que se abre, a partir da ferramenta Google Classroom, que se configura como espaço interno de sala de trabalho para a subcomissão, onde é possível pensar novas formas de divulgação virtual.

Contexto atual à guisa da conclusão

Aqui, nesta conclusão, após o desenvolvimento do Relato de Experiência como pesquisa documental, percebemos que a implantação oficial do memorial a partir do regimento possibilitou a formalização desses lugares de memória, representados pelo Memorial do IFPI, no global, e, pela Unidade de Memória do Campus, como local. Ambos, configuraram-se como locais em que os vestígios de memória são armazenados, sendo importante preservar esses espaços numa instituição pública de ensino, pois faz parte de um contexto institucional na articulação de

recursos humanos, de infraestrutura, de arquivos e de documentos que se unem em prol da história da instituição, das pessoas e de todo um arcabouço de relações existentes nesse contexto.

A Unidade de Memória do Campus Picos torna-se um espaço caracterizado como lugar de memória mesmo com todas as dificuldades encontradas, seja no campo físico por falta de uma continuidade constatada inicialmente na formalização do grupo e dos trabalhos da subcomissão, de tantas alternâncias de entradas e saídas dos membros, seja pela falta de um lugar destinado para a realização das atividades do memorial em mostrar de forma mais concreta a sua relevância, seja no campo virtual, com dificuldades parecidas com as do formato presencial, mas agravadas pelo momento em que vivenciamos a pandemia de Covid-19.

Apesar das dificuldades, surgem possibilidades com o universo de registros existentes, envolvendo a comunidade acadêmica numa continuidade de ações que possibilitem a coleta, o registro e a análise das atividades promovidas pelo campus, no âmbito do Ensino, Pesquisa e Extensão, onde a clientela dos alunos será a grande beneficiada, além dos seus familiares e o entorno da região que abrange em torno de 52 municípios e mais de 500 mil habitantes, para além do Território do Vale do Guaribas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Banner da Unidade de Memória do Campus Picos (CAPIC): Memórias do Campus Picos. **Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Campus Picos, Picos, jan. 2020a, p. 1.

BRASIL. Banner da Unidade de Memória do Campus Picos (CAPIC): Institucional com Art. 3º e Art. 4º da Resolução nº. 39/2019. **Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Campus Picos, Picos, jan. 2020b, p. 1.

BRASIL. Banner da Unidade de Memória do Campus Picos (CAPIC): Expediente da Unidade de Memória do Campus Picos e Estrutura Organizacional. **Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Campus Picos, Picos, jan. 2020c, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. **Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI**: Teresina, 220p, 2014.

BRASIL. Portaria da Reitoria nº 1.107/2018, de 23 de abril de 2018. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Teresina, jun. 2018a, p. 1.

BRASIL. Portaria da Direção Geral do Campus Picos nº. 09/2018, de 27 de março de 2018. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Picos, mar. 2018b.

BRASIL. Portaria da Direção Geral do Campus Picos nº. 48/2018, de 08 de outubro de 2018. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Picos, mar. 2018c.

BRASIL. Portaria da Direção Geral do Campus Picos nº. 1.360/2019, de 22 de abril de 2019. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Picos, abr. 2019c.

BRASIL. Portaria da Direção Geral do Campus Picos nº. 3.444/2019, de 16 de outubro de 2019. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Picos, out. 2019d.

BRASIL. Regimento Interno do Memorial do IFPI, de 19 de junho de 2019. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Teresina, jun. 2019b.

BRASIL. Resolução Consup nº. 39/2019, de 19 de junho de 2019. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)**: Teresina, jun. 2019a, p. 1.

FERREIRA, M. S. Cronograma de atividades da Liga Joeme 2019. **Liga de Jornalismo, Educação e Memória (JOEME)**. Universidade Estadual do Piauí. Picos: UESPI/CPBA, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

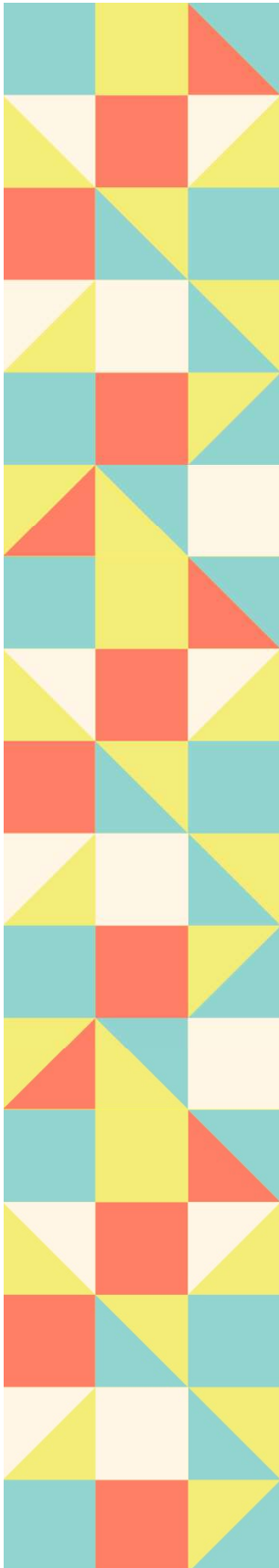
HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IFPI comemora 109 anos de educação profissional no Piauí. **Instituto Federal do Piauí**: Ministério da Educação, set., 2018. Disponível em: <https://www.ifpi.edu.br/noticias/ifpi-comemora-109-anos-de-educacao-profissional-no-piaui>. Acesso em: 12 mar. 2021.

MUNIZ, E. Picos ganha unidade descentralizada do Cefet. **Coordenadoria de Comunicação Social**. Teresina, maio, 2007. Disponível em: <http://www.ccom.pi.gov.br/materia.php?id=24227>. Acesso em: 30 jul. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Houry. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.



Jornalismo e Memória

parte 2

Memórias de Marielle: o que os títulos evocam?

NOMES

Sheron Weide Alves Ferreira
Mayara Sousa Ferreira

AFILIAÇÃO

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Introdução

Para se informar diariamente, as pessoas usam dos mais diversos veículos midiáticos e, nesse sentido, o jornalismo tem o papel social de apurar e noticiar acontecimentos. Por meio do jornalismo, as pessoas encontram as novidades e atualizações do mundo ao seu redor. Isso acontece porque ele trabalha no âmbito da atualidade, apurando os acontecimentos factuais e os transformando em notícias.

Mas, de antemão, devemos elucidar que as produções jornalísticas não se configuram apenas no âmbito da atualidade. A produção pode transcender a dimensão do tempo presente e se tornar atemporal na medida em que as narrativas conseguem ecoar memórias. Palacios (2010) faz essa discussão citando que o jornalismo ocupa esse duplo lugar, entre a imediatividade e a memória. O jornalismo segundo ele seria um local de arquivamento do cotidiano, além de influenciar na (re)construção histórica, a partir de suas publicações.

A exemplo disso, pode-se citar o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco e seu motorista, Anderson Pedro Gomes, que foram mortos no dia 14 de março de 2018. Para esse acontecimento, temos a dimensão do jornalismo na atualidade a partir do momento em que saíram matérias nos mais diferentes veículos de comunicação, atualizando as pessoas do que acabara de acontecer.

Da mesma forma, é possível acessar as matérias do dia do assassinato, que podem ser lidas ainda hoje, servindo como meio de evocar a memória do caso. Ou seja, as mesmas matérias que saíram em tempo real, lá em 2018, podem ultrapassar a barreira do imediatismo, típica do jornalismo, e tornar-se atemporais, na medida em que podem funcionar como arquivos sobre o que foi e como aconteceu o caso Marielle Franco.

E já que estamos mencionando a memória neste debate, trazemos a discussão do pesquisador Halbwachs (1990) sobre a memória a partir da ótica da coletividade. Ele defende que a existência da memória individual só é possível porque ela está apoiada na coletividade. Essa discussão é importante dentro do jornalismo porque os veículos de comunicação produzem e disseminam seus conteúdos para a coletividade. Portanto, podemos inferir que a atividade jornalística tem ampla ligação com as memórias coletivas das pessoas.

Voltando ao exemplo supracitado da vereadora Marielle Franco, podemos indagar sobre como os produtos jornalísticos chegam à sociedade. O portal de notícias da Globo, G1, por

exemplo, arquivou algumas memórias do caso Marielle através de seus textos, seguindo seus próprios critérios. Neste ponto, frisamos que o jornalismo deve seguir regras e técnicas para a apuração dos fatos e a escrita do texto, há a exigência de objetividade, veracidade, imparcialidade, contudo, esbarramos mais uma vez na problematização do indivíduo e do coletivo.

O jornalista, para além da profissão, é um indivíduo cercado de suas ideologias, crenças e cultura. Neste artigo, trazemos essa problematização a partir da nuance da memória, melhor dizendo, no encontro que há entre jornalismo e memória. Ferreira (2016) destaca que o jornalismo, em suas atividades, faz uso da memória em três situações: 1) como lugar de memória, arquivando informações de vários acontecimentos, 2) como memória social, no ato de lembrar e guardar memórias, e 3) usando os próprios materiais jornalísticos como fonte para acompanhar os desdobramentos de determinados acontecimentos.

Já sabemos que o jornalismo faz uso da memória nas suas produções e que a memória possui essa característica de ser ancorada ao coletivo. Sabemos também que o jornalismo tem influência no coletivo. Logo, a partir do caso Marielle Franco podemos pensar um pouco sobre como se dá esse encontro da memória com o jornalismo, através de suas produções jornalísticas do portal G1 e o que esse encontro gera em nível jornalístico, mnemônico e social.

Como já citamos, os textos são a matéria-prima e neles é que encontramos os vestígios da memória com o jornalismo. Portanto, buscamos fazer essa reflexão através de análises de uma parte importante dos textos jornalísticos do portal G1: os títulos. A escolha de analisá-los nasce da premissa de que essa parte do texto desempenha um papel fundamental dentro das matérias por ser um elemento chave na compreensão, interpretação e organização do texto e porque no jornalismo digital, é uma ferramenta essencial para chamar e prender a atenção do leitor.

Portanto, o nosso objeto de estudo neste artigo são os títulos das matérias que falam sobre o caso Marielle Franco no portal G1, tendo em vista que foi um caso que gerou muita repercussão e que o jornalismo possui uma ligação com a memória. Nesse sentido, partimos do seguinte questionamento: quais são as memórias que o portal G1 construiu sobre o caso Marielle Franco a partir dos títulos de suas produções noticiosas?

Assim, temos como objetivo geral: compreender quais foram as memórias construídas do caso Marielle Franco, a partir dos títulos das matérias do portal G1. Os objetivos específicos são: a) analisar a construção dos mesmos nas matérias produzidas pelo portal G1 sobre o caso

Marielle Franco, b) perceber como o jornalismo faz uso da própria memória para retomar o caso e c) verificar os indícios de memória sobre o caso Marielle Franco nos títulos das matérias do portal G1.

Metodologicamente falando, o primeiro passo deste trabalho é definir o nível da pesquisa. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa explicativa. Gil (2002, p. 43) define que “essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Ou seja, é uma pesquisa mais aprofundada que busca explicar o porquê de determinados acontecimentos identificando suas causas e, conseqüentemente, seus efeitos. Aqui buscaremos entender as memórias produzidas a partir do caso Marielle.

Partindo para os procedimentos técnicos, este artigo se configura como uma pesquisa bibliográfica, pois se vale de fontes bibliográficas já existentes como livros e artigos para embasar as discussões (GIL, 2002). Para realizar essa etapa, buscamos outros autores de respaldo que já discutem temas como memória, jornalismo, títulos jornalísticos e o caso Marielle Franco para nortear o referencial teórico e dar sustentação às análises e discussões. Bebemos na fonte de outros autores que discutem essas temáticas para validar nossas argumentações e o debate a respeito do tema.

Quanto ao nosso objeto de estudo, temos uma pesquisa documental, pois utilizamos como fontes os títulos das matérias do portal G1 que falam sobre o caso Marielle Franco. De acordo com Gil (2002, p. 45), “[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Portanto, as matérias, especificamente seus respectivos títulos, são nossas fontes documentais, pois foram nossos objetos de análise.

Ao realizar as buscas, chegamos a um total de onze matérias para a análise. A seleção foi feita a partir do resultado da ferramenta de busca disponível na plataforma do G1. Na aba de pesquisa foi inserida a palavra-chave “Marielle Franco” e a partir dessa busca foram selecionadas as onze primeiras matérias que apareceram, sendo a primeira com data de publicação do dia 27 de maio de 2020 e a última do dia 5 de março de 2020. O acesso foi feito no dia 29 de maio de 2020.

Para a investigação, realizamos a análise do discurso francesa (AD) a partir do estudo dos sentidos. Lago e Benetti explicam:

O primeiro tipo de pesquisa para o qual a AD é um método adequado diz respeito à análise dos sentidos do discurso jornalístico. É preciso visualizar a estrutura do texto,

compreendendo que esta é uma estrutura que vem “de fora”: o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe são exterior e anterior (LAGO, BENETTI, 2010, p.111).

Com isso, buscamos analisar os ditos e não ditos de cada título, seus significados e sentidos explícitos ou que aparecem subentendidos entre as palavras que os constroem. Interpretamos, assim, os vestígios de memória sobre o caso escolhido, a partir das construções dos discursos sobre os elementos analisados.

Lugar de memória do jornalismo

Arriscaríamos dizer que a memória tem um significado especial para muitas pessoas, talvez por estar emaranhada nas afetividades, subjetividades e sensações que a mesma provoca ao ser evocada. Elementos como cores, cheiros e objetos podem nos ajudar a recordar ocasiões que já passaram. Mas, talvez para muitos, a memória seja entendida apenas como algo corriqueiro e simples, afinal, espera-se que todos possam ter com facilidade esse tipo de experiência anteriormente descrita.

A questão é que a memória não se limita apenas a isso, o ato de evocá-la é só a ponta do *iceberg* para algo ainda mais profundo e que está diretamente ligado com a sociedade e seus interesses em preservar, guardar, registrar e compartilhar acontecimentos, sejam eles de procedência individual ou coletiva. Segundo Halbwachs (1990), para se obter uma lembrança é preciso partilhar fragmentos comuns do acontecimento com outras pessoas e, portanto, é preciso acessar a dimensão social para reconstruir um fato passado.

O que Halbwachs (1990, p.54) defende é que a existência das memórias individuais depende das memórias coletivas, uma precisa da outra, e ainda acrescenta que “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”.

Ou seja, o fato de vivermos em sociedade permite que nossas experiências sejam permeadas e compartilhadas nas experiências de outras pessoas que nos cercam, gerando múltiplas influências no nosso comportamento, nas nossas decisões e, conseqüentemente, em nossas memórias.

Além da conexão social entre o indivíduo e coletivo existem também outros meios que ajudam na memorização e rememoração de acontecimentos, é o caso dos lugares de memória. Nora (1993) defende que a sociedade precisa cada vez mais de lugares de memória, por entender que o processo de evocar uma memória é algo falho para nós. O conceito de memória para Nora (1993) é ligado diretamente à vida e parte da atualidade. Ela passa a ser memória apenas no momento em que acontece um determinado fato, depois que se sucede qualquer recordação não se trata mais da memória, mas sim da história.

Isso ocorre porque nós não conseguimos nos lembrar dos mínimos detalhes de tudo o que acontece. Faltam pedaços na nossa memória, nossa lembrança é incompleta, só podemos saber exatamente tudo o que acontece no momento em que acontece. Nesse sentido, Nora reforça essa ideia citando os lugares de memória: "os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar ata, porque essas operações não são naturais" (NORA, 1993, p. 13).

Para ele, os lugares de memória se tornam essenciais na tentativa de evocação da memória, mas até mesmo esses lugares de memória só abarcam resquícios, pedaços e fragmentos do que já foi memória. Eles consistem em um meio parcial da memória viva que já passou e agora se trata apenas de história. É como se o museu (enquanto lugar de memória) só conseguisse remeter a uma pequena parte da história de uma cidade ou de um povo.

É nos lugares de memória que as pessoas buscam um pequeno registro de algo que já passou, procuram vestígios e restos de algo que já foi uma memória viva. Por isso, existem vários recursos que se configuram como lugares de memória, mas para este momento, destacamos o jornalismo e o seu lugar na discussão da memória.

O jornalismo possui a função social de manter as pessoas informadas através de notícias nos mais diferentes veículos de comunicação. A novidade é a base da produção jornalística, porém, pautar a rememoração dos fatos não é algo incomum no fazer jornalístico e, nas produções noticiosas, o jornalismo conflui com a memória.

Nesse sentido, os fatos que hoje são noticiados e se apresentam como atualizados podem, daqui a 50 anos, tornarem-se fontes documentais da realidade social dessa época para historiadores. Além disso, matérias que trazem à tona celebração ou rememoração de fatos relevantes servem como meios de lembrar determinados acontecimentos.

Palacios (2010) ressalta que é comum, no jornalismo, a memória ser utilizada como recurso informativo que ajuda na produção e veiculação de notícias atuais e de suítes, colaborando nas análises de acontecimentos e até mesmo contribuindo para a cobrança de desfechos de determinados casos.

Um olhar sobre o próprio fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente. O acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas de caráter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naqueles em que o fato presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários, por exemplo (PALACIOS, 2010, p. 41).

Torna-se evidente o quanto o jornalismo vai ao encontro da memória e que o mesmo a utiliza como um recurso importante em suas produções. Sendo assim, não seria interessante dissociar essa relação existente, mas sim compreender como acontece esse uso da memória pelo jornalismo.

Contudo, esse uso traz uma responsabilidade ainda maior para o fazer jornalístico perante a sociedade no que diz respeito à construção de memórias coletivas por conta das relações de poder, que aí se colocam em confronto, como discute a segunda autora deste trabalho em sua pesquisa de mestrado sobre jornalismo e memória, a qual consideramos válida de ser realçada nesta discussão:

Nessa ação de selecionar o que pode ser lembrado, engendram-se disputas de poder sobre as memórias e lembranças e sobre o que poderá ficar nas memórias válidas e oficiais, como também o que poderá ser esquecido, disputas estas que acontecem no presente, tempo de sua construção (FERREIRA, 2016, p. 27).

O que a pesquisadora diz é que a produção noticiosa passa por uma seleção, dentro dos milhares de fatos que acontecem simultaneamente. O jornalista precisa escolher junto com a sua equipe de redação o que vai virar notícia e essa seleção depende de técnicas da própria profissão como critérios de noticiabilidade, das negociações dentro da redação, dos valores-notícia e de outros fatores inerentes à profissão. Porém, ao mesmo tempo em que alguns fatos são escolhidos, outros são descartados e, querendo ou não, essa simples seletividade pode ajudar a eleger o que será lembrado coletivamente e o que não será.

Outro ponto importante a respeito da memória nas produções noticiosas é observar como a mesma é construída, ou seja, a maneira que o texto é escrito, o foco da pauta, as imagens

utilizadas, o título, o direcionamento que o jornalista dá à informação. Todos esses são elementos que influem na forma em que poderá ser lembrado determinado acontecimento pela população.

É válido salientar que, apesar da exigência de técnicas de produção, apuração e redação da objetividade, imparcialidade e veracidade na escrita dos textos, o jornalista é, acima de tudo, um ser humano, dotado de subjetividade e experiências próprias. Portanto, isso chega ao produto do trabalho desse profissional, de forma consciente ou não, intencional ou não, sutil ou não.

Então, se por um lado temos tamanha seletividade para o que será divulgado, o que não é torna-se esquecido e não oficial. Portanto, não há uma total construção da memória como ela é exatamente, na verdade, só mostra um fragmento que pode ser tido como o oficial porque foi noticiado.

Nesse sentido, a contribuição de Barbosa (2006, p.16) é interessante: “na operação seletiva, ao se destacar o que precisa ser lembrado, se esquece publicamente - por uma política de esquecimento - o que não vai ser comemorado”. Assim, o jornalismo mensura o que merece ser lembrado ou não de acordo com seus próprios critérios e interesses e ainda instiga a forma que terá tal lembrança. Então, se há critérios e interesse dentro dos veículos de comunicação e se há construção de memórias, precisamos voltar nosso olhar para as narrativas e para a forma que são construídas como um todo, desde o título até o restante da matéria. Adiante falaremos apenas a respeito dos títulos.

Títulos jornalísticos

É através do título que o leitor tem o primeiro contato visual e informativo de uma matéria. Mesmo sendo uma estrutura mais curta, ela é capaz de carregar informações importantes. Um ponto interessante que Comasseto (2001) discute é que antes da leitura em si do jornal, fazemos uma pré-leitura rápida através dos títulos e já nessa pré-leitura conseguimos nos atualizar e fazer algumas deduções sobre as notícias apresentadas. Isso facilita o entendimento do leitor e ainda possibilita uma pré-seleção dos temas que mais chamaram a atenção. Podemos dizer, então, que o título possui a capacidade de antecipação e nesse sentido Comasseto acrescenta dizendo:

Mesmo sem terem conhecimento consciente das estruturas da notícia, sabem os leitores que a informação essencial é, na maioria das vezes, encontrada no título, e só a leitura

dele pode ser suficiente para uma compreensão satisfatória do tema do relato, se o restante das informações vier automaticamente pela ativação de esquemas mentais, especialmente de acontecimentos prévios noticiados em edições anteriores (COMASSETO, 2001, p. 33-34).

Ou seja, o título antecipa o conteúdo que será abordado na matéria trazendo as informações principais de maneira mais resumida. Assim, espera-se que o leitor consiga presumir rapidamente do que tratará o texto. Outra característica desse elemento é a capacidade de convidar para a leitura. Comasseto (2001) frisa que é importante que o título seja atraente para o leitor de modo a chamá-lo para adentrar na notícia, configurando-se como uma ferramenta rápida e eficaz no nível informacional. Ele pode chamar atenção e fazer com que o leitor se sinta instigado e atraído para ler toda a matéria, mas o contrário também pode acontecer por isso ele é um elemento importante para a narrativa jornalística.

O formato e a funcionalidade que o título precisa desempenhar dentro de uma matéria traduzem a necessidade de o jornalista escrevê-lo bem para, assim, suprir as expectativas do emissor e do receptor.

Para isso, é necessário que ele esteja alinhado ao restante do texto, deve ter clareza, coerência e coesão para não fugir do tema ou gerar ambiguidades e dúvidas no leitor, afinal, sua leitura pode gerar variadas interpretações carregadas de significados e a forma como ele é construído impactará nas impressões e opiniões das pessoas que o lerem. Simultaneamente, durante a leitura do mesmo, há uma prévia construção de sentido, a partir da ativação de questionamentos, posicionamentos e ideologias pré-existentes em cada indivíduo de acordo com o seu repertório cultural e suas experiências sociais.

Cada vez mais, mudam-se as maneiras de se fazer comunicação e de consumir informação. Com o jornalismo não é diferente. Com o passar do tempo, os veículos de comunicação migraram para o ambiente digital e como consequência precisaram repensar a forma como eram feitas as matérias para que se adequassem ao ambiente *on-line*. Nessa busca pela adequação, a estrutura dos títulos teve que ser feita para que atendesse às demandas e às exigências do mundo virtual.

Bertolini (2014) faz um comparativo entre os títulos do jornalismo *on-line* e impresso. O autor destaca que no jornal impresso eles costumam ser maiores, tendo um número maior de palavras do que no caso da web. Essa observação do autor só demonstra a necessidade de adequação dos títulos para o ambiente *on-line*, onde muitas vezes não há espaço nem tempo para

muitas palavras, afinal, as pessoas que buscam esse meio querem obter o máximo de informações possível com rapidez. Seguindo essa vertente, de que os títulos na internet precisam ser pensados com características diferentes e adequados, Bertolini acrescenta:

Na internet nos parece que o título jornalístico deve ser ainda mais atraente, uma vez que a atualização de conteúdo é contínua, o que gera um amontoado de informações impossível de ser lidas por inteiro – talvez nunca antes na história do jornalismo a leitura tenha sido baseada nos títulos (BERTOLINI, 2014, p.108).

No jornalismo *on-line*, o título possui grande importância. Um bom título pode ser a chave para atrair acessos às notícias. Assim, para que, em meio a tantos conteúdos, uma determinada matéria se destaque e seja escolhida pelo internauta, é fundamental que esse componente da matéria seja atraente e bem construído. Além disso, o meio digital pede imediatismo e rapidez, as pessoas querem ter o maior número de informações possível de maneira rápida, instantânea e objetiva. Quanto mais direto e informativo o título, melhor será para o leitor.

Portanto, se ele desempenha total diferença no texto *on-line* e é capaz de produzir sentidos, interpretações e significados podemos dizer que sua construção é um desafio e seu consumo pelo leitor é um processo que deve ser pensado e problematizado.

Memórias do caso Marielle Franco: análise de títulos jornalísticos

Apresentação do caso

A mulher que hoje é conhecida só como Marielle Franco, na verdade, chamava-se Marielle Francisco da Silva. Ela nasceu no Rio de Janeiro em 27 de julho de 1979 e teve sua vida tirada em 14 de março de 2018. Nas palavras de Senger e Graube (2018, p. 171): “a vida de Marielle Franco foi brutalmente interrompida com fortes indícios de que, por desafiar grandes estruturas, não foi poupada”. Essa fala mostra de maneira simples o quanto a morte de Marielle é cercada de incertezas e repercussões.

Marielle era vereadora no Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), eleita em 2016 com um expressivo número de votos. A vereadora era muito conhecida devido às causas que defendia e pelas quais lutava.

[...]como vereadora, ela carregava a pauta do movimento de mulheres, era ativista contra o preconceito racial, a favor da diversidade sexual e da segurança pública, especialmente nas favelas. Em sua história de vida, percebe-se que suas bandeiras de luta emergem diretamente de sua experiência pessoal (SENGER; GRAUBE, 2018, p.171).

É notável que Marielle era uma personalidade proeminente, tanto pelo cargo que ocupava, quanto pelo seu engajamento na militância a favor de pautas sociais e esse lado militante não era dissociado da sua vida política, pelo contrário, um completava o outro. No dia 14 de março de 2018, o Brasil e o mundo recebiam notícia de que Marielle e seu motorista, Anderson Pedro Gomes, haviam sido alvejados e mortos dentro do carro quando retornavam de evento realizado no centro do Rio de Janeiro. De acordo com Senger e Graube (2018, p. 171), “Marielle Franco foi morta a tiros aos 38 anos em pleno exercício de seu mandato como vereadora no Rio de Janeiro. Foram disparados ao menos nove tiros, sendo que quatro destes atingiram Marielle”.

O ocorrido ganhou bastante repercussão nas redes sociais e na mídia como um todo. Segundo um levantamento do site FGV DAPP, mobilizou mais de 567 mil menções no Twitter só na noite em que Marielle foi morta. Esse dado mostra que o assassinato da vereadora foi muito comentado e divulgado.

Os títulos e a memória

Aqui trazemos os onze títulos encontrados no portal G1 e que são os dados das nossas análises através do método de análise do discurso. De maneira geral, encontramos alguns títulos que tratam sobre o andamento do caso e de questões judiciais, e outros com abordagens mais sociais com a perspectiva da família de Marielle. Esmiuçamos os títulos buscando o que realmente querem dizer, seus sentidos e significados, as mensagens que deixam para quem os lê e como suas elaborações discursivas constroem e reconstróem as memórias do caso Marielle Franco. A seguir apresentamos os títulos no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 — Títulos jornalísticos analisados

TÍTULOS	DATAS
STJ deve julgar federalização do caso Marielle no próximo dia 31	5 de março de 2020
Justiça mantém prisão por porte ilegal de arma de ex-PM acusado de matar Marielle e Anderson	6 de março de 2020
É #FAKE que mulher que faz denúncias sobre a investigação do assassinato de Marielle em vídeos seja tia de vereadora	7 de março de 2020
Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz vão a júri popular acusados de matar Marielle e Anderson	10 de março de 2020
Viúva e irmã de Marielle Franco veem decisão que leva Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz a júri popular como avanço	10 de março de 2020
Anistia Internacional e familiares de Marielle criticam demora na investigação dois anos após crimes	14 de março de 2020
Grafite com rosto de Marielle Franco é pichado com xingamentos em Ribeirão Preto	20 de maio de 2020
STJ decide nesta quarta-feira se caso Marielle Franco será investigado pela Polícia Federal	27 de maio de 2020
Familiares e entidades fazem mobilização contra federalização da investigação das mortes de Marielle e Anderson Gomes	27 de maio de 2020
Viúva de Marielle Franco comemora decisão do STJ de não federalizar caso: “Vitória importante”, diz Mônica	27 de maio de 2020
STJ decide por unanimidade manter a investigação do caso Marielle no Rio	27 de maio de 2020

Fonte: elaboração das autoras

A análise foi feita partindo das notícias mais antigas até as mais atuais. O primeiro título é de uma matéria publicada no dia 5 de março de 2020: **“STJ deve julgar federalização do caso Marielle no próximo dia 31”** (D’AGOSTINO; OLIVEIRA; VIVAS, 2020). Nele, chamamos a atenção para a liberdade das palavras “caso Marielle”, onde o jornalista optou por se referir ao assassinato de uma maneira mais simples, sem necessariamente caracterizar quem é Marielle, citando seu cargo, partido ou sequer seu sobrenome. Tampouco, especifica que o “caso” se tratou de um homicídio.

Talvez, essa maneira mais encurtada de se referir ao assassinato e à vítima dele, seja porque o jornalista acredita que ele já faça parte das memórias coletivas da população. Então, ao citar só “caso Marielle”, as pessoas já possuem a capacidade de lembrar o acontecimento e entender que se trata do assassinato da vereadora Marielle Franco e do seu motorista, no Rio de Janeiro.

Um dos motivos que ajudam a fazer com que esse fato integre o imaginário coletivo, fazendo parte do repertório mnemônico da sociedade, é o espaço jornalístico que é dado rotineiramente, seja na repercussão com as constantes suítes, como é o caso dessa notícia, seja no tratamento dado às produções jornalísticas.

Outro fator que vale ser mencionado em relação a esse título jornalístico diz respeito ao que Ferreira (2016, p. 30) chama de “jornalismo como memória da sociedade”. Ao mencionar a data em que deve acontecer o julgamento da federalização do caso, o jornalista do G1 relembra às pessoas a pauta de análise do STJ e contribui para que o tema não caia no esquecimento, ajudando a impor lembretes ao campo social sobre aquilo que não pode ser silenciado. Como memória da sociedade, o jornalismo, então, cobra, acompanha, lembra a sociedade e intenciona a construção de memórias coletivas sobre o acontecimento.

O próximo título em análise se refere à notícia veiculada no dia 6 de março de 2020, e diz: **“Justiça mantém prisão por porte ilegal de arma de ex-PM acusado de matar Marielle e Anderson”** (SATRIANO, 2020). É interessante observar que após trazerem a informação principal da manutenção de uma prisão, é acrescida a informação de que a pessoa envolvida possuía a acusação de envolvimento no caso Marielle. Então, o policial tem sua identidade relacionada também ao episódio, afinal, a prisão se trata do porte ilegal de arma e não da acusação da morte.

Caracterizar, já no título, o PM e destacar sua ligação a Marielle pode ser uma forma de enfatizar para o leitor que ele é o ex-PM que está preso por porte ilegal de arma, mas, ao mesmo tempo, que é o policial acusado da morte da vereadora. Portanto, quem ler esse título já faz essa analogia, ou seja, o leitor constrói sua memória sobre o PM já atrelada à sua outra acusação, e não só àquela que é tema principal da matéria.

A seguir, temos o título do dia 7 de março de 2020: “**É #FAKE que mulher que faz denúncias sobre a investigação do assassinato de Marielle em vídeo seja tia da vereadora**” (É #FAKE..., 2020). Conforme já fora citado anteriormente, Ferreira (2016) compreende que uma das facetas do jornalismo é funcionar como memória social, guardando lembranças para as pessoas. Partindo desse pressuposto, podemos fazer a inferência de que esse título se configura dessa forma, ao trazer uma informação como essa, onde o foco não é alguma novidade sobre os desdobramentos do caso em si, mas sim algo mais informal e que, possivelmente, estivesse gerando discussões entre as pessoas e que, portanto, gerou agendamento para o jornalismo.

O jornalista pode ter julgado importante veicular esse assunto, porque ele tem a função de ser memória social. Além do mais, entra em questão a construção de sentidos pelo jornalismo em torno da sua relação com a verdade, princípio básico dessa prática profissional. Em tempos de proliferação das possibilidades de produção e circulação de informações por qualquer pessoa, aumentam também as *fake news* em circulação. Ao desmentir um dado desse tipo, o jornalismo se coloca como lugar de verdade pela apuração e investigação, construindo memória de si como instituição relevante nesse cenário atual.

Como já discutimos anteriormente, o jornalismo possui um espaço de fala legitimado na sociedade. Então, quando o portal de notícias traz esse fato apurado e apontando que se trata de uma informação falsa, há a reafirmação de ser um veículo que busca a veracidade e que contribui para que as pessoas se lembrem desse vídeo como sendo algo falso e não como ele foi apresentado inicialmente. Aqui, tem-se uma ligação direta sobre o tipo de indício de memória que veículo escolheu construir sobre um acontecimento, a partir dos sentidos produzidos.

Como dizem as autoras Lago e Benetti (2010) acerca da análise do discurso em jornalismo, a construção de sentidos sobre esse tipo de discurso não se encerra em si, ou seja, no próprio texto noticioso, tampouco começa nele. Na verdade, os sentidos que títulos como esse impõem, de forma explícita ou implícita, dizem respeito às construções sociais.

Podemos acrescentar à discussão que a memória integra o social, portanto, ajuda a ratificar tais construções, seja pela sua participação na construção, reconstrução e fortalecimento da cultura, seja pela participação naquilo que chamamos de imaginário coletivo. São negociações que, muitas vezes, extrapolam as redações de jornalismo e falam da própria sociedade.

Assim, as autoras citadas ressaltam que, enquanto analistas de discursos, temos que perceber duas camadas: uma mais superficial, pode-se dizer que se trata da casca, da cobertura, daquilo que está facilmente à vista e outra, mais submersa, onde estão as motivações e as ideias, por vezes, não aparentes.

No caso do título em análise, na primeira camada, vemos um veículo que desmente informação, um site noticioso preocupado em informar com verdade, em combater a desinformação. Na segunda camada, podemos presumir um discurso que pretende combater aquilo que desqualifica a investigação e que pode prejudicar o juízo sobre o caso.

Se há uma tentativa de interromper intencionalmente as denúncias feitas por tal mulher pela vinculação da mesma à vereadora, pela acusação de parentesco próximo, o G1, pelo primeiro texto da notícia, reprime, indicando uma provável necessidade de que a pessoa em questão deva ser ouvida e que ela venha a contribuir com o melhor julgamento do crime, que não pode ficar impune.

Logo depois temos: “**Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz vão a júri popular acusados de matar Marielle e Anderson**” (BARREIRA; SATRIANO, 2020a). Essa publicação é do dia 10 de março de 2020. Diferentemente do outro título, onde não houve menção ao nome do envolvido no acontecimento, nesse os acusados são mencionados como sujeitos de destaque na construção de sentidos.

Baseadas em Comasseto (2001), discutimos que o título é um resumo do texto onde só constam as informações mais importantes. Nesse caso não é diferente. Trazer os nomes desses dois homens logo no título demonstra que o jornalista julga ser uma informação relevante, afinal, nessa parte da matéria não há espaço para informações secundárias. Esse destaque também influi no leitor, que, de cara, já tem sua atenção fisgada pelos dois nomes e, conseqüentemente, seu arquivamento sobre eles será ligado ao caso Marielle na construção das memórias de cada indivíduo. Logo, é possível inferir que quem ler esse título poderá ser influenciado em suas próximas impressões a respeito desses dois homens.

Na sequência temos outro título do dia 10 de março de 2020: **“Viúva e irmã de Marielle Franco veem decisão que leva Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz a júri popular como avanço”** (BARREIRA; SATRIANO, 2020b). Nele percebemos a preocupação do portal em trazer continuidade ao caso já que no mesmo dia já tinha uma matéria sobre esse mesmo tema.

Ferreira (2015) diz que o jornalismo usa a memória de e para si, retomando casos e mostrando seus desdobramentos. Nesse título, o jornalista traz uma pauta que nada mais é que uma repercussão de uma matéria anterior. É a retomada do mesmo assunto, mas pautado de uma forma diferente. Isso fica evidente também no uso dos dois nomes dos envolvidos, assim como no título anterior, o que reforça a ponte que o veículo pretende fazer dando sequência ao caso na forma como o título é construído.

“Anistia Internacional e familiares de Marielle criticam demora na investigação de dois anos após os crimes” (BRITO, 2020). O título data de 14 de março de 2020 e nele há um indício claro de retomada de memória quando se refere ao fato de já terem passado dois anos do crime. Como citado anteriormente, o jornalismo tem a capacidade de celebrar datas para lembrar algo e nesse lembrar o veículo pode desempenhar o papel de não deixar cair no esquecimento coletivo o assassinato de Marielle.

Além de rememorar às pessoas que já se passaram dois anos, o título indica no seu discurso sentidos de certa indignação em relação ao andamento da investigação. Expressões como "dois anos", "demora" levam o leitor à compreensão de que já se passaram dois anos e ainda assim não há muitas respostas sobre o que aconteceu. Esse título pode influenciar na construção de uma nova memória coletiva sobre o tema, onde há uma indignação implícita pelo lento andamento do caso, ao mesmo tempo em que cobra um desfecho pela evocação das memórias e pela menção do caráter temporal.

Posteriormente, temos um título do dia 20 de maio de 2020 que diz, **“Grafite com rosto de Marielle Franco é pichado com xingamentos em Ribeirão Preto”** (GRAFITE, 2020). Acreditamos que este traz, de maneira sutil, um reflexo do que o caso Marielle representa na sociedade. Para uma parcela da população a vereadora é vista como um símbolo das causas que ela defendia, porém existem aqueles que não compactuam com essa visão e são contrários às suas ideologias. Observamos isso baseadas na camada ideológica que é discutida por Lago e Benetti (2010) que defendem que há motivações externas que entram no texto e acabam por determinar

os discursos. Nesse caso, vemos uma forte motivação externa do ponto de vista social do que representa a figura de Marielle.

O grafite demonstra essa visão da Marielle como alguém importante e sua pichação reflete o lado contrário. Outra inferência diz respeito ao que é escolhido noticiar e o que não é, os ditos e não ditos em termos de analistas de discursos. Com frequência, outras artes de ruas devem ser pichadas, porém não são noticiadas, mas a pichação de um grafite que tem o rosto de Marielle foi escolhido para virar notícia e essa escolha, como já explicamos, deve-se a muitas questões. Aqui talvez seja porque se trata de uma pessoa proeminente e essa escolha influencia no que se torna ou não memória.

Os quatro últimos títulos são do dia 27 de maio de 2020, são eles: **1. “STJ decide nesta quarta-feira se caso Marielle Franco será investigado pela Polícia Federal”** (D’AGOSTINO, 2020), **2. “Familiares e entidades fazem mobilização contra federalização da investigação das mortes de Marielle e Anderson Gomes.”** (COELHO, 2020), **3. “Viúva de Marielle Franco comemora decisão do STJ de não federalizar caso: ‘Vitória importante’, diz Mônica”** (RODRIGUES, 2020) e **4. “STJ decide por unanimidade manter investigação do caso Marielle no Rio.”** (NACIONAL, 2020).

No mesmo dia temos quatro matérias sobre o mesmo acontecimento, porém com focos diferentes. O título 1, por exemplo, traz a possível decisão do STJ. Nesse título vemos um teor mais introdutório no que diz respeito à possível federalização do caso porque traz apenas a informação de que a decisão de federalização será tomada ou não ainda na quarta-feira. O uso de “nesta” remonta ao leitor uma proximidade para que o mesmo entenda que a quarta-feira em questão coincide com o dia em que saiu a notícia onde consta o título analisado, assim o leitor pode atentar para acessar o portal ao longo do dia para saber o desenrolar da decisão. Isso é interessante porque, de fato, ao longo do dia o portal soltou mais três matérias atualizando o andamento do caso, então, esse título abre uma sequência de outros que viriam depois com a mesma temática com a finalidade de atualizar o leitor sobre todo o processo desta decisão, e assim, o portal consegue fazer uma espécie de cronologia retomando uma informação já posta anteriormente.

Já no segundo, temos um contraponto dessa decisão a partir da posição da família frente à possível decisão. É interessante observar que o portal se preocupa em trazer os desdobramentos sobre a decisão do STJ, desdobramentos esses que não ficam presos apenas na esfera judicial,

quando esse título diz que os familiares e as entidades se colocam contra a federalização da investigação. De maneira sutil ele mostra que é algo negativo federalizar o caso, afinal se a própria família da vítima é contra porque seria algo bom? O que podemos dizer também é que esse título pode ajudar a influenciar as pessoas a assumirem uma postura contrária à federalização.

O próximo título traz a comemoração dos familiares mediante a decisão. Aqui vemos o quanto esses últimos títulos estão interligados e um completa o outro dando um sequenciamento sobre o acontecimento. Mais uma vez é trabalhada a questão da família de Marielle, fato que entendemos como forma de reforçar a ideia do título anterior, porém neste, o portal traz o lado comemorativo da decisão.

O último título apresenta a decisão oficial do STJ. É notável destacar que, a partir do emprego da palavra “unânime”, o título destaca não só o que foi decidido, mas a forma como foi decidido, ressaltando que a decisão foi tomada com a aprovação de todos que votaram. Essa palavra reforça uma ideia já construída nos títulos anteriores sobre a federalização não ser algo bom para o caso, porque se fosse algo bom a decisão não seria unânime.

Nota-se que os títulos estão interligados não só por tratarem da mesma temática, mas por estarem dando sequência um ao outro. A cada nova informação há uma matéria diferente que acaba criando uma cronologia dos fatos. Mais uma vez o jornalismo retoma um primeiro fato e mostra seus desdobramentos, mostrando que não se tratava apenas de dizer que o STJ iria decidir o futuro do caso Marielle, mas sim de acompanhar seus desencadeamentos e trazê-los a público. Essa ação está diretamente ligada à capacidade do jornalismo de rememorar fatos.

Considerações

Pela análise dos títulos foi possível perceber que o portal G1 possui a característica de dar continuidade ao caso Marielle trazendo seus desdobramentos, novidades e retomando temas de outras matérias já publicadas, fazendo uso da própria memória. Alguns títulos que traziam atualizações sobre o andamento judicial do caso e, ao mesmo tempo, outros que traziam a reação dos familiares, amigos e entidades perante essas atualizações.

Podemos concluir que os títulos analisados constroem uma memória do caso a partir dos desdobramentos judiciais com atualizações sobre os acusados, julgamentos e outras questões

legais e produzem uma memória de cunho mais social, para além do assassinato em si, afinal, houve títulos onde era tratada a reação da família e de instituições sobre algum desdobramento do caso ou a indignação da família com o lento andamento do caso.

Então, os títulos tratam do andamento do caso e, simultaneamente, dos impactos mais sociais desse andamento pegando a ótica da família, dos amigos e das entidades. Ao fazer isso, o site constrói memórias do caso que vão além do próprio caso. São memórias sociais de impacto, indicando os efeitos que o caso Marielle tem no Brasil e, quiçá, no mundo, mostrando como o nome Marielle e a morte dela repercute em nível social.

Observamos também que alguns títulos provocam interferências e discussões mais ideológicas que são trazidas para dentro do discurso textual, discussões essas que estão fora do ambiente jornalístico (nas ruas, nas redes sociais, nos próprios debates sociais), mas que o jornalismo pega e agenda para suas produções.

Outro ponto que vale ser ressaltado é que os títulos são de matérias publicadas numa diferença de poucos dias de uma para outra e, como dito acima, elas são interligadas por um sequenciamento. Quem tem o hábito de acessar o G1 para se informar consegue se atualizar e fazer uma cronologia entre as matérias.

Essas duas características conferem a reflexão de que há uma preocupação em não deixar que o caso caia no esquecimento coletivo. Já discutimos aqui que o jornalismo ocupa esse lugar de memória social. Um assunto pautado com muita frequência e de maneira ampla possui grandes chances de ficar marcado nas memórias das pessoas e conseqüentemente influencia na forma como essa memória será construída.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez., 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1458>. Acesso em: 29 maio 2020.

BARREIRA, Gabriel; SATRIANO, Nicolás. Ronnie Lessa e Elcio de Queiroz vão a júri popular acusados de matar Marielle e Anderson. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/10/ronnie-lessa-e-elcio-queiroz-va-o-a-juri-popular-acusados-da-morte-de-marielle.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

BARREIRA, Gabriel; SATRIANO, Nicolás. Viúva e irmã de Marielle Franco veem decisão que leva Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz a júri popular como avanço. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 10 mar. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/10/viuva-e-irma-de-marielle-franco-rememberam-decisao-que-leva-ronnie-lessa-e-elcio-de-queiroz-a-juri-popular.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

BERTOLINI, Jeferson. O título da notícia na internet: funções clássicas e impactos na leitura e na compreensão do texto. **Revista Científica Ciência em Curso**, Palhoça, SC, v. 3, n. 2, p. 99-110, jul/dez. 2014. Disponível em:

<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/ciencia-em-curso/0302/030202.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2020.

BRITO, Carlos. Anistia Internacional e familiares de Marielle criticam demora na investigação dois anos após crimes. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 14 mar. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/14/anistia-internacional-e-familiares-de-marielle-criticam-demora-na-investigacao-dois-anos-apos-crimes.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

COMASSETO, Ramires Leandro. **As razões do título e do lead**: uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80216>. Acesso em: 29 mai. 2020.

D'AGOSTINO, Rosanne; OLIVEIRA, Mariana; VIVAS, Fernanda. STJ deve julgar federalização do caso Marielle no próximo dia 31. **G1 Brasília**, Brasília, 5 mar. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/05/stj-deve-julgar-federalizacao-do-caso-marielle-no-dia-31-de-marco.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

D'AGOSTINO, Rosanne. STJ decide nesta quarta-feira se caso Marielle Franco será investigado pela Polícia Federal. **G1 Brasília**, Brasília, 27 mai. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/27/stj-decide-nesta-quarta-feira-se-caso-marielle-franco-sera-investigado-pela-policia-federal.ghtml>. Acesso em: 4 jun 2020.

É #FAKE que mulher que faz denúncias sobre a investigação do assassinato de Marielle em vídeo seja tia da vereadora. **G1**, Fato ou Fake, 7 mar. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/03/07/e-fake-que-mulher-que-faz-denuncias-sobre-a-investigacao-do-assassinato-de-marielle-em-video-seja-tia-da-vereadora.ghtml>.

FERREIRA, Mayara. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em:

<https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=1107864&key=4f52dc12f479282d0a8d360c5a30603c>. Acesso em: 12 mar. 2021.

COELHO, Henrique. Familiares e entidades fazem mobilização contra federalização da investigação das mortes de Marielle e Anderson Gomes. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 27 mai. 2020.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/27/familiares-e-entidades-fazem-campanha-contrafederalizacao-da-investigacao-das-mortes-de-marielle-e-anderson-gomes.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2021.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAFITE com rosto de Marielle Franco é pichado com xingamentos em Ribeirão preto. **G1**, Ribeirão Preto, Ribeirão e Franca, 20 mai. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/05/20/grafite-com-rosto-de-marielle-franco-e-pichado-com-xingamentos-em-ribeirao-preto.ghtml><https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/05/20/grafite-com-rosto-de-marielle-franco-e-pichado-com-xingamentos-em-ribeirao-preto.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LAGO, Cláudia; BENNETI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Houry. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 31, 2010.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274/0>. Acesso em: 29 mai. 2020.

SATRIANO, Nicolás. Justiça mantém prisão por porte ilegal de arma de ex-PM acusado de matar Marielle e Anderson. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 6 mar. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/06/justica-mantem-prisao-por-porte-ilegal-de-arma-de-ex-pm-acusado-de-matar-marielle-e-anderson.ghtml>. Acesso: 4 jun. 2020.

SENGER, Sabrina; GRAUBE, Ademir Tiago. Marielle Franco. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v.4, n. 1, p. 169-174, jan-jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/viewFile/3409/3040>. Acesso em: 18 jun. 2020.

NACIONAL, Jornal. STJ decide por unanimidade manter a investigação do caso Marielle no Rio. **G1**, [s.l], 27 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/27/stj-decide-por-unanimidade-manter-a-investigacao-do-caso-marielle-no-rio.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2021.

RODRIGUES, Matheus. Viúva de Marielle Franco comemora decisão do STJ de não federalizar caso: 'Vitória importante', diz Mônica. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 27 mai.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/27/viuvade-marielle-franco-comemora-decisao-do-stj-de-nao-federalizar-caso-vitoria-importante-diz-monica.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Em memória, João: o jornalismo e a construção de memórias da família Claudino

NOMES

Géssica Lima Feitosa dos Santos
Ediara Sousa dos Santos
Thamyres Sousa de Oliveira

AFILIAÇÃO

Universidade Estadual do Piauí, Brasil.

Introdução

O conceito de família é algo que tem se ampliado no período pós-moderno. Com tantos avanços em relação ao acesso às informações e o crescimento do entendimento pessoal e coletivo sobre direitos humanos, cada vez mais as leis vêm sendo modificadas para atender às novas configurações familiares.

Desse modo, este artigo tem como objetivo principal analisar a presença da relação familiar na construção da memória de João Claudino Fernandes a partir dos portais G1 Piauí e Cidade Verde. A memória é evocada por fragmentos de falas de vários personagens e do próprio jornalismo sobre João Claudino e sua relação com a família.

Neste contexto, trabalhar com a memória familiar, permite aos leitores a oportunidade de ter uma percepção da memória construída através do passado e que reflete, de certo modo, no presente. Portanto, contribui com o enriquecimento tanto das pesquisadoras e organizadoras deste trabalho quanto da instituição universitária idealizadora da Liga Joeme.

Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica. Segundo Gil (2008), essas duas pesquisas são muito parecidas. A diferença está nas fontes, pois a documental necessita de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Além de analisar documentos de primeira mão, no nosso caso, as matérias dos portais G1 Piauí e Cidade Verde, o *corpus* é composto por matérias que noticiam sobre o dia da morte de João Claudino (24 de abril de 2020) e a missa de sétimo dia (30 de abril de 2020), data escolhida em função da série de publicações que foram feitas sobre o empresário logo após seu falecimento.

De família tradicional, João Claudino Fernandes nasceu em 21 de junho de 1930, no Rio Grande do Norte e faleceu em 24 de abril de 2020 em Teresina, Piauí, onde residia. Ele foi um empresário brasileiro, muito conhecido no Piauí por ser um dos fundadores do grupo Claudino, ao lado do irmão Valdecy Claudino, e proprietário do Armazém Paraíba.

Reconhecendo a importância da trajetória de João Claudino e toda sua contribuição não apenas social, mas econômica para o Piauí e outros estados do Brasil, buscamos refletir sobre como o jornalismo seleciona e constrói em notícias, a memória da família Claudino, que em partes rememora sua identidade tanto quanto constrói, através de matérias jornalísticas.

O artigo é constituído por três tópicos que abordam a memória e o jornalismo como lugar de memória, a construção e origem da ideia de família e, por último, a análise nos portais.

Memória e jornalismo como lugar de memória

As memórias são constituídas de acontecimentos tanto pessoais quanto coletivos, de personagens e de lugares que evocam o passado. Segundo Nora (1995), a construção da memória também se dá pelos meios de comunicação social que recortam, entre tantos acontecimentos, aqueles que ganharão visibilidade perante a sociedade. Sendo a memória a capacidade de registrar, manter e evocar os fatos já ocorridos, destacamos a importância do jornalismo na construção da memória em sociedade.

É a partir da construção de acontecimentos históricos que a memória é atualizada no presente. O jornalismo transforma esses acontecimentos em notícias que permitem às pessoas recordarem-se deles. Segundo Barbosa (1996), desde os anos 90, a memória é um dos temas mais estudados, são diversas concepções nas quais é possível relembrar tempos antigos com relatos de pessoas que contam suas memórias sobre a família. Em meio às construções mnemônicas, a imprensa se torna uma grande porta-voz da memória devido à proximidade que ela tem das pessoas, ou seja, devido a seu alcance social. As informações podem se transformar em documentos que, posteriormente, funcionarão como lembranças para a sociedade.

A seleção das informações feita pelo jornalista, que, em parte, constrói o acontecimento, é pensada a partir dos pressupostos de que os leitores gostariam de saber e o que querem fazer saber. Após a seleção dos fatos, o acontecimento é transformado em uma narrativa, onde o jornalista constitui o acontecimento.

Como a memória é, por natureza, múltipla, coletiva, plural e individualizada, tantos passados relatados haverão quantos forem os relatos registrados: convergentes, conflitantes, contraditórios, a despeito de toda e qualquer pretensão de objetividade e imparcialidade das deontologias jornalísticas vigentes (PALACIOS, 2010, p. 41).

Com toda sua relevância nas sociedades, desde os primeiros séculos em que ele atuou como meio propagador de notícias e como fortalecedor de identidades e manifestações culturais, o jornalismo opera como fonte histórica e lugar de uma certa memória para diferentes povos. As notícias produzidas pelo jornalismo ultrapassam os tempos, transformam-se em arquivos e

documentos que podem ser utilizadas tanto no presente como no futuro. Dessa forma, compreendemos que histórias podem ser contadas a partir de memórias construídas pelo jornalismo.

O jornalismo, que envolve como um todo a postura do jornalista, linha editorial, produção de acontecimentos jornalísticos e até mesmo o ponto de vista particular do responsável por um determinado texto escrito, de certa forma, é marcado por aspectos que podem interferir na memória jornalística. Com isso, destacamos a responsabilidade do profissional da área do jornalismo sobre cada publicação, ao entender que seu texto não morre no dia seguinte, mas permanece vivo, ultrapassando sempre o tempo presente até o futuro. Desse modo, compartilhamos da ideia de Palacios (2010) que considera o jornalismo um lugar do atual, mas ao mesmo tempo um lugar de memória.

Percebe-se de imediato o duplo lugar ocupado pelo jornalismo, desde a Modernidade: espaço vivo de produção da Atualidade, lugar de agendamento imediato, e, igualmente, lugar de memória, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica. E, nesse sentido, pode ser tão importante para a (re)construção histórica aquilo que se publica nos jornais e se diz no rádio e na TV, como aquilo que não se publica, que não se diz: o dito e o interdito (PALACIOS, 2010, p. 39-40).

Ressaltamos o papel do jornalismo enquanto lugar de uma certa memória que transcende o tempo e espaço físico. Sendo assim, o que é passado adiante por um meio jornalístico pode possibilitar aos leitores a compreensão e reflexão sobre os fatos. Ao jornalismo é dada a responsabilidade de selecionar acontecimentos. A imprensa se empenha em organizar adequadamente cada fato que virá a ser notícia e será exposto, estruturando-o de forma coerente.

Tendo em vista que este trabalho busca analisar a presença da relação familiar na construção da memória, faz-se necessário entender também o conceito de família. Desse modo, discutiremos o conceito de família e como o mesmo vem sendo trabalhado em diversos campos.

Ideia e origem do conceito de família

Entende-se por família um conjunto de pessoas que possuem algum grau de parentesco entre si e podem ou não viver na mesma casa formando um lar. Para entender esse conceito é

preciso também lembrar dos povos antigos que viviam de forma coletiva, não dando muito valor à individualidade. Eles se organizavam em grupos, também chamados de clãs.

O vocábulo família remonta ao termo latino "famulus" e era compreendido antes como grupo de servos domésticos.. Porém, esse conceito não é absoluto, pois ao longo dos anos ele assume outros significados. Augusto (2015) relata que o conceito de família tem ganhado outros significados na atualidade e que vem se tornando mais amplo,.

Menezes (2011) aponta que foi no império romano que esse conceito passou a representar a união entre duas pessoas e seus descendentes. Foi então, nesse período, que passou a existir a ideia de matrimônio, que assegurava a transmissão de bens de pais para filhos. Já para Gonçalves (2010) a estrutura familiar dentro dos direitos romanos acontecia sob o princípio de autoridade. Dessa forma, através do pater as famílias tinham o direito de vida e de morte sobre os filhos.

Conforme relata Menezes (2011), foi no período da idade média que se estabeleceu o matrimônio como sacramento da Igreja, destinado também à reprodução e à formação da família, o que marcou uma aliança entre a Igreja e o Estado. E a partir daí se tem essa ideia do casamento como instituição sagrada.

Segundo a Constituição Federal brasileira de 1988 (BRASIL, 2016), o conceito de família pode abranger também diversas formas de organização fundamentadas na relação afetiva entre seus membros. De acordo com o artigo 226 da Constituição da República de 1988, a família é compreendida como base da sociedade e recebe uma proteção especial do Estado. O direito brasileiro assumiu, portanto, que a constituição familiar se fundamenta no afeto, diferentemente, do conceito passado em que a família se baseava no matrimônio e na procriação.

Contudo, a construção de famílias mais tradicionais guarda e leva consigo conceitos mais tradicionais de legado e respeito à história de vida de seus antepassados. Preservam-se, assim, costumes e tradições que se perpetuam por até mesmo séculos. Seja nos negócios de família, casamentos, crenças ou profissão. Nesse quadro, a família tradicional é a família nuclear, composta por pai, mãe e seus filhos.

A partir da ótica de Bittar (1992) podemos ver a importância das afetividades para a construção da família e da própria personalidade do indivíduo. O autor relata que:

como centro irradiador de vida, de cultura e experiência, a família é a célula básica do tecido social, em que o homem nasce, forma a sua personalidade e mantém, perpetuando a espécie, dentro de uma comunidade, duradoura e de sentimentos e de interesses vários que unem os seus integrantes (BITTAR, 1992, p. 1).

Enquanto, de acordo com a sociologia, reforça Menezes (2011), o termo família é composto por uma agregação de indivíduos unidos, seja por laços consanguíneos ou afetivos, ressaltando-se uma hierarquia que coloca as crianças sob o domínio dos adultos.

Conforme os estudos antropológicos, por sua vez, Menezes (2011) explica que o ser humano deve ser pensado em toda sua complexidade social, enquanto que a família é a instituição central dessa socialização. E todos os outros conceitos relacionados que, nesse sentido, fortalecem toda a sociedade. Dando continuidade ao pensamento, algumas correntes vão dizer mais uma vez que o ser humano deve ser pensado socialmente dentro da ideia de família e não individualmente.

Nos aspectos linguísticos, conforme observa Eggins (1994), a abordagem sistêmica está sendo reconhecida como uma teoria que provê uma estrutura teórica para interpretação e descrição, muito útil ao ver a linguagem como recurso estratégico de produção de sentido. Enquanto para Halliday (1973), a linguagem é usada para diferentes propósitos e em diferentes contextos e situações que emolduram sua estrutura.

Desse modo, é preciso interpretar como a linguagem constrói a ideia da origem de família ao longo dos tempos, em cada contexto e momento da história. Na vertente bíblica, por exemplo, consta que não é possível casar com um irmão, pois é pecado. Judicialmente, não é possível até hoje, pois é considerado incesto. Todos esses fatores linguísticos, que são atemporais, constroem o sentido e significado para o termo família até os dias atuais.

Após o entendimento de como o jornalismo pode ser considerado um lugar de memória e do conceito de família e suas transformações, buscaremos analisar por meio dos portais G1 Piauí e Cidade Verde a presença da relação familiar na construção da memória de João Claudino Fernandes.

A construção da memória de João Claudino Fernandes pela ótica dos portais G1 Piauí e Cidade Verde

As matérias (textos), vídeos e fotos aqui analisados foram coletados por meio de buscas feitas na internet, na barra de busca dos portais G1 Piauí e Cidade Verde. Na busca, coletamos matérias que envolvem o dia da morte de João Claudino (24 de abril, 2020) e a missa de sétimo

dia (30 de abril de 2020) com o objetivo de analisar a presença da relação familiar na construção da memória de João Claudino Fernandes a partir dos portais G1 Piauí e Cidade Verde.

A primeira matéria (G1 PIAUÍ, 2020a) que será analisada consiste em um pequeno vídeo de dois minutos e cinco segundos, transmitido pelo portal G1 Piauí e realizado como homenagem pelo Grupo Claudino a João Claudino Fernandes. Resolvemos analisá-la porque entendemos que o fato de a empresa jornalística ter optado por divulgar o vídeo já demonstra uma proximidade com conteúdo do mesmo. A capa e o início do vídeo começam trazendo fotos de João Claudino não apenas sozinho, mas acompanhado, em imagens mais antigas, de sua esposa e de seus filhos, algo que automaticamente nos remete a pensar em sua família e nos faz construir a memória de João Claudino como alguém que era de fato “muito família” (Imagem 1).

Imagem 1 — Morre aos 89 anos, o empresário João Claudino — Foto: Divulgação



Fonte: Portal G1 Piauí

Podemos observar que há uma construção imediata da memória de João Claudino ligada à família. Isso nos faz pensar no quão sua família era importante e como o seu negócio se tornou algo muito familiar, até mesmo no nome Grupo Claudino. Isso não só constrói memórias dele ligadas à família, mas também rememora sua identidade, a forma como as pessoas a sua volta o

viam. As imagens da família realizam uma espécie de localização e até mesmo nomeiam a memória de João Claudino.

Rememorar é, portanto, reconstruir o passado a partir dos quadros da memória, existentes na sociedade e integrar-se a ele através da interioridade (Bérgson). Para lembrar é preciso localizar, determinar a forma, nomear. O lugar, a forma, o nome, e a reflexão são instrumentos graças aos quais se pode dar sentido ao passado. (BARBOSA, 1994, p.8).

Aos 19 segundos do vídeo, é transmitida uma foto de João Claudino pequeno ao lado de seus irmãos e mais uma vez percebemos a família fazendo parte da construção da memória do empresário. Enquanto a imagem aparece, o narrador diz: “João Claudino Fernandes, conhecido como ‘seu João’, nasceu no dia 21 de junho de 1930, em Luís Gomes, no Rio Grande do Norte.” (G1 PIAUÍ, 2020a). Nesse trecho, constatamos que o narrador do vídeo fala como João Claudino era conhecido: “Seu João”. Essa expressão é utilizada por diferentes pessoas que conheciam João Claudino e o termo “seu” é utilizado no cotidiano para se referir a pessoas com as quais dispomos uma relação de respeito, cordialidade e até mesmo familiaridade. Percebemos que o próprio jornalismo selecionou o que quis transmitir sobre ele e como tratá-lo (“seu João”).

Do ponto de vista da seleção da informação podemos dizer que o jornalista constrói, transportando para o lugar da anormalidade, o acontecimento. Essa construção é seletiva. Seleciona parte da realidade, partindo-se do pressuposto do que os leitores gostariam de saber e do que as instituições querem fazer saber (BARBOSA, 1994, p.4).

Em outro trecho do vídeo, o narrador diz: “Seu João foi um exemplo de trabalho, mas também de um homem moldado pelas amizades e de valorização à família” (G1 PIAUÍ, 2020a). Nessa parte, fica evidente o quanto a memória construída sobre João Claudino está sempre atrelada aos seguintes valores: amizade e família.

Essa rememoração não apenas ressalta como João Claudino era visto por uma parte da coletividade, mas mantém nesse meio jornalístico um registro oficial, depois de sua morte, e as que vão lhe conhecer por meio dessa matéria, enquanto construção coletiva, terão influências dessa memória, que se encontra relatada aqui.

Percebemos que o vídeo foi uma maneira encontrada pelo veículo jornalístico para agendar a discussão e o jornalismo em si se apresenta como um lugar de memória para o empresário João Claudino, pois é por meio do jornalismo que conhecemos fragmentos da

memória do empresário. Desse modo, nos reportamos a Palacios (2010, p. 40) que fala sobre “o duplo lugar do jornalismo, desde a modernidade: espaço vivo de produção da atualidade, lugar de agendamento imediato e igualmente lugar de memória”. A matéria analisada foi um lugar de memória para se compreender João Claudino e o vídeo colaborou com o agendamento da morte do patriarca da família Claudino na mídia.

A segunda matéria intitulada “**Morte de João Claudino: veja a repercussão**” (G1 PIAUÍ, 2020b) trata sobre como autoridades locais se posicionaram diante da morte de João Claudino Fernandes. A matéria traz imagens, vídeo e texto. O texto começa descrevendo o dia e causa da morte de João Claudino e, em seguida, traz um vídeo em que a jornalista e apresentadora do telejornal Piauí TV, Denise Freitas, fala um pouco sobre a morte de João Claudino. Ela diz: “João Claudino ou seu João, como era chamado” (G1 PIAUÍ, 2020b). Vimos a utilização dessa expressão mais uma vez no jornalismo desenvolvido pelo portal e entendemos que foi uma maneira selecionada de referir-se a ele. A matéria em questão foi feita com depoimentos e homenagens de amigos de João Claudino.

Texto 1: Em vídeo, o Grupo Claudino lamentou o falecimento do empresário, ‘um homem notável que nos deixa uma grande história e exemplo de vida’ [...]

Texto 2: Firmino Filho, prefeito de Teresina: ‘Foi um visionário’ ‘Seu João foi um visionário. Abriu novos horizontes e construiu um legado indiscutível. Em nome dos teresinenses, abraço a família e agradeço as décadas que ele dedicou ajudando a erguer a cidade que temos hoje. Teresina está de luto’ (G1 PIAUÍ, 2020b).

Segundo Barbosa (1994, p. 8) cada “grupo, possui uma memória que evoca (quadros) quando quer lembrar de algo vivido dentro deste grupo. E esta evocação diz respeito à simbolização realizada pela linguagem e à localização espaço temporal da lembrança, essência mesmo da memória.” Todas essas homenagens selecionadas pelo jornalismo constroem uma memória afetiva e coletiva de João Claudino, evocando para muitos dos seus amigos, conhecidos e familiares como ele era.

Texto 3: Humorista João Cláudio Moreno: ‘Data que todos temíamos’ ‘Essa é uma data que todos temíamos. Eu, particularmente, temia essa data, e acho que todos os amigos do Seu João também. Achávamos que ele era eterno, de tão forte que ele era. Um homem como Seu João não é para ser enterrado, é para ser plantado para florescer outros exemplos.’ (G1 PIAUÍ, 2020b).

Por meio do texto 3, percebemos que o próprio jornalismo constrói de forma simbólica a memória de João Claudino ao selecionar essas homenagens, uma vez que houve um critério de

escolha do próprio portal para decidir quem seriam os senhores da memória que construíram a memória de João Claudino.

Outra pessoa escolhida pelo jornalismo para lembrar a memória de João Claudino foi Wellington Dias, Governador do Piauí

Texto 4: '[João Claudino era uma] pessoa que tinha uma capacidade de compreensão muito grande da economia sem nunca ter entrado numa universidade, de gestão, de administração. Amigo dos amigos, o seu João foi um empresário que marcou não apenas o Piauí, mas o Brasil e o Mundo, como um homem que começou com uma vida simples e que cresceu na vida com muita dedicação, trabalho e com uma capacidade intuitiva e extraordinária' (G1 PIAUÍ, 2020b).

Essa fala do Governador Wellington Dias tem um peso muito grande. Enquanto figura pública e influente, seu discurso dá sustentação a outra fala e ajuda na construção da memória de João Claudino diante da sociedade piauiense e as demais, reafirmando mais uma vez como ele era visto: “amigo dos amigos” ou seja, pessoa fiel às relações, que considerava e tratava a todos à sua volta de igual modo. A fala do governador ajuda na construção da memória de João Claudino, reforçando sua identidade como pessoa humana e de valores familiares.

Outras falas também evocadas pelo portal foram as do apresentador de TV Marcelo Magno e da deputada federal Iracema Portela.

Texto 5: Marcelo Magno, apresentador de TV: ‘Admirável’ ‘Lamento profundamente a morte do empresário João Claudino, que era carinhosamente chamado de Seu João. Tive oportunidade de conversar com ele algumas vezes, me chamava de garoto da TV. Grande homem, admirável! Que Deus o tenha e conforte a família!’ [...].

Texto 6: Iracema Portella, deputada federal: ‘Construí uma grande história baseada no trabalho’ ‘Recebi com muito pesar a notícia do falecimento do seu João Claudino; homem que construiu uma grande história baseada no trabalho. Que Deus o receba, dê o consolo a toda a sua família e aos milhares de amigos que ele cativou durante toda a sua vida’ (G1 PIAUÍ, 2020b).

Nota-se familiaridade no tratamento dado a João Claudino tanto pelo apresentador quanto pela deputada federal. Refletindo sobre como o jornalismo atua como um lugar de memória na sociedade, vemos nessa matéria falas que contribuem para a solidificação da memória de João Claudino. Percebemos que o jornalismo reforça a construção de uma memória do empresário como “pessoa família”. É assim que observamos que os amigos, a família e a própria empresa o tratavam. Os entrevistados e o próprio jornalismo afirmam que ele gostava de ser chamado de “Seu João”, o que gera um sentimento e noção de proximidade.

Segundo Barbosa (1994, p. 8) os “quadros sociais das memórias individuais são ao mesmo tempo quadros sociais da memória coletiva”. Posto isso, a forma como todas essas pessoas se referem a João Claudino demonstra carinho e respeito. Além de retratar como ele era querido, fica evidente como o empresário era alguém que tinha proximidade com as pessoas, era amigo. Essas homenagens em conjunto colaboram na construção da memória coletiva de João Claudino.

Já a matéria de título **“João Claudino morre aos 89 anos; empresário criou o Armazém Paraíba e grupo com 13 empresas”** (MARREIRSOS; MARTINS, 2020), dispõe de vídeo e, em seguida, texto que traz um pouco sobre a biografia de João Claudino (mais uma vez acontece uma lembrança): “O homem que deixou o sertão para criar um império” (MARREIRSOS; MARTINS, 2020) e traz mais informações sobre a repercussão de sua morte: “Políticos e amigos falam sobre morte de João Claudino” (MARREIRSOS; MARTINS, 2020). Ao longo da matéria foi descrita pelos jornalistas um pouco da carreira comercial de João Claudino e enfatizada sua contribuição econômica para todo o país.

Percebemos a construção de uma memória afetiva por parte do próprio jornalismo enquanto lugar de memória, através das expressões utilizadas nos textos, da escolha de como direcionar cada matéria e da linguagem utilizada nos vídeos. É notório como todas essas reportagens selecionam fragmentos para a construção da memória de João Claudino, não apenas como um empresário ou alguém com uma grande história de empreendedorismo, mas também como um homem voltado a valores da família, humano, acessível ao público e amigo. A forma sensível e carinhosa como todos lhe tratam, até os próprios meios de comunicação jornalísticos, reafirma sua identidade, construindo assim sua memória.

Com base nas matérias analisadas no portal Cidadeverde.com sobre a morte do empresário João Claudino, podemos perceber vários aspectos nas falas dos políticos - Governador Wellington Dias, Deputado Themístocles Filho, Senador Elmano Férrer, Senador Ciro Nogueira -, lembrando de João Claudino pelos seus empreendimentos e incluindo sempre a memória familiar, pois foi através dele junto a família que o empreendimento começou a crescer cada vez mais.

Em análise da matéria intitulada de **“Morre aos 89 anos o empresário João Claudino; velório será restrito”** (SENA, 2020), observamos a forma como a memória de João Claudino foi construída, continuamente, em torno da família. É possível observar isso no texto 7: “O

empresário nasceu no Rio Grande do Norte e é um dos fundadores do Grupo Claudino ao lado do irmão Valdecy Claudino. O grupo é um dos maiores varejistas do país, com presença em pelo menos 15 estados.” (SENA, 2020).

Pelo texto, percebemos que o portal quis enfatizar que o empreendimento não foi construído por ele sozinho, mas que os resultados obtidos na empresa se deram por meio da parceria entre ele e seu irmão, o que demonstra uma interligação de sua memória a valores familiares. Devemos ressaltar que muitos grandes empreendimentos começaram como negócios familiares e carregam essa característica em suas memórias.

Em outro trecho da mesma matéria citada no parágrafo anterior, é perceptível a relação de proximidade entre o empreendedor e as pessoas que foram citadas pelo portal da Cidade Verde.com. No texto 8, o jornalista Dídimo de Castro disse: “É um recorde no Brasil ter a fidelidade de uma empresa a uma equipe de esporte, como seu João Claudino, afirmou em entrevista à TV Cidade Verde” (SENA, 2020).

Através da expressão “Seu João” é notável que as pessoas que falam a respeito dele são próximas, como se fossem da família. O empresário era muito solícito quando se filiava a uma empresa, não só como empresário, mas como amigo, conforme mencionou o jornalista Dídimo de Castro, reforçando o termo fidelidade. A consideração que ele tinha com as pessoas ia muito mais além dos negócios.

Nesse sentido, na matéria **“Veja trajetória de João Claudino e suas lições de empreendedorismo”** (OLIVEIRA, 2020), percebemos outro trecho que frisa a família como espelho para sua dedicação às empresas do grupo.

Texto 9: Ele com apenas o estudo primário, começou os negócios com uma pequena “bodega” em Cajazeiras, no interior da Paraíba. Foi ali, nos anos 1949 que percebeu que levava jeito para os negócios, capacidade na qual herdou do seu pai, o seu Joca. Tinha um ponto, vendeu e decidiu se unir a um dos seus irmãos, chamado Valdecy Claudino e ao seu pai. (OLIVEIRA, 2020).

João começou o seu negócio sozinho, mas como sua família já possuía experiência com o mercado, resolveu se unir ao seu pai e irmão para que o negócio crescesse ainda mais. Prevendo uma seca que estava muito próxima, resolveram ampliar e juntar os conhecimentos para um novo negócio.

João Claudino pensava além dos lucros ele fala na entrevista que para manter os negócios de pé e fazer prosperar são necessários dez passos. Entre eles, a valorização do funcionário que é

tão importante quanto o seu serviço. Nessa mesma notícia, há outro trecho que comprova a união familiar, mesmo quando a loja teve que mudar para outra cidade.

Texto 10: Anos depois, em 1958, quando a seca chegou à Paraíba, a família decidiu mudar a loja de cidade, devido a uma previsão de crise econômica. E foi em Bacabal, no Maranhão que começou o início, de fato da sua carreira/história como um dos maiores empreendedores do país. (OLIVEIRA, 2020).

Percebemos, por meio do texto 10, que o portal ressaltou as ações em conjunto (com a família) desenvolvidas por João Claudino. No trecho, “a família decidiu mudar a loja de cidade” a ideia de união da família em torno do empreendimento é reforçada.

Imagem 2 — O segredo da fortuna



Fonte: Portal Cidade Verde

Ao analisar a foto da capa da entrevista percebemos que foi feita uma lembrança, uma vez que o portal pegou uma matéria da edição 133, da Revista Cidade Verde, ao qual o Cidadeverde.com também é ligado, para republicar no texto do portal. Acreditamos que o grupo Cidade Verde acionou sua própria memória jornalística para escrever algo relacionado à morte de João Claudino. Segundo Palacios (2010), esse é um recurso comum no jornalismo, uma vez que a

memória em várias ocasiões produz o fazer jornalístico, pois é acionada e evidencia a construção de matérias jornalísticas, sendo elas, comemorações, eventos ou pessoas que fizeram história.

Ainda assim, compreendemos que foi uma parte que o portal quis selecionar para o seu público e que, de certo modo, compõe a memória coletiva do então empresário. O título “**O segredo da fortuna**” (OLIVEIRA, 2020), que podemos ver na Imagem 2, manteve a ideia de sucesso associada não só ao dinheiro, mas também à família e a relação familiaridade/proximidade que o empresário afirmava ter com os profissionais da empresa. Um dos pontos que ajuda a compor essa afirmação é o fato da foto ter sido tirada utilizando o primeiro plano fotográfico, enquadramento em que, segundo Sousa (2002), foca-se na cabeça e nos ombros da pessoa visando destacar sua expressão facial. A foto destaca, além do semblante feliz do empresário, a aliança que ele usa no dedo, símbolo de compromisso, união com a família.

João Claudino termina a entrevista com um dos enfoques principais dos seus negócios, reforçando o conceito de que a família vem sempre em primeiro lugar. No que se refere aos empreendimentos, ele quer que seus filhos continuem com a disposição que ele tinha para administrar o que já tinha começado, como informa no texto 11, a seguir: “O empresário, entretanto, revelou que ainda tem um sonho: ver os filhos tocarem os negócios daqui para frente.” (OLIVEIRA, 2020)

Então, nesse caso, o jornalismo foi utilizado como lugar para marcar essa memória de João Claudino ligada aos filhos. O trecho reflete a seletividade do jornalismo e da memória de João, pois se trata de uma informação que para o portal Cidadeverde.com poderia despertar o interesse do público-leitor, uma vez que foi uma parte da entrevista selecionada e é também mais um fragmento da memória de João Claudino.

Em trecho do texto 12, da matéria de intitulada “**Marcou a história do Brasil e do mundo’, diz governador sobre João Claudino**” (MACÊDO, 2020a), o portal mais uma vez nos faz refletir sobre a construção da memória do empreendedor pela ótica de outros personagens: “Ele relata que João Claudino trazia na memória a lembrança de seus pais, de sua esposa e da família.” (MACÊDO, 2020a).

Por meio do texto 12, constatamos que cada característica que liga a personalidade de João Claudino aos negócios tem a família como principal referência para o crescimento dos seus empreendimentos. Ao lembrar-se do empresário, os comentários sobre a família foram os primeiros a povoar a memória do governador e foi um trecho selecionado pelo Cidade Verde.

Na quarta e última notícia analisada no portal, intitulada “**Piauí de luto: políticos e autoridades lamentam morte de João Claudino**” (MACÊDO, 2020b), foram selecionadas para produzir a matéria as manifestações de políticos que lamentaram e decretaram luto devido à morte do empresário, por meio de suas redes sociais,. Eles representam autoridades, pessoas que possuem notoriedade, e, como a proeminência é um critério de seleção do jornalismo, acredita-se que os leitores gostariam de conhecer seus posicionamentos a respeito do assunto.

Nas falas dos políticos, observamos que a memória é seletiva, assim como o jornalismo também é. Embora a matéria discuta sobre a morte do João Claudino, ela foi construída diante das memórias que as pessoas tinham de seu João, como era assim chamado. Ao invés de utilizar o termo empresário, foi usado seu nome comum, ressaltando a familiarização por parte das pessoas para com João Claudino.

Isso se confirma nos seguintes trechos da matéria que, respectivamente, são falas do presidente da Assembleia Legislativa do Piauí, Themístocles Filho, do senador Elmano Férrer e do senador Ciro Nogueira:

Texto 13: Todas as homenagens que ele merece, nós daremos, ele merece até mais. Ele foi um grande gerador de empregos e de renda no Piauí [...]

Texto 14: Será sempre lembrado pelo profissionalismo, honestidade, lealdade, inteligência, competência e sensibilidade para lidar com as adversidades e conflitos humanos[...].

Texto 15: Com sua inteligência, seu João se tornou um grande empresário, dando emprego para muita gente e movimentando a economia (MACÊDO, 2020b).

Os portais analisados constroem a memória de João Claudino através de relatos de pessoas próximas, conhecidas do empresário, que falam a respeito da sua história, de como todo o empreendimento começou e como o empresário teve sucesso em seus negócios. Por meio das notícias e dos relatos selecionados pelo jornalismo, notamos que o empresário sempre teve a família como referência principal em tudo, sendo marcado na história do Piauí e do Brasil como um dos maiores empreendedores do país.

O jornalismo continua mantendo viva a memória de personagens que fazem parte de nossa sociedade. Por meio dele, foi possível conhecer e até mesmo lembrar um parte da trajetória e memória de João Claudino Fernandes e de sua família.

Considerações

Com base neste estudo, observamos que os dois portais, tanto o G1 Piauí quanto o Cidade Verde, selecionam e escolhem fazer matérias jornalísticas sobre a morte João Claudino de forma afetiva, humanizando o empresário, trazendo sempre a família como referência. Percebemos que as pessoas escolhidas para homenageá-lo, descrevem-no como uma pessoa querida, com muitos amigos e de uma família tradicional de negócios com valores morais e princípios que marcam sua história. As matérias jornalísticas ajudam na construção de uma memória não só do empresário João Claudino, mas de toda a família Claudino, que através de cada homenagem passa a ser lembrada de tal forma.

Observamos que o jornalismo como “senhor da memória”, que seleciona em todo tempo como tornar visível um acontecimento ao público - já que ele tem esse poder -, não só constrói a memória, mas fortalece identidades e, conseqüentemente, dá aos leitores o que ele considera que o leitor deseja consumir de informação sobre aquele determinado conteúdo. Constatamos isso nos recortes que os portais fizeram sobre João Claudino, rememorando quem ele era nas matérias.

As matérias jornalísticas ajudam na construção de uma memória não só do empresário João Claudino, mas também de sua família, pois observamos que as relações familiares estiveram presentes nas lembranças que os portais selecionaram. Fala-se do negócio com o irmão, dos sonhos que o empresário almejava para os filhos, da relação de familiaridade que o mesmo tinha com seus funcionários, assuntos sempre interligados a questões familiares. Constatamos que o próprio conceito de família se mantém atualizado na construção da memória de João de Claudino, uma vez que os portais destacam, por meio das matérias, que a empresa e a relação com seus funcionários também foram construídas como um eixo familiar.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Luis Fernando. A evolução da ideia e do conceito de família. **Jusbrasil**, 2015. Disponível em: <<https://advocaciatpa.jusbrasil.com.br/artigos/176611879/a-evolucao-da-ideia-e-do-conceito-de-familia>>, Acesso em: 14 jun. 2020.
- BARBOSA, Marialva. *Senhores da memória*. Tese de Professor Titular, UFF. Niterói, p. 8, 1994.
- BARBOSA, Marialva. **Imprensa, poder e público (Os diários do Rio de Janeiro 1880 - 1920)**. 1996. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1996.

BITTAR, Carlos Alberto. *Direito de Família*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

BRASIL. [Constituição 1988]. **Constituição da República Federativa Brasileira**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília: Senado Federal, 2016.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter Publishers, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito Civil Brasileiro**, volume 6: Direito de Família. 7 ed. - São Paulo: Saraiva, 2010.

G1 PIAUÍ. Morre aos 89 anos, o empresário João Claudino. **G1 Piauí**, Teresina, abr., 2020a. Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/videos/v/morre-aos-89-anos-o-empresario-joao-claudino/8507130/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

G1 PIAUÍ. Morte de João Claudino: veja a repercussão. **G1 Piauí**, Teresina, abr., 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/04/24/morte-de-joao-claudino-veja-a-repercussao.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2020.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973.

MACÊDO, Valmir. “Marcou a história do Brasil e do mundo”, diz governador sobre João Claudino. **Cidadeverde.com**, Teresina, abr., 2020a. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/322663/marcou-a-historia-do-brasil-e-do-mundo-diz-governador-sobre-joao-claudino>. Acesso em: 21 maio 2020.

MACÊDO, Valmir. Piauí de luto: políticos e autoridades lamentam morte de João Claudino. **Cidadeverde.com**, Teresina, abr., 2020b. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/322665/piaui-de-luto-politicos-e-autoridades-lamentam-morte-d-e-joao-claudino>. Acesso em: 21 maio 2020.

MARREIROS, Lucas; MARTINS, Josiel. João Claudino morre aos 89 anos; empresário criou o Armazém Paraíba e grupo com 13 empresas. **G1 Piauí**, Teresina, abr., 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/04/24/empresario-joao-claudino-morre-aos-90-anos-e-m-teresina.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2020.

MENEZES, Pedro. **O conceito de família na sociologia**. 2011. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/familia-sociologia/#:~:text=Na%20sociologia%2C%20a%20fam>

%C3%ADlia%20representa,respons%C3%A1vel%20pela%20socializa%C3%A7%C3%A3o%20dos%20indiv%C3%ADduos. Acesso em: 20 nov. 2019.

NORA, Pierre. O retorno do fato. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

OLIVEIRA, Caroline. Veja trajetória de João Claudino e suas lições de empreendedorismo. **Cidadeverde.com**, Teresina, abr., 2020. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/322662/veja-trajetoria-de-joao-claudino-e-suas-licoes-de-empendedorismo>. Acesso em: 20 maio 2020.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 31, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SENA, Yala. Morre aos 89 anos o empresário João Claudino; velório será restrito. **Cidadeverde.com**, Teresina, abr., 2020. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/322658/morre-aos-89-anos-o-empresario-joao-claudino-velorio-sera-restrito>. Acesso em: 19 maio 2020.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Biblioteca *on-line* das Ciências da Comunicação, 2002.

Entre a Memória e o Esquecimento: a cobertura jornalística da troca do piso da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios em Picos-PI

NOMES

Luana de Sousa Rodrigues Moura
Vinícius da Silva Coutinho
Lia Rachel Silva Marinho Barbosa
Thamyres Sousa de Oliveira

AFILIAÇÃO

Universidade Estadual do Piauí, Brasil.

Introdução

“Piso da catedral: lugar de memória?”, esse é o questionamento que fundamenta esta pesquisa. Escolhemos abordar a troca do piso da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios devido às matérias jornalísticas que surgiram em virtude da inquietação de parte da comunidade quando foi anunciada a mudança do piso desta igreja. Como membros de uma liga acadêmica que estuda jornalismo e memória, sentimo-nos motivados a refletir sobre a memória na produção jornalística local.

Assim, nascendo o questionamento acerca da memória e do esquecimento, tendo em vista a importância histórica da Catedral para a cidade de Picos, a pesquisa tem como objetivo geral compreender se a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios é considerada ou não um lugar de memória pela imprensa da região de Picos e como objetivos específicos: a) estudar o que a literatura diz sobre a memória, o esquecimento e os lugares de Memória, em especial o Jornalismo, b) observar como a mídia abordou o caso da troca do piso da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios e c) verificar se o piso da Catedral pode ser considerado um lugar de memória, na cidade de Picos.

Para tanto, a metodologia é composta por dois tipos de pesquisa, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, e para analisar todo o material foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Os procedimentos metodológicos foram feitos, inicialmente, por meio de revisões bibliográficas. De acordo com Cordeiro, Oliveira, Rentería e Guimarães (2007, p. 02), “a revisão da literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção”.

Durante a busca/seleção das matérias jornalísticas sobre a troca do piso da Catedral, foi necessária a realização de uma pesquisa documental. Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 02) pontua sobre os documentos que “a riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas”. O autor considera ainda que a pesquisa documental “possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 02).

Por fim, para analisar e compreender o material documental, utilizamos a análise de conteúdo. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas utilizadas

na análise das comunicações. Moraes (1999) explica que essa análise ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. O autor complementa ainda que a técnica fornece informações complementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja ele linguista, psicólogo, sociólogo, educador, crítico literário, historiador ou outro.

Para atender aos objetivos propostos, inicialmente, fizemos reflexões acerca da memória, do esquecimento e dos lugares de memória, embasados por autores como Le Goff (1990), Barbosa (2006) e Nora (1993). Ademais, apresentamos a história da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, em Picos. Por fim, discutimos sobre como se deu a cobertura jornalística da troca do piso da igreja, pelos portais da região de Picos.

A Memória, o Esquecimento e os Lugares de Memória

Estamos acostumados a olhar para a memória como algo que passou e ficou guardado em algum lugar esperando ser resgatado, quando na verdade não se resgata, evoca-se, pois aquilo que foi vivido não volta exatamente a ser como foi. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Como mostra Le Goff (1990), pode haver uma atualização nas memórias e, por isso, elas são evocadas e não resgatadas. Para poder falar sobre o esquecimento é importante primeiro tentar entender o que é a memória.

A memória é o que caracteriza um povo e sua ausência pode fazer com que o indivíduo se perca diante dos acontecimentos e até diante de si, da sua identidade. Nesse caso, ele fica sem referência, principalmente no âmbito coletivo. Le Goff (1990, p. 425) já trazia reflexões sobre o que essa falta de memória poderia causar ao indivíduo quando ele disse que “[...] a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo [...], mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva”.

A memória está atrelada ao poder e ao próprio esquecimento. Quem detém o poder, conseqüentemente, pode direcionar a memória para ir de acordo com o que acredita, relativizando, de certa forma, a memória como um todo e fazendo com que ela seja ainda mais

seletiva e selecionada para benefício do próprio poder. Ainda nessa linha de pensamento, Le Goff (1990) traz a noção de manipulação em relação à memória.. O autor sinaliza que quando determinados grupos estão no poder, eles se tornam “senhores da memória” e isso, em um âmbito coletivo, faz com que haja esquecimentos e silenciamentos, que podem ser propositais para que a disseminação dessa memória seja feita de uma forma mais contida e direcionada para os interesses de quem está no poder.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 425).

Se pensarmos na Igreja como um dos “senhores do poder”, que detém a memória e a dissemina da forma como convém, em determinado tempo, podemos ver os fiéis como pessoas que recebem essas informações. Halbwachs (1990) traz uma reflexão importante quando se trata da memória coletiva em relação à igreja. O autor traz a igreja como um lugar que detém memórias e lembranças que são formadas através de gerações e gerações de fiéis que frequentam e frequentaram esse espaço.

Quando entra numa igreja, num cemitério, num lugar sagrado, o cristão sabe que vai encontrar lá um estado de espírito do qual já teve experiências, e com outros fiéis, vai reconstruir, ao mesmo tempo, além de uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, aquelas mesmas que foram formadas mantidas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar (HALBWACHS, 1990, p. 155).

Halbwachs (1968) também fala sobre a importância de um objeto ou lugar concreto, algo que dure, pois os religiosos apoiam suas crenças de forma mais concreta nesses lugares ou objetos. Então, eles, mais que ninguém, precisam dessas referências concretas. A falta ou a mudança dessas referências pode fazer com que os fiéis não se sintam mais pertencentes àquele lugar e afastem-se, pois, segundo Halbwachs (1990), os próprios fiéis têm resistência em mudar.

Um grupo religioso, mais que qualquer outro, tem a necessidade de se apoiar sobre um objeto, sobre alguma realidade que dure, porque ele próprio pretende não mudar, ainda que em torno dele as instituições e os costumes se transformem e que as ideias e experiências se renovem (HALBWACHS, 1990, p. 156).

Para os fiéis seria muito complicado construir memórias sem esses lugares concretos, “[...] seria muito difícil evocar o acontecimento se não imaginássemos o lugar que conhecemos geralmente não porque o vimos, mas porque sabemos que existe, que poderíamos vê-lo, e em todo caso, sua existência está garantida através de testemunhas” (HALBWACHS, 1990, p. 156). Os lugares servem como uma certeza dos acontecimentos, assim, ao entrar e ao olhar, os fiéis vão conseguir evocar a lembranças vivenciadas naquele local e a falta ou a mudança desses locais podem não ser benéficas para os fiéis, pois eles ficariam sem referências.

Com tantos acontecimentos efervescentes a todo momento, principalmente, nessa era do imediatismo, com o passar do tempo não conseguimos lembrar de tudo que aconteceu. E, por um motivo ou outro, alguns acontecimentos conseguem ser lembrados no cenário coletivo e outros não. Barbosa (2006, p. 13), explica que “ao lado de um passado representado como lugar fundador de marcas que se desejam preservar, há nos jogos comunicativos um lugar privilegiado para o esquecimento e para as representações de futuro”.

Trazendo essa discussão para o campo comunicacional, observamos que o jornalismo ao noticiar algo é incitador dessas marcas que deseja preservar e que, posteriormente, podem ser utilizadas não só pela sociedade em geral, mas por campos de pesquisa. Abrindo um parêntese, é justamente isso que nós, autores deste trabalho, fazemos ao nos utilizar de matérias jornalísticas publicadas anteriormente para entender como se deu a troca do piso da igreja. Logo, esses registros comunicacionais foram preservados pela imprensa e os acontecimentos que não tiveram espaço na mídia podem ter sido levados ao esquecimento, pois ao tentarmos buscá-los para lembrá-los corremos o risco de não encontrarmos seus rastros.

E é nesse contexto que observamos alguns eventos que foram marcados coletivamente no calendário social, como por exemplo, as datas comemorativas e feriados. Assim, ao tempo em que algo é lembrado, é possível inferir que algo também recai no esquecimento.

Por exemplo, o que aconteceu concomitantemente ao atentado de 11 de setembro de 2001? Lembramo-nos dessa data todos os anos, recordando-nos das vidas que se perderam, e as imagens do fato chegam até a passar por nossas cabeças. Mas, antes que chegue o dia 11 de setembro do ano seguinte, para que relembremos a data, algo fica esquecido nesse meio tempo, pois não teve sua notoriedade na memória coletiva e, por isso, não lembramos. E é nesse sentido que a Barbosa (2006) diz que quando recordamos e comemoramos algum acontecimento, outros já foram esquecidos.

É inevitável que algo fique esquecido em nossas mentes, mas Barbosa (2006) afirma que há um sistema que favorece a memória que pretende perdurar e outro sistema mais próximo do esquecimento. Assim,

[...] na operação seletiva, ao se destacar o que precisa ser lembrado, se esquece publicamente, por uma política de esquecimento, o que não vai ser comemorado. Essas datas, eleitas na contemporaneidade pelos meios de comunicação como sendo emblemáticas para a história do país, se constituem muitas vezes em eventos cerimoniais. (BARBOSA, 2006, p. 16).

Diante disso, podemos entender o porquê de o nosso calendário, todos os anos, estar sempre marcado pelas datas comemorativas. E não é apenas o calendário em si que fica marcado, mas também as nossas vidas, nossa rotina, o mercado. Sabemos que no ano seguinte comemoraremos algo de novo, como já comemoramos no passado, mas só alguns eventos ganham notoriedade memorável, outros acabam se perdendo sem ser lembrados. Há ainda, motivos pelos quais alguns acontecimentos conseguem ser lembrados e isso se dá pela existência dos lugares de memória.

Para entendermos de fato sobre lugares de memória precisamos lembrar que a problemática da memória está ligada sempre a ações do presente. Barbosa (2006) explica que alguns problemas principais que estão relacionados com a memória são sempre motivados pela ação do presente. Nessas ações, as escolhas estão envolvidas tanto pela lembrança quanto pelo esquecimento, gerando disputas de algo chamado de memórias válidas. Falar sobre essas memórias é como debater sobre algo que está mais diferenciado, ou seja, mais visível, que tenha mais vestígio de material e tenha mais registro de imagem. As memórias vividas no interior não são suficientes, elas precisam de um reforço exterior, ou seja, de referências perceptíveis que forneçam arquivos que marcam o contemporâneo. Nora (1993), diz que esses arquivos marcam o contemporâneo, ao mesmo tempo que afetam a preservação integral do presente e a preservação integral do passado. São como uma preocupação com um sentimento de desaparecimento rápido e a incerteza do futuro.

Saber que existem coisas para serem lembradas é pensar em lugar de memória, onde tudo aquilo de alguma maneira já passou, mas existe um sentimento de recordação. Segundo Nora (1993), os lugares de memória nascem e vivem de um sentimento de que não há memória espontânea uma vez que

É preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversário, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, escrever atas, porque essas operações não são naturais, é por isso a defesa, pelas as minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e guardados. Nada mais faz do que levar a verdade de todos os lugares de memória, mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não teria tampouco a necessidade de construí-los. (NORA, 1993, p. 07).

Nesse sentido, os lugares de memória são, de certa forma, tudo aquilo que foi guardado como parte de uma história e, conseqüentemente, da memória, pois Nora (1993) explica que a memória se prende ao concreto, ao espaço, ao gesto, à imagem, ao objeto. Logo, a história faz parte disso, pois se refletirmos sobre aspectos simbólicos que representem a memória, pensaremos também na história, de forma que a memória é transportada pela história.

Diante disso, podemos compreender que se existe lugar de memória é porque, anteriormente, existiu uma história, já que Nora (1993, p. 07) afirma que "lugares de memória, são antes de tudo, resto". Restos daquilo que se conserva uma consciência comemorativa na história, como pontua o autor. Portanto, entendemos que os lugares de memória somam histórias e quando temos a necessidade de saber da memória é como se tivéssemos a mesma necessidade de entender e construir a história. E, assim, recorreremos a esses lugares, que são também fragmentos de uma certa memória, quando queremos nos transportar ao passado e evocar lembranças e/ou informações sobre algum objeto, lugar ou momento vivido anteriormente. Desse modo, nós buscamos entender como a imprensa da região tem compreendido esses lugares de memória, se os considera ou os omite, uma vez que é nosso papel como acadêmicos fazer uma reflexão sobre o mercado jornalístico.

A Catedral de Nossa Senhora dos Remédios

Em Picos, a história da chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios, na cidade, é contada de geração em geração. Hoje, a santa é considerada padroeira de Picos e reside na igreja Catedral que leva o nome de Nossa Senhora dos Remédios, em homenagem à santa. A igreja também foi considerada a segunda maravilha do estado do Piauí através de um concurso feito pelo sistema Meio Norte de Comunicação (citar), no ano de 2012 (Imagem 1). A Catedral onde a imagem de Nossa Senhora dos Remédios está hoje não é a mesma construída após sua chegada em Picos. Foram construídas duas igrejas consideradas catedrais, a primeira foi demolida para dar

lugar à segunda, que foi construída em estilo gótico e, hoje, também passa por mudanças estruturais. Na tentativa de dar lugar ao novo, ao dito moderno, muito da memória de cidades tem sido demolida.

Imagem 1 — Catedral de Nossa Senhora dos Remédios



Fonte: Vem ver o Semiárido - Faculdade R.Sá

Registros datam a chegada da imagem em 31 de dezembro de 1847. O filme *Senhora dos Remédios* (2010) (citar) mostra que a santa foi trazida por um escravo, de Salvador (BA) até Picos (PI), que ganhou como recompensa pelo feito sua carta de alforria, simbolizando a sua liberdade. O motivo pelo qual a imagem veio até a cidade de Picos foi uma promessa feita pelo vaqueiro João das Dores em razão da volta de seu filho e do filho do coronel (Victor de Barros) da guerra (Balaiada⁶). E assim foi feito, quando eles voltaram vivos da guerra, o coronel comprou a imagem vinda de Portugal para a Bahia e um de seus escravos foi buscá-la e trouxe-a nos braços e a pé até a cidade de Picos.

⁶ Movimento social que envolveu Piauí, Maranhão e Ceará. O movimento aconteceu de 1838 a 1841 e colocou de um lado, grandes proprietários de terra e de escravos, autoridades provinciais e comerciantes e do outro, vaqueiros, artesãos, lavradores, escravos e pequenos fazendeiros, pessoas que viviam oprimidas pela pobreza e insatisfação com os desmandos políticos (DIAS, 1995).

A imagem foi benta no ano seguinte (1848), mas só em 1871 foi edificada a igreja da padroeira de Picos. Em seus escritos, Ozildo Albano conta que quem construiu a primeira igreja foi o Pe. Dr. José Pereira Ibiapina e em pouco menos de noventa dias (de 09 de julho a 03 de outubro). “A imagem de Nossa Senhora dos Remédios, em festiva procissão, foi levada para seu templo, com grande acompanhamento, pelo Frei Ibiapina” (ALBANO; SILVA. 2011, p. 32). A primeira igreja era simples, foi construída com ajuda dos fiéis e por muitos anos foi o lar da imagem de Nossa Senhora dos Remédios.

A primeira igreja começou a ficar pequena para a quantidade de fiéis e era preciso uma nova catedral para abrigar a imagem de Nossa Senhora que acomodasse a todos. Então, no ano de 1948, a nova igreja começou a ser construída. O edifício era muito maior que o anterior e seus detalhes foram feitos no estilo gótico. Naquele período em questão, a igreja católica procurava demonstrar poder através de suas grandes construções. O estilo gótico é caracterizado pelo seu grande número vitrais, três portas centrais e pela presença de uma rosácea central. A segunda obra foi realizada com ajuda de toda população. A construção demorou cerca de vinte anos e muitas pessoas, de diferentes classes sociais, da cidade mobilizaram-se para ajudar a erguer o novo templo.

[...] as contribuições para a construção do templo aconteceram de várias formas. A arrecadação de recursos financeiros era feita por meio da realização de leilões, bailados, peregrinações e doações. Além deste tipo de trabalho as pessoas participavam ajudando na mão-de-obra, transportando os materiais para a construção do templo (DANTAS, 2018).

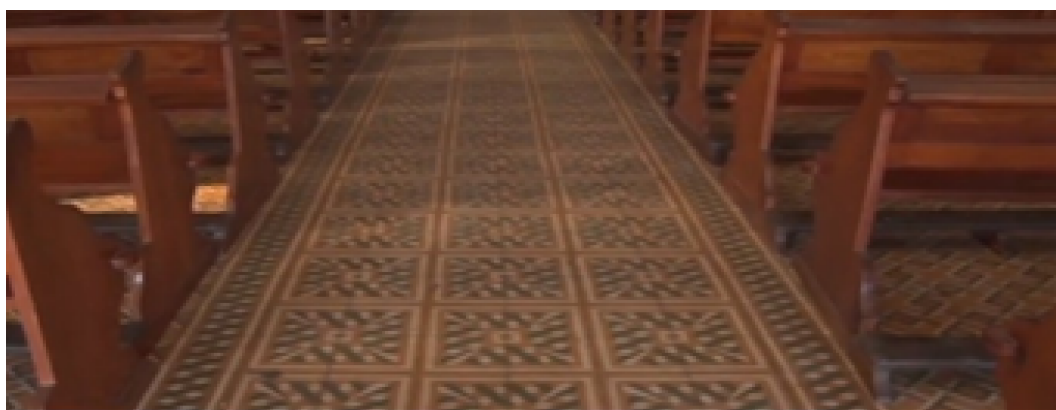
O piso da igreja era composto por ladrilhos. Foram colocados dois tipos diferentes de ladrilhos, as laterais da igreja são compostas pelo mesmo tipo e a na parte central, vê-se um tipo diferente. Com o passar do tempo a igreja sofreu algumas reformas estruturais. Houve uma nova pintura, na qual foram retiradas algumas partes de madeira na parte de dentro e, atualmente, a troca do seu piso com intuito de modernização.

As igrejas são consideradas lugares sagrados para os fiéis e, como já foi dito anteriormente, esses lugares são muito importantes para eles e para a construção da sua fé, como Halbwachs (1968) traz em suas discussões. Desde o fim da construção da nova Catedral (1968) até a mudança do seu piso (2019), muitos fiéis tiveram momentos marcantes na igreja:

casamentos, batizados, crismas, eucaristias, festejos e outras festividades que estão, anualmente, no calendário cristão, e várias memórias foram construídas naquele lugar.

A mudança estrutural provocou estranhamento nos fiéis, que, de certa forma, não reconheceram o lugar como antes, fazendo com que tudo que foi vivido no ambiente, já não fosse mais experimentado da mesma maneira, já que o local ficou muito diferente do que era antes. Diante de toda a história da sua construção fica a indagação se a troca do piso não seria uma descaracterização da mesma. Na Imagem 2 é possível ver uma foto do piso antigo da Catedral.

Imagem 2 — Piso da Catedral antes da troca



Fonte: G1 Piauí

O Jornalismo na Cobertura do Acontecimento

A seleção das notícias que compõem a amostra de análise se deu por meio de pesquisas na ferramenta de busca disponibilizada pelo Google Chrome, através de palavras-chave. As palavras-chave da busca foram “Troca do piso”, “Catedral de Nossa Senhora dos Remédios” e “Picos-PI”. Depois disso, verificamos se a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios é considerada ou não um lugar de memória pela imprensa da região de Picos.

Após a busca, que foi feita no dia 27 de outubro de 2019, foram encontradas nove publicações em portais acerca da temática em estudo. Os portais G1 Piauí, Cidade Verde, Riachão Net, Picos 40º, Folha Atual, Oito Meia e 180º publicaram uma matéria (cada um) sobre o assunto. Já o portal Grande Picos publicou duas vezes. Palacios (2010, p. 38) afirma que “nunca em tempos históricos nossa sociedade esteve tão envolvida e ocupada em processos de produção de

memória; [...] bem como o jornalismo tão centralmente localizado em meio a tudo isso.” Diante disso e, preocupados também com esse processo de construção de certas memórias, seguem, no Quadro 1, os dados, as análises e as discussões da pesquisa feita sobre as matérias publicadas pelos veículos jornalísticos.

Quadro 1 — Dados das matérias publicadas pelos portais

Data da Publicação	Portal	Título da Notícia
16/10/2018	Picos 40°	Arquiteto faz análise técnica sobre o piso da Catedral de Picos
22/04/2019	Cidade Verde	Retirada do piso da catedral de Picos causa polêmica e conselho aciona o MP
22/04/2019	Riachão Net	Retirada do piso da catedral de Picos causa polêmica e conselho aciona o MP
23/04/2019	G1 Piauí	Troca de piso da Catedral de Picos gera polêmica e fiéis questionam falta de restauração em obra
24/07/2019	Folha Atual	Reforma do piso da Catedral de Picos acontece a portas fechadas
24/07/2019	Oito Meia	MPPI recomenda que reforma da Catedral de Picos seja paralisada: “risco ao patrimônio”
23/04/2019	180°	Troca do piso da catedral no município de Picos divide opiniões; entenda o caso!
23/04/2019	Grande Picos	Conselho de Arquitetura e Urbanismos do PI poderá acionar MP contra mudanças na Catedral de Picos
23/04/2019	Grande Picos	Ladrilhos retirados da catedral de Picos serão comercializados para arrecadar dinheiro para o novo piso

Fonte: Autoria própria

O portal Picos 40° trouxe em sua matéria, intitulada de “**Arquiteto faz análise técnica sobre o piso da Catedral de Picos**” (MAYARA, 2018), o laudo técnico sobre o piso da Catedral. O veículo mostrou que a possibilidade de mudar o piso do local dividiu opiniões na cidade e o

arquiteto entrevistado pelo portal afirmou que, em sua visão de técnico e restaurador, não deveria ser feita uma troca completa do piso. O arquiteto também disse ao portal que era preciso deixar registros e testemunhos daquilo que foi o piso um dia. Ele destacou ainda que o piso não estava em seu melhor estado, mas que era papel da população da cidade de Picos decidir sobre a troca. O texto 1 destaca tais afirmações: “Agrimensor, especialista em gerenciamento de obras, restauro, sustentabilidade, espaço celebrativo litúrgico e arte sacra, o profissional falou sobre a possibilidade da troca ou da restauração revestimento da igreja.” (MAYARA, 2018).

Desse modo, como mostra o texto 1, podemos observar que a fonte utilizada pelo portal de notícias Picos 40° (MAYARA, 2018), o arquiteto, pode ser considerada um “senhor da memória”. Como mostramos anteriormente, na perspectiva de Le Goff (1990), esses senhores são responsáveis pelas memórias que irão perdurar. Assim, o posicionamento do arquiteto, de que a troca do piso por completo não deveria acontecer, poderá ser adicionada à memória coletiva da população, já que obteve espaço no veículo jornalístico e foi acessada por diversas pessoas. Ao dar fala a esse “senhor da memória”, o jornalismo, de certo modo, cedeu espaço a uma fala científica sobre a área de construções que, além de oferecer seu posicionamento, pontuou que a própria população também deveria opinar, reconhecendo assim a importância de dar voz à cidade e à própria comunidade, no momento em que a mesma estava passando por uma interferência.

Os portais Cidade Verde (MORAES, 2019) e Riachão Net (BEZERRA, 2019) trouxeram em suas matérias a polêmica gerada em torno da decisão da troca do piso da Igreja Matriz de Picos. Nessas matérias eles focaram no fato do Ministério Público (MP) ter sido acionado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do estado do Piauí (CAU - PI).

Texto 2: A obra chegou ao conhecimento do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), que já anunciou uma fiscalização no local nesta terça-feira (23). Uma equipe da Secretaria de Cultura do Estado também visitará Picos. [...] O presidente disse ao Cidadeverde.com que o órgão também acionou o Ministério Público sobre a obra. (MORAES, 2019).

O texto 2 mostra que a matéria fala sobre uma fiscalização no local e que o Ministério Público (MP) foi acionado. Na esfera pública, o MP tem como função fiscalizar e proteger os princípios e interesses fundamentais da sociedade. Dessa forma, o fato de o MP ter sido acionado mostra que as mudanças estruturais que estão sendo feitas em algum momento podem ser contra os interesses de uma parte da população. Trazer isso na matéria evoca uma discussão mais

profunda sobre como a obra está sendo feita na Catedral de Picos e dá margem até para um questionamento de quem é de fato o interesse dessas mudanças estruturais na igreja.

Na fala do Presidente do CAU - PI foi destacado o valor histórico do piso e ainda sobre a ação do MP e que “prefere pecar pelo excesso do que pela falta”, ressaltando que “estamos vendo pelos colegas uma preocupação e revolta muito clara em perder parte da história” (MORAES, 2019). O presidente também relatou outras mudanças estruturais, e pontuou, "junto com isso vai parte da história da igreja, um dos prédios mais bonitos do Piauí” (MORAES, 2019).

O G1 Piauí (G1 Piauí, 2019) trouxe uma matéria voltada para a polêmica do piso da Catedral de Picos e como a obra dividiu as opiniões dos fiéis e entidades. Na matéria foram entrevistadas três pessoas, duas dessas pessoas – o bispo da Diocese de Picos e um Engenheiro Civil – mostraram em suas falas ser a favor da troca do piso, no entanto um representante da sociedade civil foi ouvido e se posicionou de modo contrário. O texto 3 evidencia esse ponto: “Eu quis conferir essa mudança no patrimônio histórico da cidade. Eu achava que não deveria ser mexido, mas preservado”, declarou o contador Francisco Moura Neto.” (G1 Piauí, 2019).

O texto 3, ainda sobre a matéria do G1, mostra que um fiel foi contra a troca do piso. Ele destacou a igreja como patrimônio histórico e que achava que o piso não deveria ser mexido e sim preservado. Nessa matéria o portal teve a iniciativa de trazer a discussão sobre como a obra dividia opiniões entre a comunidade, sobretudo entre os fiéis. Contudo, foi possível perceber que apesar de aparentar dar lugar de fala para os fiéis, que são pessoas que de fato frequentam a igreja, o portal não abriu espaço suficiente para eles. Nessa matéria, por exemplo, somente um fiel opinou sobre o que achava e em poucas linhas. Percebe-se que as demais afirmações são feitas por autoridades, fazendo com que, de certa forma, houvesse um silenciamento dos fiéis. Percebemos assim a seletividade da memória em geral e da memória jornalística. Há sempre uma parte que vai ser esquecida, menos ouvida, silenciada.

Texto 4: O novo projeto também contará com mudança no espaço litúrgico. A imagem de Nossa Senhora dos Remédios ficará na frente do altar [...] o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Piauí vai realizar uma fiscalização na igreja. Em nota, a entidade informou que objetivo é preservar o patrimônio e arquitetônico da catedral, e que novas medidas podem ser adotadas (G1 Piauí, 2019).

Já o texto 4 mostra que na matéria foram abordadas ainda outras mudanças estruturais que a reforma traria. Dessa forma, pode-se perceber que a obra vai além da mudança do piso. O texto

também menciona que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Piauí iria realizar uma fiscalização na igreja, pois tinha como objetivo preservar o patrimônio e depois dessa fiscalização novas medidas poderiam ser adotadas.

O portal Folha Atual, com a notícia intitulada “**Reforma do piso da Catedral de Picos acontece a portas fechadas**” (DIAS, 2019), destacou a geração de muita polêmica pela troca do piso e tratou sobre a não permissão do registro de imagens durante a obra, uma vez que quando a equipe foi até a igreja, a mesma se encontrava com todas as portas fechadas. O portal apresentou ainda durante a notícia uma retranca intitulada “Debates”, que pontuou sobre os intensos debates sobre a troca do piso, tanto nas redes sociais quanto presencialmente, como mostra o texto 5, a seguir.

Texto 5: A mudança do piso e a reforma do presbitério foi motivo de intensos debates em Picos, tanto pelas redes sociais como em acontecimentos presenciais. Muitos alegaram que a igreja é um patrimônio histórico, enquanto a diocese afirmou que os fiéis foram consultados previamente através de um plebiscito (DIAS, 2019).

O Folha Atual (DIAS, 2019) frisou também a decisão do Ministério Público Estadual do Piauí (MPE-PI) de ter embargado a obra e citou a igreja como patrimônio histórico. Nessa perspectiva, o pesquisador Júnior (2015, p. 247) explica que “o patrimônio foi incorporado à esfera pública e às humanidades como forma social de afirmação política de comunidades variadas”.

Ao utilizar o MPE como fonte, observamos que o portal dá voz a uma decisão judicial contra a troca do piso da igreja e gera ainda questionamentos nos leitores. Desse modo, a memória que obteve notoriedade e que poderá ser lembrada, posteriormente, é de que a justiça tentou impedir que um patrimônio histórico, a igreja, fosse modificado. O portal mostrou também que havia posicionamentos contrários e a favor da troca do piso por parte da sociedade, mas o que de fato se torna um “senhor da memória” e ganha destaque na notícia é a decisão do Ministério Público. Já que a Diocese informou apenas que os fiéis já estavam cientes da mudança estrutural na igreja, mas não apresentou dados mais concretos sobre o assunto.

Já o portal Oito Meia abordou que o “**MPPI recomenda que a reforma da Catedral de Picos seja paralisada: ‘risco ao patrimônio’**” (SAMPAIO, 2019), destacando as denúncias recebidas pelo Conselho de Arquitetura do Piauí (CAU - PI) e a recomendação feita pela justiça do estado para que a obra fosse interrompida. Com base na ação judicial, o portal pontuou: “as

mudanças estruturais no piso da catedral ocorrem sem levar em conta o valor histórico do prédio, possivelmente descaracterizando-o” (SAMPAIO, 2019).

Texto 6: A recomendação foi emitida após denúncias do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Piauí (CAU-PI). A queixa do CAU se refere às mudanças estruturais no piso da catedral. O MPPI vai apurar se as obras não põem em risco o patrimônio histórico e arquitetônico e se a reforma não alterará a originalidade do templo (SAMPAIO, 2019).

Nesse caso, como mostra o texto 6, temos como “senhores da memória” o CAU - PI e novamente a Justiça. Desse modo, levando em conta mais uma vez a preocupação com a preservação da memória daquele edifício. Ademais, é de imensa relevância citar, o próprio veículo jornalístico, mesmo utilizando o termo “possivelmente”, torna-se um dos “senhores da memória”, pois se posicionou favorável à valorização histórica do monumento na cidade. Isso é muito importante para a memória, pois o próprio jornalismo se constitui como um lugar de certa memória.

Júnior (2015, p. 251) explica que “o conhecimento histórico refez a relação das sociedades com sua memória, deslocando o trinômio passado-presente-futuro”. Diante disso, o portal Oito Meia trouxe em sua matéria a Lei Municipal 2866/2017 que dispõe sobre o tombamento de edificações públicas e privadas, dentre elas a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (a Catedral de Picos). Em seguida, o veículo conceituou o termo tombamento, qual o seu objetivo e destacou a necessidade de: “preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados” (SAMPAIO, 2019). Percebemos uma intenção do portal em não dar apenas a notícia, informar sobre a troca do piso, mas também de educar seu público para a preservação da memória e conhecimento das leis relacionadas à preservação da mesma.

O portal 180° trouxe na sua matéria a polêmica que foi gerada após o anúncio da troca do piso da Catedral de Picos.

Texto 7: Muito mais que um crime. Um atentado à história, uma prova do perigo da insanidade e ignorância dos homens. Piso original da Catedral Nossa Senhora dos Remédios em mosaico, sendo substituído por cerâmica, lamentou o internauta, Adalberto Nogueira, em post compartilhado no Instagram e que viralizou recebendo o apoio de dezenas de pessoas (Portal 180°, 2019).

Percebemos a preocupação do portal em dar voz para a população, trazendo a insatisfação das pessoas na matéria quanto à troca do piso. Desse modo, observamos que a insatisfação das pessoas não é simplesmente em trocar um piso, mas por toda a história e memória que ele representa, que marcou gerações e, por isso, o internauta expõe sua indignação e afirma que substituir o mosaico da Catedral por cerâmica é um atentado à história. Isso mostra ao público a importância de se preservar aquilo que faz evocar a memória do que já se passou e lembrar que o piso da Catedral faz parte de uma história. O site optou por dar notoriedade à fala de pessoas que têm alguma relação afetiva com a igreja e que também podem contribuir para o debate sobre a memória e preservação de um espaço que as mesmas frequentam.

O portal Grande Picos, em sua matéria sobre “**Conselho de Arquitetura e Urbanismo do PI poderá acionar MP contra mudanças na Catedral de Picos**” (MENESES, 2019a), mostra como o (CAU - PI) quer agir acerca da troca do piso da Catedral e o presidente do Conselho, Wellington Camaço, em sua fala ao portal, diz que:

Texto 8: Nós estamos muito preocupados com a preservação do patrimônio histórico e cultural do nosso estado. Nós temos a responsabilidade de agir quando acreditamos que algo esteja sendo executado, nesse caso, de uma maneira exagerada, ou até mesmo precipitada (MENESES, 2019a).

A fala do presidente da CAU - PI reforça que a substituição do piso é um equívoco, visto que é um patrimônio histórico, pois pertence a história da cidade e a memória coletiva do povo. O fato do Conselho não ser a favor das mudanças, um órgão que ocupa um lugar de poder, no que se refere a questões de patrimônio, faz com que a opinião do público seja formada também a partir desse contexto.

No decorrer da segunda matéria do (MENESES, 2019b), destacou-se que os ladrilhos retirados serão comercializados para arrecadar dinheiro para a compra do piso novo. Desse modo, esses ladrilhos são considerados fragmentos daquilo que era a memória (piso antigo) e não a memória em si, mas um lugar de memória que pode fazer ser lembrado como era o piso anteriormente. Nessa linha, Júnior (2015, p. 250) explica que, “a memória em si já não existiria, uma vez que os meios e suportes convencionais haviam se rompido, sendo que os lugares vieram ocupar seu posto rarefeito”. Além disso, Nora (1993, p. 07) acredita que “lugares de memória são, antes de tudo, resto”. Assim, se os lugares de memória são considerados restos, os ladrilhos

da Catedral também o são, porque eles pertencem à memória e as pessoas que os comprarem poderão, ao olhar para eles, evocar memórias sobre o que foi o piso um dia.

Considerações

Diante das discussões ora apresentadas, consideramos que o piso da igreja foi, de certo modo, tratado como um lugar de memória pelos portais da região de Picos-PI. Prova disso, foi a utilização de fontes que, em sua grande maioria, levaram em consideração os valores históricos presentes no local, como por exemplo, o arquiteto, a lei municipal de proteção ao patrimônio, as ações judiciais para tentar impedir que a obra acontecesse (MPPI e CAU - PI). Esses, juntamente com o próprio Jornalismo, que detém um certo lugar de memória, constituem os "senhores da memória" do episódio da troca do piso. E, assim, fica a sensação de que houve esforços para que aquela memória não fosse perdida.

Assim, percebemos que na construção da maioria das matérias houve uma preocupação em trazer informações sobre a importância do prédio da Catedral de Picos e seu valor histórico e cultural na cidade. Alguns portais escolheram usar termos que exaltavam o prédio da Igreja da cidade de Picos, como mostram esses trechos do G1 Piauí: “principal cartão postal da cidade de Picos” e “preservar o patrimônio arquitetônico da catedral” (G1 PIAUÍ, 2019), e no portal 180° o trecho que associa a igreja ao título de Maravilha do Piauí: “na Catedral de N. S. dos Remédios, eleita a 2ª Maravilha do estado do Piauí” (180°, 2019).

Outro ponto observado foi que, na maioria das matérias, os portais optaram por utilizar representantes de órgãos públicos e de classes para falar sobre as mudanças estruturais e não deram muita voz aos padres e fiéis, que são as pessoas que frequentam de fato a igreja. Desconsiderar a fala desses personagens é tratar a memória e história levando em conta apenas a fala de fontes oficiais. Assim, cremos que os fiéis foram silenciados e o silenciamento está diretamente ligado ao esquecimento.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas anotações de Ozildo Albano.** 2011

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez., 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1458>. Acesso em: 29 maio 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, Roger. Retirada do piso da catedral de Picos causa polêmica e conselho aciona o MP. **Riachão Net**, Picos, 22 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.riachaonet.com.br/portal/retirada-do-piso-da-catedral-de-picos-causa-polemica-e-c-ongelho-aciona-o-mp/>, acesso às 13:45, em 28/04/2020.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Gloria Maria; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos. Alberto. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir**, v.34, n.6, Rio de Janeiro, nov./dez, 2007.

DANTAS, Gustavo. Conheça as 7 curiosidades sobre a catedral de Picos. **Vem ver o semiário**, dez., 2018. Disponível em <http://www.faculdadersa.com.br/vemverosemiarido/conheca-as-7-curiosidades-sobre-a-catedral-d-e-picos/>. Acesso em 14 de março de 2020.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Balaiada: a guerrilha sertaneja. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 3, n. 2, novembro, p. 73-88, 1995.

DIAS, Jailson. Reforma do piso da Catedral de Picos acontece a portas fechadas. **Folha Atual**, Picos, 24 de julho de 2019. Disponível em: <http://folhaatual.com.br/site/materia/20793/>, acesso às 14:11, em 27/04/2020.

FLÁVIO GUEDES. Senhora dos Remédios. Picos: Produção Independente. YouTube, 2010. 1 filme. (93min): son. (dub.); (colorido).<<https://www.youtube.com/watch?v=1UxL1evj95I>>. Acesso às 21:12, em 02/05/2020.

MENESES, Daniela. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do PI poderá acionar MP contra mudanças na Catedral de Picos. **Grande Picos 1**, Picos, 23 de abril de 2019a. Disponível em: <https://grandepicos.com.br/2019/04/23/conselho-de-arquitetura-e-urbanismo-do-pi-podera-acionar-mp-contra-mudancas-na-catedral-de-picos/>, acesso às 21:12, em 02/05/2020.

MENESES, Daniela. Ladrilhos retirados da Catedral de Picos serão comercializados para arrecadar dinheiro para novo piso. **Grande Picos**, Picos, abril de 2019b. Disponível em: <https://grandepicos.com.br/2019/04/23/ladrilhos-retirados-da-catedral-de-picos-sera-comercializa-do-para-arrecadar-dinheiro-para-novo-piso>. Acesso em: 2 mai.2020.

MORAES, Hérlon. Retirada do piso da catedral de Picos causa polêmica e conselho aciona o MP. **Cidade Verde**, Teresina, 22 de abril de 2019. Disponível em:

<https://cidadeverde.com/picos/97758/retirada-do-piso-da-catedral-de-picos-causa-polemica-e-conselho-aciona-o-mp>. Acesso em : 28 abr. 2020.

G1 PIAUÍ. Troca de piso da Catedral de Picos gera polêmica e fiéis questionam falta de restauração em obra. **G1 Piauí**, Teresina, 23 de abril de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/04/23/troca-de-piso-da-catedral-de-picos-gera-polemica-e-fieis-questionam-falta-de-restauracao.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

JÚNIOR, Francisco das Chagas F. Santiago. Dos Lugares de Memória ao Patrimônio: emergência e transformação da ‘Problemática Dos Lugares’. **Projeto História**, São Paulo, n. 52, p. 245-279, jan./abr., 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

MAYARA., Jesika. Arquiteto faz análise técnica sobre piso da Catedral de Picos. **Picos 40º**, Picos, 16 de outubro de 2018. Disponível em: http://picos40graus.com.br/shmtw.php?sh=shmt&ma_id=5702, Acesso em: 27 abr. 2020.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 31, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PORTAL 8. Eleitas as novas 7 Maravilhas do Piauí. Piauí. **Portal 8**, 12 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.portalp8.com.br/2012/04/eleitas-as-novas-7-maravilhas-do-piaui.html>. Acesso às 13:11, em 03/06/2020.

SAMPAIO, Paulo. MPPI recomenda que reforma na Catedral de Picos seja paralisada: “Risco ao patrimônio”. **Oito Meia**, Picos, 24 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.oitomeia.com.br/cidades/2019/04/24/mppi-recomenda-que-reforma-na-catedral-de-picos-seja-paralisada-risco-ao-patrimonio/>. acesso às 14:52, em 27/04/2020.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História &**

Ciências Sociais, ano 1, n. 1, jul., 2009. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 13 mar. 2021.

180°. Troca do piso da Catedral no município de Picos divide opiniões; entenda caso. **180°**, Picos, 24 de abril de 2019. Disponível em:
<https://180graus.com/geral/troca-do-piso-da-catedral-no-municipio-de-picos-divide-opinioes-entenda-caso>, acesso às 20:19, em 02/05/2020.

Jornalismo e Memória: vestígios de São João da Canabrava - PI no jornalismo *on-line* piauiense

NOMES

Adailson Expedito de Carvalho
Sheron Weide Alves Ferreira
Mayara Sousa Ferreira

AFILIAÇÃO

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Introdução

Município brasileiro do estado do Piauí, São João da Canabrava foi criado pela Lei estadual de Nº 4.192, de 11 de Abril de 1988, a partir do desmembramento do município de Picos, conforme registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). A cidade tem uma população estimada de 4.445 mil habitantes (IBGE, c2017) e faz fronteira com os municípios de São Luís do Piauí, São José do Piauí, Inhuma, Lagoa do Sítio e Bocaina, no Sertão piauiense, na região do Vale do Guaribas.

Assim como é característico de muitas cidades piauienses de pequeno porte, acreditamos que a comunicação interpessoal pode ser ainda a forma predominante de informar e de ser informado acerca das temáticas locais. Contudo, com a expansão do acesso à internet, aumentaram as possibilidades de se fazer jornalismo de forma *on-line* e pouco dispendiosa, alcançando todo o interior do Piauí.

Desse modo, a produção jornalística dos veículos de comunicação piauienses, por exemplo, pode tratar sobre qualquer município do estado. Contudo, inquieta-nos pensar sobre os espaços que o jornalismo piauiense concede a pequenos municípios, como São João da Canabrava, pois entendemos que o que é produzido pelo jornalismo pode ajudar a dizer o que vai ficar na memória coletiva.

Nesse contexto, interessa-nos trabalhar com o tema jornalismo e memória pela ligação existente entre ambos e para tanto tomamos como delimitação geográfica o município de São João da Canabrava. A ideia deste artigo é entender como o jornalismo piauiense aborda esse pequeno município, com o propósito de identificar de que maneira o jornalismo está colaborando para registrar os vestígios de memória do município canabravense.

Trazemos a problemática de como as notícias sobre São João da Canabrava estão sendo veiculadas através dos sites de informação piauienses e quais as contribuições desse jornalismo para a preservação de memórias sobre o Município, uma vez que, além de informar, o jornalismo também pode ser um lugar de memória, como dizem Rêgo (2012) e Ferreira (2016).

Dessa forma, o objetivo é analisar como as notícias veiculadas pelo jornalismo digital sobre São João da Canabrava contribuem com a construção de memórias sobre o município, relacionando assim a produção de notícias sobre São João da Canabrava à construção da memória coletiva. Essa proposta toma como ambiente de investigação o jornalismo digital, pela sua

relevância e alcance na sociedade atual.

Com isso, pretendemos contribuir com a compreensão do jornalismo local, de forma geral, para que outros pesquisadores, historiadores e jornalistas encontrem aqui alguma base para inquietação e, quem sabe, realizem outros estudos que tomem o referido município como lugar de estudo. Além disso, ousamos conduzir os leitores a uma reflexão, visando a alcançar informações através dos registros *on-line*, que podem servir de fontes de pesquisa para a geração atual e para outras gerações.

Metodologia

Neste artigo, o primeiro passo do percurso metodológico foi trabalhar com os autores no referencial teórico para dar embasamento às discussões e às análises, assim, fizemos uma pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002), esse tipo de pesquisa se baseia em buscar materiais prontos, como livros e artigos, e utilizá-los como fontes de trabalho. Aqui, usamos autores que discutem a memória e o jornalismo como referências para embasar nossas próprias inferências.

Além de bibliográfica, esta pesquisa também é documental, pois utilizamos as matérias de sites de notícia como fontes documentais. Gil (2002) explica que a pesquisa documental consiste em usar materiais que não passaram por uma análise e, a partir daí, adequá-los ao objeto de estudo da pesquisa a fim de analisar e fazer considerações. Neste trabalho, as notícias jornalísticas foram os documentos escolhidos para serem analisados de acordo com os objetivos do trabalho.

A fim de encontrar notícias que dissessem respeito ao município de São João da Canabrava, fizemos uma pesquisa na plataforma digital de buscas Google. Para tanto, utilizamos a palavra-chave “São João da Canabrava” e consideramos somente a tag de notícias do Google.

A amostra foi composta por notícias veiculadas pelos sites jornalísticos. Dentre as que foram encontradas na busca realizada no dia 10 de julho de 2020, muitas se tratavam de cópias de dois sites noticiosos: Canabrava News e Folha Atual, veículos que mantêm parceria com a Prefeitura Municipal de São João da Canabrava e que, por conta disso, concedem mais espaço para produção própria acerca da cidade. Por esse motivo, excluímos da amostra as matérias publicadas por sites que apenas replicavam notícias e priorizamos os que produziam conteúdo original.

Assim, depois de encontrarmos as nossas fontes documentais, utilizamos o método de análise de conteúdo para fazer as análises do material encontrado, a partir do viés quantitativo e qualitativo, levando em conta a autora Bardin (2016). Destacamos, então, a quantidade de matérias ao todo e em cada site, e os principais assuntos veiculados sobre o Município de São João da Canabrava no formato de análise categorial. Em seguida, avaliamos o conteúdo de forma qualitativa para entender que vestígios de memória estão sendo construídos pelo jornalismo digital no Piauí.

Bardin (2016) apresenta a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas voltadas para o estudo das comunicações, que nos possibilita realizar uma descrição minuciosa das informações presentes numa mensagem levando em consideração seus significados e significantes. É a busca da interpretação dos dados analisados, o que eles querem dizer e o que eles significam. Neste trabalho, foi feita uma reflexão a partir das matérias jornalísticas procurando entender o que o conteúdo contido nelas significa, mostra e representa, e como silencia e contribui para o esquecimento do município de São João da Canabrava.

Nesse sentido, Bardin (2016) acrescenta que o analista desempenha, de certa forma, a mesma função de um arqueólogo, devido às duas profissões executarem trabalhos parecidos. Ambos estudam documentos que dão a possibilidade de descobrir ou suscitar algo. Os vestígios encontrados podem ser a manifestação de dados ou de fenômenos, havendo, assim, a possibilidade de descobrir neles implicações para a memória coletiva.

Jornalismo e memória

No senso comum, há um recorrente entendimento de que, no jornalismo, só há valorização do tempo presente, afinal, é uma profissão cujas práticas estão centradas na atualidade como fator principal, tendo o imediatismo e a instantaneidade como essenciais na produção e veiculação das notícias. Por isso, “é dito, repetido e tido por sabido que jornalismo não tem memória e que o jornal de ontem só serve para embrulhar peixe” (PALACIOS, 2010, p. 38).

Contudo, o que Palacios (2010) faz é uma crítica. O jornal de ontem – e aqui nos referimos ao ontem de forma ampla, como o que já se passou – não serve somente para embrulhar peixe. A partir dele podemos conhecer práticas e acontecimentos das sociedades no

tempo passado, podemos recorrer ao jornalismo para tomar conhecimento e buscar informações passadas. Assim, o autor diz que o jornal que foi escrito anteriormente é uma fonte, uma espécie de arquivo do passado, como também uma possibilidade de adquirir conhecimentos através do que está registrado sobre outros tempos.

E quando falamos em recorrer ao passado, referimo-nos à memória. Nessa discussão, trazemos o conceito de Halbwachs (1990), que entende a memória a partir de uma perspectiva social, ao invés de unicamente biológica. Segundo o autor, a construção da memória está enraizada no âmbito coletivo, com as vivências sociais, as interações e trocas entre as pessoas, inclusive ele defende que a existência de uma memória individual só é possível graças ao coletivo e que não é possível dissociar uma da outra já que estabelecem uma relação de pré-existência entre ambas.

A concepção de Halbwachs (1990) é bem-vinda aqui por entendermos que o jornalismo trabalha com a perspectiva social, afinal, trata-se de uma prática própria da sociedade uma vez que seus produtos (as informações) são feitos por e para pessoas. Cada um dos envolvidos, seja no processo de produção seja no consumo de notícias, tem subjetividades, particularidades, individualidades, no que diz respeito a suas próprias vivências, que dialogam com a perspectiva coletiva, com a vida social e as trocas que a mesma proporciona. Logo, as produções jornalísticas nascem e circulam dentro desse contexto de coletivo e individual, assim como as memórias, que são construídas pelo conjunto de lembranças individuais até atingir uma dimensão coletiva.

Nora (1993) é outro pesquisador que discute a memória. O seu pensamento é embasado nos lugares de memória. Para ele, a memória só existe enquanto está acontecendo, é vida, presente, pois depois que passa não somos capazes de evocar com cem por cento de exatidão a memória daquele momento tal qual aconteceu. Daí, Nora (1993) chama a atenção para os lugares de memória, que funcionam como uma espécie de depósito dos vestígios do que já foi memória um dia (museus, arquivos, monumentos). Ele frisa, inclusive, que a sociedade sente uma grande necessidade em manter esses locais para que se consiga ter acesso a restos, resquícios de uma memória que já passou.

Agora, voltaremos para o debate inicial que trata do jornalismo enquanto algo atemporal, tendo em vista que ele pode ultrapassar as barreiras do tempo presente a partir do uso da memória em suas produções ao mesmo tempo que contribui para a produção da mesma. Tal afirmação se sustenta a partir da ligação da fala de Nora (1993) com as discussões de Palacios (2010). Desse

modo, entendendo a convergência entre memória e jornalismo, podemos dizer que o jornalismo seria um dos muitos lugares de memória que existem, segundo autoras como Ferreira (2016).

Nesse sentido, é fundamental atentar para esse uso da memória nas produções jornalísticas. Ferreira (2016) destaca que a seletividade, característica do jornalismo, escolhe o que será lembrado de maneira oficial, já que o jornalismo possui um lugar de fala legitimado, e relega ao esquecimento e ao silenciamento aquilo que não é escolhido para virar notícia. Então, podemos inferir que o jornalismo exerce influência sobre quais memórias coletivas perdurarão ou não.

O que sai nos veículos de comunicação possui grandes chances de fazer parte da memória das pessoas, porque vira pauta nas rodas de interação e agenda comentários. De modo semelhante, o que não sai pode se perder e virar esquecimento. Pollak (1989) trata a memória a partir dessa vertente, classificando-a como oficial ou subterrânea. Basicamente, as memórias oficiais são aquelas que estão arquivadas, documentadas e foram eleitas para serem as lembranças oficiais de um determinado período ou acontecimento por instituições. Já as subterrâneas seriam outras memórias, mas que não são consideradas oficiais e permanecem, muitas vezes, apenas na oralidade de algumas pessoas e, justamente por isso, podem ser facilmente esquecidas.

Relacionando essa discussão com a realidade do jornalismo, é como se um portal fizesse a cobertura de um evento e levasse em consideração apenas a fala de algumas fontes oficiais presentes, como autoridades, pessoas ligadas a instituições de representatividade e ignorasse a fala de outras pessoas, consideradas fontes comuns, não institucionalizadas. Esse portal estaria contribuindo para construir uma memória do evento de acordo com algumas pessoas que foram entrevistadas, selecionando as memórias que seriam lembradas. Contudo, o evento em si não possui apenas essas memórias e como apenas algumas foram selecionadas, outras acabam sendo esquecidas.

Além disso, também há a problematização da forma como tais memórias são apresentadas para as pessoas. Nesse sentido, espera-se que o jornalista realize o trabalho de construção da notícia norteado apenas por técnicas que a profissão exige. Porém, há características individuais do profissional que implicam em suas escolhas, na escrita do texto e das pautas, na escolha dos entrevistados e por aí vai, visto que se trata de um ser humano e possui subjetividades, experiências e ideologias, que podem aparecer, mesmo que de forma involuntária. Tendo em vista

esse contexto, entendemos que não há possibilidade de ser inteiramente imparcial e objetivo. Assim, a individualidade do jornalista é um dos ingredientes que entra no produto que, posteriormente, poderá se tornar memória coletiva.

Outra questão que pode ser levantada na discussão do esquecimento, através da fala de Barbosa (2006), diz respeito ao fato de que o jornalismo é capaz de promover, de acordo com seus próprios interesses, o que merece ser celebrado ou comemorado publicamente, e, nesse ato, promove-se também o que será esquecido.

Assim, entendemos que para pensar sobre as memórias do município de São João da Canabrava, a partir do jornalismo local, é preciso levar em consideração o conteúdo das matérias dos dois portais escolhidos como objeto de estudo, atentando para o que foi publicado sobre a cidade, o que não foi e a forma como foi veiculado. É a partir disso que podemos questionar o que esses elementos representam, por que foi feito dessa forma e o que fica de vestígios de memórias da cidade, assim como o que acaba sendo silenciado e esquecido.

São João da Canabrava no jornalismo

São João da Canabrava possui uma rádio comunitária, a Educadora FM, e um site de notícias, o Canabrava News. Pela proximidade com a cidade de Picos, onde a comunicação e o jornalismo local têm presença relevante e atuação proeminente com diversos veículos midiáticos, o município ao qual se refere este trabalho acaba recebendo informações da cidade vizinha, visto que nesta cidade trabalha-se com notícias de toda a macrorregião. Além dos veículos noticiosos da região que abrange os municípios citados anteriormente, as mídias da capital, Teresina, terminam por ter alcance em todo o Piauí, podendo também noticiar pautas relacionadas ao que acontece no interior.

Em busca de entender como a cidade aparece nas notícias de sites piauienses, fizemos a primeira busca por palavras-chave. Um total de 10 sites de caráter local e estadual registraram notícias sobre o município, sendo eles: 180 Graus, GP1, Cidades em Foco, Meio Norte, Canabrava News, Portal o Dia, Cidades na Net, G1/PI, Cidadeverde.com e Folha Atual, pertencentes às cidades de Picos, São João da Canabrava, Jaicós e Teresina. Lembramos que somente dois deles foram responsáveis pelas matérias originais, ou seja, os demais apenas replicaram as notícias que já existiam, por isso, foram descartados para fins desta análise.

À exceção dos sites Canabrava News e Folha Atual, de São João da Canabrava e Picos, respectivamente, os veículos digitais jornalísticos piauienses publicam notícias de São João da Canabrava sem apurar, sem investigar e sem produzir. Eles deixam de fazer o básico do jornalismo e se atrelam à facilidade da reprodução do material feito pelo site local e pelo outro da cidade de Picos.

Acreditamos que, mesmo utilizando de uma ação questionável do ponto de vista ético, esses sites ajudam a expandir o noticiário de São João da Canabrava, fazendo com que as pautas sobre essa cidade alcancem um número maior de pessoas do que alcançariam pelas mídias locais.

Embora, não entendamos como justificativa para tal comportamento, reconhecemos que o endereço físico desses sites está em cidades geograficamente distantes, o que dificulta a acessibilidade até o local da notícia. Ao mesmo tempo, compreendemos que as tecnologias da comunicação e da informação possibilitam o contato de forma remota e facilitada. Sendo assim, a notícia poderia ser apurada e redigida de forma original, apesar do distanciamento físico entre o município e as redações jornalísticas.

Considerando o papel do jornalismo na construção de memórias, vemos que dessa forma, os jornalistas contribuem para muito além de informar. Ou seja, ao registrar acontecimentos de uma determinada cidade, tais profissionais estão também contribuindo com a construção da memória local.

No decorrer de toda a análise, notamos que a cidade vem ocupando seu espaço no jornalismo piauiense e, por conseguinte, construindo sua memória por esse meio, através dos registros realizados. Entretanto, a comunidade canabravense vem sendo representada pelo jornalismo de uma forma noticiosa.

Vestígios de memória no jornalismo

No presente tópico, apresentamos os dados relativos aos dois sites cujas notícias com produção original sobre São João da Canabrava foram encontradas na busca pela plataforma Google. Ao todo, encontramos 323 notícias sobre o Município, considerando o período de janeiro de 2019 a abril de 2020. Desse total, 247 foram veiculadas pelo Canabrava News, site local, e 76 pelo Folha Atual, site de Picos, nos últimos 16 meses.

O número encontrado é considerado baixo, quando olhamos para o período que compreende a amostra. Se dividíssemos o total de notícias veiculadas pelo número de meses, daria uma média de 20 textos jornalísticos por mês, menos de uma notícia por dia sobre São João da Canabrava. Isso significa que a contribuição do jornalismo para a construção da memória do município pode ser considerada pequena, uma vez que a pouca presença na mídia *on-line* piauiense pode conduzir a esquecimentos.

Como diz Pollak (1989, p. 7), “no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento”. Ou seja, considerando o pensamento do autor, entendemos que de alguma forma as editorias com número menor de publicações, estão possivelmente caminhando para o esquecimento.

Embora o quantitativo de notícias encontradas seja pequeno diante do período, entendemos que de alguma forma as 323 notícias representam uma colaboração para a construção da memória do município, uma vez que o jornalismo é um dos colaboradores, dentre vários outros, no registro da memória. Contudo, o papel da conservação da memória de São João da Canabrava, provavelmente, está sendo desempenhado por outras maneiras muito mais que pelo jornalismo.

Após a contagem das notícias, identificamos as temáticas mais abordadas e, a partir delas, conduzimos a análise de conteúdo a respeito das categorias, que correspondem às editorias de notícias. O site Canabrava News, de certa forma, facilitou o trabalho, pois as notícias são postadas com tags, que indicam a editoria do material noticiado, conduzindo o leitor a acessar o que foi postado.

Assim, do total de 323 notícias, o primeiro lugar entre as temáticas mais publicadas ficou com a editoria de Entretenimento, com 120 matérias; depois, Política, com 59; Esporte, 49; Saúde, 37; Educação, 31; Economia, 11; Cultura, 10; e Polícia mantendo-se na última posição, com apenas 6 matérias publicadas durante 16 meses, período esse estipulado na análise de conteúdo, conforme vemos no Gráfico 1.

Gráfico 1 — Distribuição das notícias pelas editorias encontradas



Fonte: elaboração dos autores

A editoria com maior destaque entre a amostra avaliada foi a de Entretenimento. Ela contemplou o maior número de notícias, com 37% do total de matérias da amostra. São matérias que retratam ações de alguns órgãos públicos do município canabravense, a exemplo da notícia de título “**Grupo feliz idade participa de confraternização natalina**” (CARVALHO, 2019), publicada no dia 16 de dezembro de 2019, pelo site Canabrava News. As matérias dessa categoria falam sobre o trabalho que o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) do município de São João da Canabrava realiza na comunidade. Matérias jornalísticas com esses títulos possuem maior probabilidade de se manter na memória coletiva, devido se tratar de eventos que envolvem toda a comunidade de um determinado grupo específico.

Desse modo, apontamos, de acordo com a pesquisa, que os sites Canabrava News e Folha Atual se destacaram em publicações de Entretenimento, ou seja, dando visibilidade ao fator divertimento para seus leitores e internautas. A quantidade de 120 notícias na editoria de Entretenimento está relacionada às ações sociais realizadas pelo CRAS do município de São João da Canabrava no que diz respeito a eventos festivos, como por exemplo “**Social de São João da Canabrava promove roda de conversa com mulheres**” (COSTA, 2020), postada em 10 de março de 2020, pelo site Folha Atual.

O Folha Atual, nada diferente do Canabrava News, tem, no topo, a editoria de Entretenimento como campeã de publicações. Essa editoria também mantém um patamar de

divulgações relacionadas a ações que os órgãos públicos do município de São João da Canabrava realizam. Temos como exemplo essa matéria “**Prefeita Mércia Abreu promove festa em homenagem às servidoras pelo dia da mulher**” (COSTA, 2020), do Folha Atual, em 7 de março de 2020.

Podemos observar que a matéria citada contém pouco texto e apenas uma fala de fonte oficial. Dessa forma, entendemos que não se ouviu o que teriam a dizer as demais fontes “não oficiais” que estavam presentes no evento. A notícia foi composta por uma quantidade expressiva de fotos.

A categoria Política conta com 59 notícias, ou 18% das matérias publicadas e consideradas na amostra, ocupando o 2º lugar no gráfico 1. Dentre elas temos a notícia intitulada “**Edilberto Lima toma posse como prefeito de São João da Canabrava**” (ROCHA, 2019), postada em 1º de janeiro de 2019, pelo site Canabrava News. Ao analisar o texto foi detectado que não houve a fala de nenhuma fonte oficial e não oficial sendo o texto totalmente descritivo. Ou seja, um relato do que aconteceu em alguns momentos da solenidade.

No quesito Esporte, foram 49 notícias, representando 15% do total. O Município promove campeonatos municipais entre as localidades e isso acaba gerando produtos de notícias, como encontramos no site Canabrava News e Folha Atual. Ocorreu de os sites trabalharem a mesma pauta, como a “**Secretaria de esportes de São João da Canabrava lança campeonato de futebol 2019**” (ROCHA, 2019) matéria postada em 16 de maio de 2019, pelo site Canabrava News. Além de ser um conteúdo noticioso, pode ser considerado também de algum modo um incentivo para a prática de esportes no município.

A editoria de Saúde, por sua vez, assume um papel importante na sociedade. As matérias divulgadas nos sites analisados alcançaram um número de 37 notícias, isso representa 11% do total de notícias, o que pode ser considerado um número pequeno. Mesmo sendo uma temática tão relevante para a vida humana, ocupou somente o quarto lugar no gráfico 1.

A matéria com o título “**Saúde reforça combate ao novo coronavírus**” (ROCHA, 2020), do site Canabrava News, veiculada no dia 10 de abril de 2020, é um exemplo de notícia encontrada nos sites durante a análise de conteúdo. Nesse caso, podemos levar em consideração que a pandemia da covid-19 afetou a produção de noticiários no mundo todo, o que não foi diferente no contexto analisado. Não basta noticiar sobre a situação do Piauí de forma geral, é

importante que os sites tragam também informações localizadas, uma vez que cada município pode apresentar uma realidade.

Entendemos que as matérias publicadas em relação à saúde tratam-se de campanhas voltadas para um determinado público específico, segundo um agendamento noticioso. Mesmo assim, contribuem para a memória do município, embora seja uma colaboração que oportuniza o arquivamento de pontos de vista e informações a partir de fontes oficiais, as únicas ouvidas na matéria.

Na editoria de Educação, os conteúdos noticiosos enveredam pelo caminho de informar aos pais e alunos sobre o início das aulas e apresentam também algumas notificações sobre determinados eventos que envolvem professores e demais colaboradores da educação no Município. Entre as 31 notícias encontradas (9,5%), está a matéria, encontrada no site Canabrava News, “**Educação inicia jornada pedagógica nesta segunda-feira (18)**” (ROCHA, 2019), publicada em 18 de fevereiro de 2019.

Com isso, identificamos que, de algum modo, o exemplo que destacamos no parágrafo acima se refere a um comunicado importante para toda a comunidade educacional e contém grande relevância como critério de noticiabilidade. Acrescentamos que, nesta matéria, não foi ouvida nenhuma fonte oficial e não oficial. De forma rápida e prática, foram apresentadas as informações básicas, mas sem entrevistados.

Ocupando a 6^o colocação no gráfico 1 temos a editoria de Economia, com apenas 11 matérias publicadas, correspondendo a 3,4% das publicações. Trazemos como exemplo o seguinte título “**Comercial Lima inaugura nova unidade no centro**” (CARVALHO, 2019), publicado em 22 de dezembro de 2019, pelo site Canabrava News. Notamos que a matéria contém vários entrevistados, como o empresário, que nesse caso é considerada a fonte oficial, e em seguida, clientes, que são caracterizados como fontes não oficiais, mas que exercem um papel importante para que a matéria jornalística seja de fato completa.

Quanto à editoria de Cultura, foram identificadas apenas 10 matérias, correspondendo a apenas 3% do total de notícias. Entre tais matérias, destacamos como exemplo “**Missa solene e procissão marcam encerramento do festejo religioso de São João da Canabrava**” (ROCHA, 2019), veiculada em 24 de junho de 2019, no site Canabrava News. Atentamos para um detalhe no título, que nos fez considerar uma matéria voltada para a cultura do município: a palavra “procissão” se refere a um acontecimento tradicional, realizado anualmente desde a origem de

São João da Canabrava. Com base nisso, registramos a matéria na editoria de Cultura, pela característica costumeira da comunidade de encerrar os festejos de São João Batista com uma missa e a procissão.

Ainda com base na análise, é interessante falar sobre a editoria que está, de certo modo, caminhando para o esquecimento, ao considerarmos a quantidade de matérias publicadas. Falamos da editoria de Polícia, com apenas 6 publicações, ocupando o último lugar no gráfico 1. A pouca representatividade indica que a temática pode estar, de alguma forma, sendo esquecida.

Por fim, problematizamos o pequeno número de matérias existentes nas editorias de Cultura e Polícia. Consideramos que caso algum estudante, jornalista ou historiador tenha contato com essas temáticas ou precise dessas informações, é possível que o número de resultados encontrados seja visto como baixo.

Considerações

A partir de um olhar sobre os dois sites que veicularam notícias próprias sobre São João da Canabrava, percebemos que a Prefeitura Municipal de São João da Canabrava integra os anunciantes, o que pode ser indicativo de um relacionamento de publicidade, que pode chegar ao jornalismo, por um olhar mais interessado ao que acontece no município, de modo que impulsiona a produção e não somente a reprodução de conteúdo.

Diante do que foi discutido, é notável que o entretenimento se destacou, enquanto que a cultura, um dos pontos essenciais da sociedade, que merecia ser lembrada pelo jornalismo, ocupou um patamar bem abaixo no *ranking* de conteúdos noticiosos. Fica um questionamento: qual o motivo de tantas postagens e valorização de uma única editoria em detrimento de outras tão relevantes do ponto de vista social?

A partir do que foi discutido neste trabalho e dos dados encontrados na análise de conteúdo noticioso, levantamos algumas questões: será que no município de São João da Canabrava não possui pautas sobre a editoria de Polícia para justificar o tão pouco espaço? A cidade não possui setor econômico que gere notícias? Não possui histórias de pessoas, aspectos culturais ou acontecimentos outros que mereçam o olhar jornalístico?

É claro que os vestígios de memória de São João da Canabrava que vêm sendo construídos através do jornalismo *on-line* piauiense indicam uma forma de visibilidade para o

município, pois, certamente, antes do surgimento desses sites local e regional, é provável que a conservação da memória estivesse relegada principalmente à oralidade e aos documentos oficiais. Com o avanço tecnológico e a expansão do jornalismo *on-line* no Piauí, São João da Canabrava foi conquistando certo espaço no jornalismo piauiense.

Mas esses são pontos a se pensar, uma vez que o jornalismo tem um papel de relevância na construção de memórias coletivas. Aquilo que é veiculado informa a sociedade de então, mas também pode se constituir como arquivo de memórias e, mais que isso, pode ajudar a construir a própria memória coletiva.

Com tais questionamentos esperamos incitar o leitor a pensar sobre isso e, especialmente, inquietar o jornalismo, nas suas práticas cotidianas. Além disso, desejamos que outras pesquisas nasçam dessas indagações, contribuindo para a reflexão sobre esses campos - do jornalismo e da memória - que se encontram no aspecto social.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez., 2006. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1458>> Acesso em: 29 maio 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CARVALHO, Adailson Expedito: Comercial Lima inaugura nova unidade no centro - **Canabrava news** [São João da Canabrava] 22 dez.2019. Disponível em: <https://www.canabranews.com/2019/12/comercial-lima-inaugura-nova-unidade-no.html>. Acesso em : 10 jul.2020.

CARVALHO, Adailson Expedito: Grupo feliz idade participa de confraternização natalina , **Canabrava News** [São Joao da Canabrava] 16 dez . 2019 Disponível em: <https://www.canabranews.com/2019/12/grupo-feliz-idade-participa-de.html>. Acesso em : 12 jul. 2020.

COSTA, Edson: Missa solene e procissão marcam encerramento do festejo religioso de São João da Canabrava - **Folha Atual** [Picos] 24 jun. 2019. Disponível em: <http://folhaatual.com.br/site/materia/20487/>. Acesso em : 10 jul.2020.

COSTA, Edson: Prefeita Mércia Abreu promove festa em homenagem às servidoras pelo dia da mulher - **Folha atual** [Picos] 7 jul. 2020. Disponível em: <http://folhaatual.com.br/site/materia/23218/prefeita-mercica-abreu-promove-festa-em-homenagem-as-servidoras-pelo-dia-da-mulher>. Acesso em: 14 jul.2020

COSTA, Edson: Social de São João da Canabrava promove roda de conversa com mulheres - **Folha atual** [Picos] 10 mar . 2020 Disponível em:

<http://folhaatual.com.br/site/materia/23243/social-de-sao-joao-da-canabrava-promove-roda-de-conversa-com-mulheres>. Acesso em: 13 jul.2020.

FERREIRA, Mayara. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <<https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=1107864&key=4f52dc12f479282d0a8d360c5a30603c>>, Acesso em: 6 jun. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. São João da Canabrava. **IBGE Cidades**, c2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/sao-joao-da-canabrava/panorama>. Acesso em: 13 mar. 2021.

NEWS, Canabrava: Saúde reforça combate ao novo coronavírus - **Canabrava news** [São João da Canabrava] 10 abr.2020. Disponível em: <https://www.canabranews.com/2020/04/saude-reforca-combate-ao-coronavirus-e.html>. Acesso em : 10 jul.2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Houry. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 31, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 12 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>> Acesso em: 19 jul. 2020.

RÊGO, Ana Regina. Jornalismo e memória: entre o tempo e a ética. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10, 2012, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012. p. 1-20. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/1784/118>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ROCHA, Antonio: Edilberto Lima toma posse como prefeito de São João da Canabrava - **Canabrava news** [São João da Canabrava] 1 jan. 2019. Disponível em: <https://www.canabranews.com/2019/01/edilberto-lima-toma-posse-como-prefeito.html>. Acesso em: 10 jul.2020.

ROCHA, Antonio: Secretaria de esportes de São João da Canabrava lança campeonato de futebol 2019 **Canabrava news** [São João da Canabrava] 9 mai. 2019. Disponível em: <https://www.canabranews.com/2019/05/secretaria-de-esportes-lanca-campeonato.html>. Acesso em : 10 jul.2020.

ROCHA, Antonio: Educação inicia jornada pedagógica nesta segunda-feira (18) - **Canabrava news** [São João da Canabrava] 18 fev.2019 . Disponível em:

<https://www.canabranews.com/2019/02/educacao-inicia-jornada-pedagogica.html>. Acesso em : 10 jul.2020.

A atuação jornalística na construção de memórias sobre personagens locais

NOMES

Yelle Soares de Sousa
Vinícius da Silva Coutinho
Luana de Sousa Rodrigues Moura
Thamyres Sousa de Oliveira

AFILIAÇÃO

Universidade Estadual do Piauí, Brasil.

Introdução

Até que ponto estamos dando voz aos personagens locais? Cada vez mais se percebe que há uma valorização maior em algo distante da nossa realidade ao tempo em que acontece uma desvalorização de personagens locais. Por exemplo, olhar a biografia de grandes artistas é interessante, mas contar a história de uma pessoa da sua cidade pode ser estimulante para poucos. Da mesma forma acontece com o jornalismo, muitas vezes vemos notícias sobre algum movimento, pessoa, cantor, artesão e outras demais formas de ser e achamos aquela história muito interessante e até nos comovemos em alguns casos, mas olhar para artistas, pessoas e movimentos locais pode ser visto com certa indiferença. Através do jornalismo é possível dar voz a esses personagens locais que estariam à margem do esquecimento.

Diante disso, falar da atuação jornalística na construção de memórias sobre personagens locais é importante. Nesse sentido, destacamos como objetivo geral deste estudo compreender a importância do campo jornalístico na construção de memórias sobre personagens locais. Os objetivos específicos foram: a) estudar o conceito de memória e de jornalismo como um lugar de memória, b) entender qual papel o jornalismo desempenha ao produzir memórias de personagens locais e c) verificar como a construção de memórias locais pelo campo jornalístico pode contribuir com a sociedade.

Para tanto, a metodologia deste trabalho é composta por pesquisa bibliográfica e como técnica de análise utilizamos a análise de conteúdo temática. De acordo com Severino (2007, p. 122), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores”. O autor complementa ainda explicando que nesse tipo de pesquisa são utilizados dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e os textos se tornam fontes dos temas a serem pesquisados.

Ademais, Severino (2007, p. 121) destaca que a análise de conteúdo “trata-se de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações”. Dentro dessa técnica existe a análise de conteúdo temática, que segundo Bardin (1977, p. 105), consiste em “descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. Dessa forma, utilizamos esse método para analisar quatro livros-reportagens que deram espaço e,

consequentemente, construíram memórias sobre personagens locais, que anteriormente tinham suas vidas invisibilizadas e restritas.

No curso deste trabalho, abordamos a conceituação de memória e as suas interfaces, o jornalismo e o seu lugar de memória e como ele funciona enquanto lugar de memória para os personagens locais. Além disso, analisamos quatro livros-reportagens que contaram histórias de personagens locais, todos de autoria de jornalistas formados pela Universidade Estadual do Piauí, campus Picos. Assim, compreendemos a imensa importância do trabalho realizado pelo jornalismo ao construir memórias desses personagens locais que, na maioria das vezes, são silenciados e caem no esquecimento.

Compreendendo a memória

Para compreender a memória, o primeiro a ser dito é que a mesma se constitui a partir de uma mistura do individual com o coletivo, sendo que a memória coletiva exerce uma influência sobre o cotidiano de cada indivíduo. Se formos repensar, existe muita coisa que sabemos sobre nossa infância e que foi dita por um parente ou alguém próximo. Isso acaba fazendo parte da memória individual sobre nossa infância, mas teve total fundamentação no que foi passado por outra(s) pessoa(s). Daí, percebemos como as memórias individuais estão atreladas às coletivas, que as influenciam. E é nesse emaranhado de relações que se estabelece a memória e, posteriormente, surgem as lembranças. Contudo, não são apenas as lembranças que estão associadas à memória. Nora (1993) relata que a memória vive a dialética entre a lembrança e o esquecimento, é afetiva e constituída por lembranças vagas.

A memória é a vivida sempre por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; [...]. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. [...] é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (NORA, 1993, p. 9).

A memória pode ainda se tornar um artefato de poder e vemos claramente isso com as datas que comemoramos todos os anos, destacadas na memória coletiva. A maioria dos feriados

lembrados, pelo menos aqui no Brasil, são provenientes da igreja católica ou estão ligados à figura de heróis nacionais e/ou pessoas que tiveram grande destaque no período em que viveram. Isso representa a dominação da recordação, já que o nosso calendário está marcado por memórias atreladas ao poder (como a Igreja) e a quem tem notoriedade. Desse modo, a manifestação da memória favorece uns e esquece outros. Sobre esse assunto, Le Goff (1990) pontua:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, p. 476).

Para Halbwachs (1990), as memórias são características de grupos sociais. Sendo assim, os grupos sociais constroem uma memória coletiva sobre lembranças interpretadas não só por uma pessoa e sim por muitas. E assim observamos que a memória existe e se sustenta por meio da coletividade. Cada pessoa possui a sua memória individual, sim, mas no momento em que tenta evocá-la precisa se ater a algo presente no cenário coletivo: todo o contexto em que o acontecimento estava envolvido, as pessoas presentes nele, os objetos, as cores, os cheiros e por aí vai. Dessa forma, compreendemos que as memórias (coletivas e individuais) andam lado a lado, mas que as memórias coletivas oferecem um suporte maior de elementos à individual, sendo possível uma capacidade de evocação mais elevada. Como explica Halbwachs (1990):

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Halbwachs (1990, p. 26) acrescenta ainda que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”. Assim, pode-se dizer que o indivíduo constitui as lembranças, de maneira associado ao contexto, aos que estão a sua volta, como já citamos anteriormente. A lembrança se torna mais completa quando o indivíduo une suas lembranças pessoais, de certo modo isoladas, à série de elementos coletivos envolvidos naquele momento.

Seguindo a diante, Le Goff (1990, p. 426) pontua que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. Cabe a nós dialogarmos com os possíveis retraimentos e transbordamentos da memória, uma vez que ela ajuda a entrarmos em contato com as nossas raízes, com o social. O jornalismo é um dos campos que dialoga com a memória e torna-se cada vez mais um lugar de memória, ao qual podemos recorrer para conhecer determinadas conjunturas, seus enquadramentos e silenciamentos.

O jornalismo e o seu lugar de memória

Embora o jornalismo não tenha a função de trabalhar como um lugar de memória, Rêgo (2012) relata que ao nos voltarmos para esse material percebemos fatos já ocorridos que aparecem com marcas de um tempo presente.

[...] consideramos o jornalismo como lugar de memória, a partir de novos olhares sobre o texto jornalístico em um momento posterior a seu tempo de produção, pois o texto jornalístico continua, mesmo situado no passado e falando sobre um determinado presente, a reunir as três condições essenciais de consolidação de um lugar mnemônico, ou seja: material, funcional e simbólica. (RÊGO, 2012, p. 14).

Portanto, o jornalismo é um lugar de memória, em que os jornalistas escrevem através do que as fontes, que compõem a memória coletiva do acontecimento, relatam. Corroboramos o entendimento de Ferreira (2016), que afirma que as notícias ajudam na compreensão do mundo, fazendo a seleção das pautas para ir a campo e contribuindo para que assuntos sejam lembrados ou relegados ao esquecimento. Quando nos referimos a tais assuntos, podemos incluir entre eles alguns personagens que, de certo modo, foram esquecidos ou silenciados. Na tentativa de dar notoriedade ao que dizem as fontes oficiais, homens públicos⁷ e celebridades, a memória do homem e da mulher que não se encaixa nessa condição de evidência fica apenas no imaginário de pessoas que estão ao seu redor e muitas vezes não chegam ao jornalismo.

Como já foi dito, o jornalismo pode ser visto como um canal para dar visibilidade a temas, pessoas e histórias, e, posteriormente, tornar-se um lugar de memória onde poderíamos buscar para evocá-las. Mas, temos uma série de memórias que não foram evocadas e que podem, como

⁷ No sentido de ocupar cargos públicos.

diz Nora (1993), não estar em lugar algum. Nora (1993, p. 18), ao dizer que “quando a memória não está em todo lugar ela não estaria em lugar nenhum”, abre um parêntese para as memórias que são vividas coletivamente. O autor explica que elas têm a necessidade de “homens particulares que fazem de si mesmos homens-memórias” (NORA, 1993, p. 18). Pode-se considerar o jornalismo como esses “homens-memórias”, pois através do jornalismo é possível dar visibilidade e voz para memórias que antes não estariam em lugar nenhum e, assim, perderiam-se, não podendo mais ser evocadas.

Reconhecemos que o jornalismo faz a proporção de assuntos que podem entrar no noticiário. Trata-se de uma lógica da produção e até mesmo do consumo. Para Ferreira (2016), esse processo de seleção e disputa, que acontece no caminho de produção da notícia, é refletido na definição sobre o que se vincula às memórias das sociedades por meio do campo jornalístico.

Ferreira (2016) ainda explica que as pessoas querem consumir notícias que trazem confiança, elas procuram por comunicados que tratem de veracidade e transparência, fatos reais. De acordo com Ferreira (2016, p. 38) “o jornalismo é um dos mais importantes meios que selecionam aqueles que serão veiculados, conhecidos e reconhecidos”. E, justamente, por fazer essa seleção o próprio jornalismo pode gerar o esquecimento de muitas pessoas. Dessa forma, a escolha do tema que vai ser retratado, as imagens que serão utilizadas e até mesmo as fontes escolhidas podem fazer com que pessoas e histórias sejam esquecidas.

Outro ponto que pode ser observado em relação à seleção do que vai ser veiculado são as histórias que são contadas pela ótica de personagens. A voz que poderia ser dada para uma pessoa que vivencia de fato determinada situação é silenciada pelo uso de outros personagens, de certo modo alheios àquela conjuntura, fazendo com que também haja um esquecimento, mesmo que a história seja contada. Dessa forma, buscamos entender como o jornalismo constrói as memórias dos personagens locais e demos continuidade ao nosso estudo.

O jornalismo como lugar de memória para personagens locais

O jornalismo apresenta, narra fatos e relata histórias de vidas dos personagens que têm alguma contribuição para a compreensão de acontecimentos. Na profissão de jornalista, é bem comum ter contatos com fontes por meio de personagens, investigando suas histórias, mas muita informação, muitos personagens da cultura local, acabam caindo no esquecimento.

Nesse sentido, Halbwachs (1990, p. 60) revela que “não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”. Dessa forma os personagens ganham voz, pois suas histórias vão ser lembradas e, com isso, narrativas que serão importantes para algum determinado local receberão notoriedade. Desse modo, esses personagens têm uma contribuição pelo seu local de naturalidade.

Muitos povos não conhecem suas raízes. O jornalismo tem essa possibilidade de enfatizar memórias que algumas pessoas nunca tinham ouvido falar e que estavam imersas, restritas a um pequeno grupo. Ao longo de suas trajetórias, as pessoas se inserem e dialogam com os percursos feitos pelos grupos sociais dos quais fazem parte. Assim, destina-se à memória um papel de grande relevância social e, ao mesmo tempo, os relatos jornalísticos produzem e registram memórias, que podem ser utilizadas em tempo real e, posteriormente, levar ao público o conhecimento de tais temáticas. Compondo, dessa forma, essa aliança entre a memória e o jornalismo.

Nesta pesquisa, buscamos analisar a importância do campo jornalístico na construção de memórias sobre personagens locais e nos focamos no jornalismo praticado por meio de livros-reportagens produzidos por egressos da Universidade Estadual do Piauí - Campus Picos. Segundo Lima (2004), o livro-reportagem foge da ideia de periodicidade e da pressão imposta ao jornalismo do cotidiano, busca apresentar reportagens em grau de amplitude superior e, muitas vezes, é fruto de inquietações de jornalistas que tem algo a dizer, mas não encontram espaço de trabalho na imprensa cotidiana.

Os livros-reportagens podem ser um meio para evocar as memórias de pessoas que podem até ter sido esquecidas, mas possuem episódios que podem fazer parte de uma micro-história. Segundo Burke (1992), o princípio unificador de toda pesquisa de micro-história é a crença de que a observação microscópica pode trazer fatos que não foram observados. Embora a narrativa jornalística se diferencie da narrativa histórica, acreditamos que possa haver uma proximidade entre o trabalho da micro-história e dos livros-reportagens, pois muitos recorrem a personagens esquecidos ou invisibilizados pela sociedade, que ganham notoriedade por meio desse espaço.

Nesta seção, realizamos a análise de conteúdo. Para isso, selecionamos quatro produtos jornalísticos (livros-reportagens). A escolha dos livros-reportagens se deu por conveniência, a partir da proximidade dos pesquisadores com os autores dos livros-reportagens. A Universidade Estadual do Piauí (UESPI) não possui uma biblioteca digital onde os pesquisadores poderiam ter

contato com todo o acervo de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em jornalismo, fato que dificultou o acesso aos possíveis materiais que poderiam ser analisados. Dessa forma, um dos critérios levados em conta na escolha do material foi a possibilidade de acesso, por parte dos pesquisadores, aos livros-reportagens que seriam utilizados nesta pesquisa.

Os livros-reportagens dedicaram seus espaços à abordagem de personagens locais, nesse caso, da macrorregião de Picos, no Piauí. Todos oriundos da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Professor Barros Araújo, em Picos-PI, mesma instituição dos autores desta pesquisa. Os livros são: “O trabalho das castanheiras da Serra da Mirolândia: retratos da realidade” (TEIXEIRA, 2018), do jornalista Queilan Tixeira, “Só os teimosos persistem” (COSTA; IBIAPINO, 2011), das jornalistas Laíse de Jesus Leal Costa e Teresa Cristina Fontes Ibiapino, “Mãos que trazem à luz: memórias das parteiras de Oeiras-PI” (NASCIMENTO, 2018), da jornalista Sandy Swamy Silva do Nascimento e “Piauí. O filho do sertão. Trajetória de Francelino de Souza Araújo” (GONÇALVES, 2017), da jornalista Maria Isabel de Lima Gonçalves.

Bardin (1977) revela que a investigação de temas, por meio da análise temática, torna-se rápida e eficaz ao se aplicar a discursos diretos e simples. Assim, após leitura e familiarização com os conteúdos dos livros-reportagens, os textos foram analisados em três categorias temáticas: a) os personagens abordados nos livros, b) as contribuições do livro para a memória e c) o livro-reportagem como lugar de memória para a cidade.

Conhecendo histórias

No livro-fotorreportagem “O trabalho das castanheiras da Serra da Mirolândia: retratos da realidade” (TEIXEIRA, 2018), as personagens locais que ganharam destaque, sendo protagonistas, foram as castanheiras⁸. O livro apresenta a história de personagens, tais como: Roselma, Dona Maninha, Dona Citonha, Dona Maria Doleci e Dona Inês. Pessoas que até então eram anônimas e, de certo modo, invisíveis perante a sociedade, mas que todos os dias pegam ‘duro no batente’ para sobreviver. Para o autor do livro, contar a história, principalmente, dessas mulheres é:

⁸ Mulheres que vendem castanhas de caju assadas

Texto 01: Mostrar a simplicidade de pessoas que sobrevivem da terra e que, apesar de todas as dificuldades, se mostram felizes e gratas fez toda a diferença no meu projeto, pois nada aqui foi manipulado ou ensaiado, são retratos da realidade (TEIXEIRA, 2018, p. 90).

O livro mostra a vida, a experiência, as dificuldades e as expectativas de cada um dos envolvidos com a castanha, na serra da Mirolândia. Esses aspectos da obra compõem o contexto social e o trabalho realizado pelas castanheiras dessa comunidade. De acordo com o próprio autor, o foco do livro volta-se para a mulher que é dotada de sensibilidades e multitarefas (mãe, esposa, dona de casa e castanheira), mas que não perde o sorriso devido ao trabalho árduo que possui. O livro não deixa de mostrar também a figura masculina, na lida com a castanha, já que os homens são os responsáveis pela terra das castanhas.

A história contada por Queilan Teixeira vem de uma das serras mais altas do município de Picos, no Piauí. O jornalista se utilizou da fotografia, em maior parte do livro, para apresentar o cotidiano das castanheiras da Mirolândia. No livro, o autor relata que o cajueiro, o caju e a castanha fazem parte da realidade e cotidiano intrínseco de cada morador do local. Até mesmo para aqueles que não trabalham, diretamente, com a castanha.

O livro se torna de imensa relevância por trazer à tona a realidade daquelas castanheiras e também chama a atenção dos poderes públicos responsáveis pelas situações de vida que as mesmas são impostas.

Texto 02: Castanheiras sem seguro de vida, com ausência de carteira assinada, desassistidas por protocolos de segurança no trabalho e, muitas delas, sem contribuição à previdência social podem causar conclusões em desconhecedores afincos da realidade das mesmas, que o caos e o sofrimento de vida está ali, reunido num só território (TEIXEIRA, 2018, p. 11).

Com esse lugar de fala concedido a essas personagens locais, as castanheiras, nota-se como essas mulheres são desassistidas e não têm os seus direitos assegurados e postos em prática. Mesmo assim, segundo contaram ao autor do livro, jamais desejam deixar de fazer o que fazem, já que aprenderam desde pequenas a tirar da terra o seu sustento. Pelo contrário, “o que querem é investimento político para que possam se tornar uma comunidade organizada em torno do trabalho com a castanha” (TEIXEIRA, 2018, p. 72,).

Dessa forma, fica nítido como parte da memória e história dessas castanheiras não tem presença na grande mídia. Este livro-fotorreportagem foi um espaço oferecido a memórias que

viviam silenciadas. Entendemos que a vida e a história dessas pessoas apresentam diversas simbologias e não deveriam ser levadas ao esquecimento. Fazendo-se necessário, assim, que o poder público olhe para a situação descrita acima e realize intervenções cumprindo seu papel e o jornalismo, ciente da sua responsabilidade social, ofereça espaço para discussões como esta.

Dona Maninha, uma das personagens do livro, relatou ao autor que, enquanto aguentar, vai continuar trabalhando como castanheira e quer que digam “olha aquela velhinha ali, assando castanha”. Já Roselma, outra castanheira, comentou que é um desejo dela ficar conhecida, ter uma marca registrada e acredita que um dia isso pode acontecer.

Imagem 1 — Foto da capa do livro sobre as Castanheiras da Mirolândia



Fonte: Arquivo do autor do Livro

Para a memória, o livro contribui no sentido de trazer à tona personagens que possivelmente não teriam outros espaços para contarem suas histórias, histórias estas de protagonismo social. As castanheiras estavam silenciadas e por meio do jornalismo isso foi rompido. Muito provavelmente, caso essas histórias não tivessem sido contadas pelo jornalista Queilan Teixeira, cairiam no esquecimento. Consideramos, a partir disso, que o livro colabora para a construção da memória coletiva daquela região.

Para a cidade de Picos, no Piauí, fica o registro da história dessas personagens locais que, posteriormente, poderão ser conhecidas por pessoas das próximas gerações através da leitura desse produto jornalístico – e até mesmo dessa geração atual, como nós autores, que conhecemos essas mulheres por meio do livro-fotorreportagem, mas que ao passarmos mais uma vez pela BR-316 e olharmos para aquelas barracas de castanha, a vista nunca mais será a mesma, agora sabendo dessas histórias. Assim, tais gerações saberão sobre a vida e o trabalho tão importante, desenvolvido por essas castanheiras, já que esse livro-fotorreportagem faz evocar memórias da história vivida naquele local. Na Imagem 1 vemos a foto escolhida para a capa do livro-fotorreportagem.

Já no livro-reportagem “Só os teimosos persistem” (COSTA; IBIAPINO, 2011) as jornalistas Laíse Costa e Teresa Cristina Ibiapino trouxeram a história do Grupo Cultural Adimó (GCA). A escrita do livro foi construída de forma bem afetuosa, onde o leitor consegue, realmente, visualizar cada história que foi contada no livro. O Grupo Adimó é uma ONG (Organização Não Governamental) que foi criada com intuito de dar voz ao movimento negro da cidade de Picos – PI e, segundo o livro, tem como objetivo: “o resgate a autoestima, estudo sobre a cultura negra, organizar a juventude, ações de combate ao racismo, promover debates e oficinas e contribuir para uma sociedade justa” (COSTA; IBIAPINO, 2011, p.13).

Outro papel importante do Grupo Adimó que o livro mostra é o de trazer lazer e entretenimento para crianças que vivem à margem do esquecimento na cidade, fazendo com que elas criem outra perspectiva de vida através do que é ofertado pelo GCA. Como exemplos retratados no livro vemos o incentivo ao esporte, com o time de basquete “Nêga Jurema”, e o concurso do “Beleza Negra”, onde as meninas negras têm oportunidade de exaltar a sua negritude sem medo de retaliação e, em muitos casos, até fazer um resgate do que foi escondido para ser aceito na sociedade.

Texto 3: O Grupo Cultural Adimó, desde 2007, tem ganhado espaço na mídia local, mas nenhuma se pautou a conhecer os primórdios, as dificuldades e realizações do grupo. Daí surge a necessidade de algo maior, que considere seus feitos dentro da comunidade picoense (COSTA; IBIAPINO, 2011, p. 02).

O texto 3 mostra uma reflexão que as autoras fizeram logo na introdução do livro de que apesar do GCA ser pautado, principalmente em datas comemorativas que remetem à cultura negra, poucas ou nenhuma matéria pensou em retratar as histórias do grupo Adimó. Através desse livro-reportagem, foi possível que se fizessem ouvir vozes de muitas outras pessoas que vivem à margem do esquecimento. Através do livro fica o registro de fatos que foram importantes para o GCA e para a sociedade em que o grupo está inserido.

Texto 4: Francisco das Chagas, o Mano Chagas. Homem de caráter marcante que com muita força de vontade criou e mantém um movimento social, como meio de combater toda forma de preconceito. O Grupo Cultural Adimó se propõe a trabalhar com crianças e adolescentes dando-lhes lazer e instrução (COSTA; IBIAPINO, 2011, p.2).

O texto 4 apresenta um dos personagens retratados no livro, o idealizador do grupo Francisco das Chagas, mais conhecido como Mano Chagas. Logo nas primeiras páginas o leitor tem contato com um pouco da história de vida do Mano Chagas, sua mente revolucionária e como surgiu a ideia da criação do Grupo Adimó. Sua história é retratada de forma mais detalhada no primeiro capítulo do livro, intitulado “Um lugar ao sol”, que foi destinado a contar a história de militância do Mano Chagas até a coragem de concretizar um sonho que deu origem ao projeto Adimó no ano de 2007. O GCA foi idealizado por Mano Chagas, mas ele teve ajuda de muitas pessoas para continuar dando voz para o projeto. Um ponto muito interessante do livro é mostrar que Mano Chagas teve ajuda de sua então esposa, Zélia, e de suas filhas, Anajara e Anatalia, na construção e sustentação do projeto, principalmente na dança, que é uma das bases fundamentais do projeto.

Texto 5: [...] o basquete como também o grupo, é proveitoso porque me ocupa, eu poderia estar na rua bebendo ou fazendo outra coisa, mas hoje eu só tenho tempo pra estudar e jogar. O trabalho desempenhado pelo grupo faz muita diferença, constituindo uma cadeia de educação onde os mais veteranos são exemplos adotados como irmãos mais velhos (COSTA; IBIAPINO, 2011, p.23).

O texto 5 mostra uma parte do capítulo que fala sobre o time de basquete “Nêga Jurema”. O trecho mostra a importância do esporte que para o grupo vai muito além de uma atividade física. O time “Nêga Jurema” teve um papel importante no projeto e na construção de um futuro

diferente para os jovens que participaram. As autoras trouxeram relatos de meninos que mudaram seus hábitos pelo acesso e contato com o time. Através desses relatos, foi possível dar voz para quem, provavelmente, seria silenciado pela grande mídia. Trazer o relato desses meninos é também construir uma memória pela ótica deles e, assim, ver e entender todo o contexto do GCA pelo olhar de quem conseguiu mudar de vida devido ao apoio que recebeu no GCA.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas pela falta de dinheiro e material para treino, o time conseguiu participar de torneios estaduais e até regionais. Isso mostra que os garotos e garotas que participaram desse projeto tiveram a oportunidade de enxergar para eles uma nova perspectiva de futuro.

Além da história do surgimento do concurso “Beleza Negra”, o livro traz um capítulo intitulado “Os meninos do Tio Chagas” que conta o relato de dois jovens que conseguiram mudar de vida após conhecer e começar a participar do GCA. Com isso, é possível perceber a importância do projeto para a cidade de Picos e como o livro-reportagem foi e é importante para contar essas histórias e dar voz para essas pessoas que, possivelmente, seriam silenciadas.

Segundo Pollak (1989, p.14), “[...] o silêncio, além da acomodação ao meio social, poderia representar também uma recusa em deixar que a experiência do campo [...] fosse integrada em uma forma qualquer de "memória enquadrada" [...]”. Dessa forma, o silenciamento, que possivelmente aconteceria se não fosse o livro-reportagem, impediria que algumas experiências vivenciadas através do GCA não fossem compartilhadas.

O livro termina com o capítulo “Só os teimosos persistem”, o qual retrata que mesmo com as dificuldades e o cansaço visível no rosto de quem encabeça o projeto, o sonho de que ele perdure por muitos anos e traga ainda mais frutos é a sustentação para continuar.

Texto 6: Batalhando, o GCA tem alcançado fortes resultados. Muitas crianças já saíram das ruas, alguns já são homens ou mulheres que mudaram seu comportamento e estão aprendendo a viver de forma honesta e com dignidade, independente do conceito de outros, eles acreditam em si mesmos. Aos poucos o grupo tem ganhado visibilidade, levando conhecimento e cultura por onde passam, promovendo a igualdade entre os povos velhos (COSTA; IBIAPINO, 2011, p. 59).

O texto 6 traz alguns dos trechos finais do livro a partir dos quais é possível ver alguns resultados que já foram alcançados pelo projeto. O livro-reportagem trouxe memórias que, hoje, estão ali, disponíveis para ser evocadas a qualquer momento. Sendo assim, é possível perceber que o livro-reportagem tem um papel importante para a construção da própria memória, tendo em

vista de que nele foram retratadas histórias que de alguma forma marcaram o GCA. Em relação à cidade em que o projeto está inserido, Picos-PI, fica o registro dos jovens que tiveram uma mudança em suas vidas e o retrato da constante luta contra o racismo, preconceito e a busca por ter mais visibilidade para movimento negro. O livro-reportagem se tornou um lugar de memória para seus personagens, as ideologias do grupo e outros aspectos que, de certo modo, podem ter sido invisibilizados pela grande mídia.

Já o livro-reportagem de autoria de Sandy Swamy Silva do Nascimento e orientação de Lana Krisna de Carvalho Morais (coautora) mostra as histórias das parteiras tradicionais (Maria Aparecida, Elizabete dos Santos, Antônia Segundo, Maria Francisca e Maria Ferreira) e seu papel na zona rural do município de Oeiras-PI. O livro apresenta a realidade dessas mulheres marginalizadas.

Texto 07: Por muito tempo, foram as únicas a auxiliar no parto na zona rural, mas foram silenciadas pelas tecnologias e transferência do ambiente domiciliar cercado por vizinhas, comadres e familiares, para o hospitalar com grandes interferências e prioridades no agendamento para o parto cesariano (NASCIMENTO, 2018, p. 17).

No texto 7, a autora destaca a importância do livro para a memória ao pontuar sobre o silenciamento em que as personagens em questão são levadas. Com as mudanças e atualizações no âmbito da área da saúde, é notória uma maior valorização ao se tratar dos atendimentos feitos por profissionais diplomados. Contudo é importante não relegar os métodos que vieram antes ao esquecimento. E essa é uma das principais contribuições do livro, já que a atuação tradicional das parteiras é sempre priorizar a vida, configurando-se como uma prática de afeto e de laços de amor e cuidados, que demonstram a responsabilidade e compromisso dessas parteiras em garantir a vida. A autora destaca que pelas parteiras não existiria rivalidade entre conhecimento comum e o científico.

No livro, a autora explica que mitos e crenças que ela tinha sobre as parteiras foram contrariados ao se debruçar sobre a história e as peculiaridades das parteiras de Oeiras-PI (citar). Isso é um reflexo de não se dar a oportunidade para que as parteiras falem por si mesmas. Assim, a imagem que fica para o público (gravada na memória coletiva) sem levar em conta o que elas têm a dizer é fadada à imprecisão e à distorção. É criada uma imagem sobre elas sem antes ter conhecido realmente suas realidades. O livro-reportagem concretiza sua relevância social ao

trazer as memórias das parteiras e o seu protagonismo, não deixando que essas memórias fossem levadas ao esquecimento.

No capítulo “Arte de Partejar”, Nascimento (2018, p. 57) destaca que “ser parteira, às vezes, é por ofício, profissão ou simplesmente ajudar outra mulher que precisa. Muitas parteiras já perderam as contas de quantos meninos já pegaram”. As histórias contadas revelam a importância que essas mulheres desempenhavam para as grávidas de épocas anteriores, pois seus conhecimentos eram usados para que outras pessoas fossem curadas de várias doenças. Eram mulheres humildes, mas com um rico saber medicinal. Os aprendizados foram preservados na memória delas ao serem passados de uma geração para outra (a memória resistindo por meio da oralidade) e pelas experiências adquiridas ao longo de suas próprias vidas ao realizar cada parto.

Imagem 2 — Capa do livro-reportagem sobre as Parteiras de Oeiras-PI



Fonte: Arquivo da autora do Livro

O livro-reportagem “Mãos que trazem a luz: memórias das parteiras de Oeiras-PI” (NASCIMENTO, 2018) (Imagem 2) foi imprescindível para trazer à tona as memórias dessas mulheres que tiveram um papel importante na cidade de Oeiras. Por meio dessa obra, a história delas pode ser conhecida e valorizada por outras pessoas que possuam curiosidade de conhecer um pouco mais sobre sua trajetória de vida, que muitas vezes foi invisibilizada. O livro apresenta e constrói uma memória sobre o parto que está relacionada não só ao município de Oeiras, mas a vários lugares, tornando-se, assim, um lugar de memória para a cidade e para outras regiões. É importante destacar ainda que as parteiras desempenham forte papel até mesmo na colaboração com a medicina obstétrica.

Outro exemplo é o livro-reportagem “Piauí. O Filho do Sertão. Trajetória de Francelino de Souza Araújo” (GONÇALVES, 2017), que faz uma construção da memória do jornalista Francelino de Sousa Araújo, natural da cidade de Inhuma, no Piauí. O livro foi desenvolvido pela jornalista Maria Isabel de Lima Gonçalves e, no primeiro capítulo, a autora enfatiza a naturalidade do personagem e destaca que ele iniciou seus trabalhos na imprensa nos anos de 1960 a 1980 e parte da sua carreira profissional foi no Jornal Correio Popular, na cidade de Campinas, em São Paulo.

Texto 10: Francelino de Souza Araújo, nasceu no dia 8 de julho de 1926, no lugarejo Buriti Comprido, município piauiense de Inhuma, vindo de uma família humilde e numerosa, filho de José Isidório Araújo Sobrinho e de D. Benedita Maria de Sousa. Na genealogia, Francelino é o nono filho do casal (GONÇALVES, 2017, p. 10).

O texto acima começa a descrever o início de sua vida, pois o personagem nasceu no sertão do Piauí e dentro de uma família humilde. Outro fato importante na vida de Francelino, de acordo com a autora, foi sua ida para Campinas.

Texto 11: Como jornalista profissional, exercendo esse ofício por mais de duas décadas, trabalho esse desempenhado com excelência e magnitude, o que mais a frente lhe honraria títulos e grande reconhecimento com bons resultados. Francelino atuou na Imprensa de Campinas, como Articulista do Jornal ‘Correio Popular’ de Campinas desde 30 de outubro de 1956, passando pela Coordenadoria-Editorial do Jornal ‘Comércio e Indústria de Campinas’, autor de aproximadamente 1.200 artigos esparsos nos diversos órgãos de Imprensa, como ‘Diário do Povo’, ‘Jornal de Campinas’, ‘Hifen’ e revistas

‘Palmeiras’, ‘Mensagem’, ‘Luar do Norte’, ‘Roteiro’ e ‘Nosso Cantinho’ (GONÇALVES, 2017, p. 22).

A autora mostra o destaque do personagem em sua carreira como jornalista, que possibilitou que o mesmo ocupasse muitos cargos importantes. Aos olhos de outros foi um bom jornalista e o jornalismo literário foi a área com a qual ele mais se identificou. Segundo o livro, Francelino passou uma boa parte de sua carreira em São Paulo e dedicou-se à imprensa campineira durante 20 anos. A história do personagem merece ser contada por ter uma contribuição não só na imprensa em São Paulo, pois ele teve destaque no Piauí, deixando um legado valioso, por ter uma carreira profissional que merece ser contada pelas pessoas. Essa história apresenta um grande registro que enriquece o sertão.

A autora promoveu uma reflexão sobre o que o livro-reportagem pode significar para esse personagem, no tocante ao estudo e compartilhamento das suas memórias, para que pudessem ser transmitidas a outras pessoas enquanto algo de grande relevância histórico-cultural para o município em questão. Assim, é notório que esse fato, através da autora, conseguiu superar barreiras e chegar a outros lugares, fazendo com que a biografia de Francelino fosse prestigiada por muitas pessoas e tornando os acontecimentos nacionalmente conhecidos. Tendo destaque para a memória da cidade de Inhuma-PI, através dessas características que o livro reportagem apresenta, é possível produzir diversas interpretações sobre o conteúdo abordado no livro. É válido ressaltar que o personagem ajudava na imprensa, tanto local quanto regional. Dessa maneira, as suas habilidades com a imprensa levaram-no a expandir as suas ideias e seus textos literários, abordando de forma criteriosa a história do seu município.

Texto 12: Aspirante aos trinta anos de idade, Francelino, teve seu primeiro artigo publicado na Imprensa de Campinas no dia 14 de agosto de 1955. Registrado profissionalmente como Jornalista pelo direito de trabalho, DRT 27 Proc. Nº 166.219/70. Francelino, atuou na imprensa campineira por mais de 20 anos, sendo o Jornal Correio Popular o precursor da sua carreira jornalística (GONÇALVES, 2017, p. 23).

O texto 12 ressalta uma longa construção de sua carreira, pois o livro mostra seu destaque elevado no campo jornalístico. O personagem obteve evidência por ter obras como o registro de sua cidade natal. A construção de sua história se fez importante na medida que defendia, constantemente, seu estado com apoio fundamental da imprensa nacional. Em seu livro, Isabel de

Lima descreveu obras de Francelino. De acordo com a autora, a obra “Nas terras verdes do Nordeste” é um de seus relatos de viagens pelo Piauí.

Texto 13: No livreto ‘Nas terras verdes do Nordeste’, Francelino expressa em notas grandes lembranças de quando morava em Inhuma, a sua passagem por Oeiras cidade que morou por alguns anos, e visitas a algumas cidades onde moravam parentes e amigos tendo o cuidado de relatar histórias vivenciadas e retratar um pouco das características de cada cidade (GONÇAVES, 2017, p. 35).

Os quatro livros-reportagens que foram estudados contribuem para trazer uma memória e proporcionar às pessoas um conhecimento prévio sobre a história dos personagens citados nos livros-reportagens. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação entre as histórias de vida e o jornalismo, pois este se utiliza do recurso proveniente desses relatos. Esses depoimentos dados pelos os entrevistados, alimentam todo contexto desse tipo de trabalho e isso está atrelado à função do redator, pois ele descreve acontecimentos que ocorreram e ocorrem no espaço como todo.

Considerações

Diante das discussões ora apresentadas, consideramos que o jornalismo se constitui como um construtor de memórias e como um lugar de memórias para esses personagens locais que vimos anteriormente e para as comunidades em que os mesmos estão inseridos. Prova disso é que nós mesmos, autores deste trabalho, recorremos aos livros-reportagens para poder analisá-los e conhecermos as histórias dessas pessoas. Assim, fica nítida a importância de se dedicar espaços dentro do jornalismo para que o protagonismo social desses indivíduos seja visibilizado.

Outro ponto que as análises dos livros-reportagens mostraram é que todo lugar tem histórias e memórias interessantes para serem contadas, mas muitas vezes são silenciadas pela falta de interesse com o que é da nossa terra. Todos os livros analisados mostram que há sim histórias interessantes quando são retratados personagens locais. Um exemplo do silenciamento é quando as autoras do livro-reportagem “Só os teimosos persistem” trazem o fato de que muitas matérias jornalísticas da cidade (Picos-PI) pautaram o GCA, mas poucas ou nenhuma se interessou em contar sua história desde a criação. As matérias veiculadas em relação à ONG, geralmente, vinham em momentos comemorativos ou de alusão ao movimento negro. Se não

fosse o livro-reportagem, a memória que ficaria do grupo seria apenas desses eventos, o que não seria ruim, mas faltariam partes muito importantes como os relatos de jovens e adolescentes que mudaram de vida depois de conhecer o projeto e que seriam silenciados e, conseqüentemente, esquecidos.

Assim, consideramos que o jornalismo tem uma grande responsabilidade em construir memórias de personagens, principalmente, ao se tratar de personagens locais. Como vimos, contar a história das parteiras de Oeiras-PI é deixar um grande legado no que tange à preservação das lembranças locais e contribuir com a história sobre os partos para a sociedade em geral. Desse modo, o jornalismo se configura como uma das ferramentas utilizadas para que a memória não se perca e as vozes desses personagens locais não sejam silenciadas.

Por fim, destacamos a dificuldade em encontrarmos o acervo com abordagens sobre memórias locais. Observamos que é necessário que essas produções sejam visibilizadas, já que muitas ficam restritas à universidade e apenas um dos livros-reportagens analisados foi publicado. Dessa forma, uma das contribuições desta pesquisa para a memória é apresentar essas obras e levar mais conhecimento à sociedade sobre esses personagens locais e sobre o jornalismo como lugar de memória, tendo em vista que nós, autores, recorremos ao próprio jornalismo para construir este estudo. Conhecemos a história e as memórias dos personagens locais citados a partir das narrativas jornalísticas presentes nos livros-reportagens.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

COSTA, Laíse de Jesus Leal; IBIAPINO, Teresa Cristina Fontes. **Só os teimosos persistem**. Picos-PI: Uespi, 2011.

FERREIRA, Mayara. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=1107864&key=4f52dc12f479282d0a8d360c5a30603c>. Acesso em: 6 jun. 2020.

GONÇALVES, Isabel de Lima. Piauí. **O filho do sertão**: trajetória de Francelino de Souza Araújo. Picos-PI: Uespi, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas - SP: Unicamp, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004.

NASCIMENTO, Sandy Swamy Silva do. **Mãos que trazem à luz**: memórias das parteiras de Oeiras-PI. Picos-PI: Uespi, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

RÊGO, Ana Regina. Jornalismo e memória: entre o tempo e a ética. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10, 2012, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012. p.1-20. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/1784/118>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologias do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TEIXEIRA, Queilan. **O trabalho das castanheiras da Serra da Mirolândia**: retratos da realidade. Picos-PI: Uespi. 2018.

Autores

Adailson Expedito de Carvalho

Graduando em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Professor Barros Araújo; membro da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). É repórter do site Canabrava News e estagiário da TV Picos. E-mail: sargitariano1989@gmail.com

Ediara Sousa dos Santos

Formada no curso de Habilitação Profissional Técnico em Rádio e Televisão pela Escola Comradio do Brasil (2015). Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Professor Barros Araújo. Integra o grupo de estudo Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). E-mail: ersousa10@gmail.com

Erika Ravena da Silva Alves

Formada no curso Técnico em Eletrotécnica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Campus Picos. Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo - Picos. Integrante da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (JOEME) e do Projeto de Extensão em Assessoria de Imprensa e Comunicação Integrada em Organizações do Terceiro Setor (UESPI). E-mail: erika.ravena21@gmail.com

Géssica Lima Feitosa dos Santos

Formada no curso técnico em Informática pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Picos. Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Professor Barros Araújo - Picos. Integrante da liga acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). Integrante do Projeto de Extensão em Assessoria de Imprensa e Comunicação Integrada em Organizações do Terceiro Setor de Picos - Pi, na UESPI e integrante do Projeto de Iniciação Científica: Memórias do jornalismo impresso picoense no período da Ditadura Militar no Brasil, UESPI. Email: gessykahlma18@gmail.com

Lia Rachel Silva Marinho Barbosa

Formada no curso de Fotografia Digital pelo Senac. Graduanda em jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Professor Barros de Araújo - Picos. Participa da Liga acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). E-mail: rachelmarinho828@gmail.com

Luana de Sousa Rodrigues Moura

Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo - Picos. Integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo Estudos de Participação Social (GP NEPAS) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) - Campus Picos. Na UESPI, Campus Picos, participa da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). E-mail: luanadesousarodriguesmoura@gmail.com

Maria Aparecida Castro

Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Professor Barros Araújo. Integra a Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). Membro atualmente da pesquisa "Dossiê de Memórias do Jornalismo da Universidade Estadual de Picos - Campus Professor Barros Araújo". email: aparecida_arneiroz@hotmail.com

Marx Rodrigues de Moura

Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE). Título da Tese: A DISPUTA PELO DIREITO À SAÚDE NA CONTEMPORANEIDADE: uma análise da defesa de interesses nas Plenárias Nacionais de Conselhos de Saúde, Entidades e Movimentos Sociais e Populares. Orientadora: Dra. Mônica Rodrigues Costa. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialista em Contabilidade - Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Serviço Social - UFPE. Professor do Ensino Básico Técnico Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Participa da Unidade de Memória do Campus Picos (IFPI). Líder do Núcleo de Estudos de Participação Social no IFPI/CNPq. Membro da Liga Jornalismo, Memória e Educação na UESPI. E-mail: marxrodriguesdemoura@ifpi.edu.br

Mayara Sousa Ferreira

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação, História e Memória (Nehme-UFPI) e do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (Nujoc-UFPI). Professora do curso de Jornalismo da UESPI. Coordenadora da Liga de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme-UESPI). Seus trabalhos de pesquisa concentram-se nas áreas de comunicação, jornalismo, educação, história e memória. E-mail: mayarasousa@psc.uespi.br

Rutty Karinne Muniz de Souza

Formada no Curso Técnico Administrativo pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (2017). Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Professor Barros Araújo - Picos. Participa do Projeto de Extensão em Assessoria de Imprensa e Comunicação Integrada do Terceiro Setor (UESPI). Integra o Projeto de Iniciação Científica: MEMÓRIAS DO JORNALISMO IMPRESSO PICOENSE NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR DO BRASIL (UESPI). Membro do Grupo de Estudo Joeme - Jornalismo, Memória e Educação. E-mail: ruttykarinne5@gmail.com

Sheron Weide Alves Ferreira

Graduanda do curso de Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Professor Barros Araújo. Membro da Liga Acadêmica de Jornalismo Educação e Memória (JOEME), participa do Projeto de Extensão em Assessoria de Comunicação Integrada do Terceiro Setor, integra o Projeto de Iniciação científica: Memórias do jornalismo impresso picoense no período da ditadura militar no Brasil. Recentemente começou a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Educação no Sertão do São Francisco (Gephesf), vinculado ao Núcleo de Extensão e Pesquisa em História, Educação, Linguística e Literatura (NepheL) da Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina - PE. E-mail: sheronweide98@gmail.com

Thamyres Sousa de Oliveira

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela mesma instituição. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (Nujoc-UFPI). Professora do curso de Jornalismo da UESPI - Campus Professor Barros Araújo. Supervisora na Liga de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme-UESPI). Seus trabalhos de pesquisa concentram-se nas áreas de comunicação, jornalismo, história e memória. E-mail: sousathamyres91@gmail.com

Vinícius da Silva Coutinho

Graduando em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Professor Barros Araújo; integra a Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme) e o Projeto de Extensão Diálogos Comunicacionais, na UESPI. Também é formado no curso Técnico em Mineração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) - Campus Paulistana. E-mail: vinicouth.jornalismo@gmail.com

Yelle Soares de Sousa

Acadêmica do Curso de Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Professor Barros Araújo, em Picos. Atua na área de Assessoria desde o segundo período do curso, tem experiência em Assessoria Política. Atualmente, é estagiária da Prefeitura Municipal de Pimenteiras, assessorando o Comitê Municipal de Resposta Rápida ao Coronavírus de Pimenteiras-PI. Na UESPI, faz parte da Liga Acadêmica de Jornalismo Educação e Memória (Joeme). E-mail: yellesoares987@gmail.com



Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (JoEMe)

Universidade Estadual do Piauí

